

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**A REDE DO GOL:
Cartorialismo e Clientelismo na Estrutura Política Esportiva Brasileira (EPEB).**

WILLIAM R. A. PONTE

Juiz de Fora – MG
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A REDE DO GOL:

Cartorialismo e Clientelismo na Estrutura Política Esportiva Brasileira (EPEB).

WILLIAM R. A. PONTE

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCSO), área de concentração *Cultura, Poder e Instituições*, linha de pesquisa *Cultura, Democracia e Instituições*, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor.

Orientador: Professor Doutor Eduardo Antonio Salomão Condé

Juiz de Fora – MG
2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ponte, William Rezende Alves .

A REDE DO GOL : Cartorialismo e Clientelismo na Estrutura Política Esportiva Brasileira (EPEB). / William Rezende Alves Ponte. -- 2018.

138 p.

Orientador: Eduardo Antonio Salomão Condé

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2018.


1. Futebol. 2. Elite Política. 3. CBF. 4. FIFA. 5. Gestão Esportiva.
I. Condé, Eduardo Antonio Salomão, orient. II. Título.


WILLIAM REZENDE ALVES PONTE

A REDE DO GOL: Cartorialismo e Clientelismo na Estrutura Política Esportiva Brasileira (EPEB)”

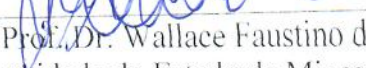
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Ciências Sociais por **William Rezende Alves Ponte**


Tese defendida e aprovada em 06 de agosto de dois mil e dezoito, pela banca constituída por:


Orientador: Prof. Dr. Eduardo Antônio Salomão Condé
Universidade Federal de Juiz de Fora


Membro Titular: Prof. Dr. Leonardo Silva Andrada
Universidade Federal de Juiz de Fora


Membro Titular: Prof. Dr. Ignácio José Godinho Delgado
Universidade Federal de Juiz de Fora


Membro Titular: Prof. Dr. Wallace Faustino da Rocha Rodrigues
Universidade do Estado de Minas Gerais


Membro Titular: Profa. Dra. Orcione Aparecida Vieira Pereira
Universidade do Estado de Minas Gerais

*Dedico ao Esporte Nacional e ao FUTBRAS.
Dedico a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuem para
manutenção da atividade esportiva e da cultura esportiva no Brasil.*

*Dedico aos meus professores, treinadores e a todos aqueles parceiros,
de campos e quadras, com quem já compartilhei o prazer de jogar
bola, o êxtase do gol e amizade de torcer.*

Dedico ao Jorge Biju.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Governo Brasileiro 2008-2016, período em que frequentei as salas da UFJF e de diversas outras instituições ligadas ao saber humano.

Agradeço a esta Banca Examinadora por sua pertinência, boa vontade intelectual e observações oportunas.

Agradeço a generosidade da orientação do Professor Eduardo Salomão Condé.

Agradeço a amiga Maria Inês pela atenção e tempo dedicado a impressão definitiva do trabalho.

Agradeço ao Professor Marco Túlio pelo resumo em inglês.

Agradeço aos meus avós maternos e paternos que sempre foram presentes nos momentos mais difíceis da vida até aqui.

Agradeço aos amigos de fé, adeptos de diversas variantes de espiritismo bem como aqueles amigos de diversas outras escolas religiosas.

Agradeço ao Otto, pois seu nascimento foi o empurrão final para o término desta etapa da vida.

Agradeço a Mãe do Otto, companheira de quase todas as horas.

RESUMO

A hipótese central é que **por detrás dos problemas econômicos e de gestão do esporte, existem questões essencialmente políticas que condicionam as ações dos diversos atores envolvidos** e possuem uma relação direta com a “gramática e os mecanismos de poder” tradicionalmente aplicados no esporte nacional. Desta forma, reflete-se uma maneira de enxergar e operar o esporte que aparentemente não parece se sustentar economicamente por muito tempo e é extremamente prejudicial à manutenção em bom nível da atividade esportiva. Em larga medida e parte do mesmo arranjo sistêmico, a aliança entre o capital, por meio dos diversos patrocinadores e principalmente pelas plataformas de distribuição e transmissão dos conteúdos esportivos com a *elite política do esporte no Brasil – EPEB*, vulgo *Cartolagem*, constituem o comando predatório das atividades esportivas profissionais no País, que se sustenta no atraso e na falência generalizada. Este arranjo é essencialmente forjado na prática *clientelista* apoiada em um mecanismo *cartorial* cujo principal ator vem sendo a EPEB e seus membros, de modo geral e em específico no caso do futebol analisado aqui. Esta *elite política* se perpetua em grande medida a partir da falência econômica e do atraso gerencial dos Clubes Brasileiros de Futebol- (CBdeF). Trata-se de presidentes e diretores de clubes, presidentes e diretores das federações estaduais, corpo dirigente da CBF e em casos recorrentes, membros da política convencional que transitam nos dois campos políticos, e empresários do setor. Para investigação da matéria utiliza-se de uma historicização do objeto e contextualização contemporânea, sem ignorar o passado relevante e que condiciona em alguma medida a trajetória até aqui, sendo o período mais relevante o dos anos 1990 até o presente. Considera-se fundamental o método neo institucionalista, o cenário atual do futebol nacional e seus principais atores, a estrutura de poder dirigente, os mecanismos que permitem a operação e perpetuação de tal poder, tal qual ele se configura, principalmente pela *gramática clientelista contemporânea em rede*, através de um evidente “*estado cartorial do esporte*”, apoiado essencialmente no *arranjo federativo* do desporto nacional, precisamente, as federações estaduais de futebol, configuração única quando comparado a qualquer outro país.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol, Elite Política, CBF, FIFA, Gestão Esportiva.

ABSTRACT

The central hypothesis is that behind the economical and management problems in sports lie political questions that define the actions of the involved agents. These questions have a direct relation with the “power grammar and mechanisms” traditionally existent in all national sports. Therefore, there is a way of understanding and managing sportive activities that can’t sustain itself economically and is harmful to a good management level. It is part of the same systemic arrangement the alliance between capital, through the sponsors and mainly the sportive broadcasting and distribution platforms, with the *political elite of sports in Brazil* – PESB, also known as “*Cartolagem*”. This constitutes the predatory command of professional sportive activities in the country, sustained by general failure and backwardness. This arrangement is based on the clientelist practice sustained by a notarial mechanism, whose main agents are the members of the PESB. These *political elite* maintains itself through the economic and management bankruptcy of Brazilian Soccer Teams (BST) and are part of it the teams president and directors, state federations presidents and directors, the directors of CBF and, recurrently, traditional politicians and businessmen. To investigate the subject it was used the historic and current context of the assessed objects, with the most important period dating from the 1990s until nowadays. The neo institutionalist method, soccer current scenario, its main agents and their power structure were taken into account for the purpose of understanding the operation and maintenance of this arrangement. It is also pointed that it is conducted through the current clientelist grammar network, combined with a “notarial situation of sport”, which is supported by the federative arrangement of national sports, specifically the state federations, creating a unique configuration when compared to other countries.

KEYWORDS: Soccer, Political elite, CBF, FIFA, Sportive Management.

LISTA DE FIGURAS, QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Figura 1 – Organograma Diretoria FIFA 2013	52
Figura 2 – O Círculo Vicioso de um Clube em Crise.....	98
Quadro 1 – Os 20 Clubes com Maiores Receitas no Mundo, 2012	92
Quadro 2 – Os 30 Clubes com Maiores Receitas no Mundo, 2017	93
Quadro 3 – Número de Sócios-Torcedores por Clube, 2015.	109
Quadro 4 – Número de Sócios-Torcedores por Clube, 2018.....	110
Tabela 1 – Os 25 Maiores Campeonatos Nacionais do Mundo, pelo Valor de Mercado dos Elencos Participantes.....	95
Tabela 2 – Os 25 Maiores Campeonatos Nacionais do Mundo (e os brasileiros na lista dos 60 maiores), pelo Valor de Mercado dos Elencos Participantes, 2017	96
Tabela 3 – Receita dos clubes com direitos de TV (R\$ Milhões)	100
Tabela 4 – Endividamento líquido dos clubes 2016/2017.....	103
Tabela 5 – Nacionalidade dos Jogadores Estrangeiros Atuando na Europa e Fora de seu País de Origem, 2014	106
Tabela 6 – Média de Público nos Campeonatos Nacionais pelo Mundo, 2011 a 2013.....	112
Tabela 7 – Taxa de Ocupação dos Estádios pelo Mundo, 2011 a 2013	113
Gráfico 1 – Evolução das Receitas Brutas dos principais CBdeF (em Bilhões de Reais), 2009 a 2012.....	101
Gráfico 2 – Total de Dívidas dos Principais Clubes Brasileiros (em Bilhões de Reais), 2010 a 2012.....	102

LISTA DE SILGAS E ABREVIACOES

AFA – Asociacin del Fútbol Argentino

APEA– Associao Paulista de Esportes Atlticos

AUF – Asociacin Uruguaya de Fútbol

CBD – Confederao Brasileira de Desportos

CBdeF – Clubes Brasileiros de Futebol

CBF – Confederao Brasileira de Futebol

CEDAE/RJ – Companhia de água e Saneamento do Estado do Rio de Janeiro

CLT – Consolidao das Leis do Trabalho

CMF – Copa do Mundo FIFA

CND – Conselho Nacional do Desporto

CSL – China Super Liga

DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda

EPEB – Estrutura Poltica Esportiva Brasileira

FA – Football Association

FBF – Federao Brasileira de Futebol

FEF – Federao Estadual de Futebol

FERJ – Federao de Futebol do Estado do Rio de Janeiro

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

FUTBRAS – Futebol Brasileiro

LRF – Lei de Responsabilidade Fiscal

LRFE – Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte

MLS – Major League Soccer

MP PROFUT – Medida Provisria Programa de Modernizao do Futebol Brasileiro

STJD – Superior Tribunal de Justia Desportiva

UCL – UEFA Champions League

UEFA – Union of European Football Associations

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – O FUTBRAS COMO OBJETO DE PESQUISA	15
1.1 – QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS: UMA SÍNTESE DA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DO FUTBRAS	20
CAPÍTULO 2 – O QUADRO TEÓRICO REFERENCIAL	32
2.1 – INSTITUCIONALISMOS	35
2.2 – HISTÓRIA, <i>CAMPO</i> , HOBSBAWM E BOURDIEU	40
2.3 – AS INTUIÇÕES E ALGUNS ATORES MAIS DESTACADOS	46
2.4 – FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO (FIFA)	49
2.5 – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF)	55
2.6 – AS REDES DE CLIENTELA E O CARTORIALISMO COMO INSTRUMENTO DE PODER NA EPEB	67
2.6.1 – CLIENTELISMOS	70
2.6.2 – A REDE DO GOL	78
2.6.3 – A CARTOLAGEM E O PREÇO DO CARIMBO	81
CAPÍTULO 3 – CONTINGÊNCIA ECONÔMICA E GESTÃO ESPORTIVA: A CONFIGURAÇÃO DO FUTBRAS PÓS CMF2014	82
3.1 – O FUTEBOL COMO SEGMENTO DE IMPACTO ECONÔMICO	82
3.2 – GESTÃO ESPORTIVA NO FUTBRAS E A CENTRALIDADE DA EPEB	117
3.2.1 – A REGULAÇÃO INCIPIENTE	117
3.2.2 – A FRAGILIDADE DA GESTÃO ESPORTIVA	118
3.2.3 – OS COLÉGIOS	120
3.2.4 – O INTERCÂMBIO EPEB – POLÍTICA CONVENCIONAL	123
CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129

INTRODUÇÃO

A breve reflexão a seguir aparece em uma daquelas publicações em uma página no Facebook intitulada “Meu Professor de História”. No decorrer da postagem o colega virtual questiona:

- Quando um sociólogo assumiu a direção de futebol do Corinthians entre 1982-1984, começando um regime de democracia direta, mais conhecido como "Democracia Corinthiana", com o faxineiro do clube tendo o mesmo poder de voto do presidente, era alienação ou autogestão?
- Em 1997, no Irã, quando as mulheres lutaram para poder entrar no estádio Azadi em Teerã, prática proibida desde a Revolução Islâmica de 1979, era feminismo ou ópio do povo?
- Durante a ditadura militar brasileira, Afonsinho entrou na Justiça contra o Botafogo, que não permitia que ele se desvinculasse do clube. Era sacado do time por possuir "barba e cabelos grandes". Quando ganhou judicialmente esse direito foi jurisprudência para o trabalhador ou alienação?
- Quando Carlos Caszely, da seleção chilena, se recusou a apertar a mão de Pinochet e comemorou um dos gols pelo Colo-Colo louvando uma parte vazia do Estádio Nacional, sem torcedores presentes, justamente o local onde pessoas eram torturadas no interior dessa dependência, era resistência ou desprezo pela conjuntura do país?
- Quando a torcida do St. Pauli da Alemanha, nos anos 2000, abriu as portas do clube para abrigar refugiados e pintou nas colunas de suas arquibancadas que homofóbicos, racistas e xenófobos não eram bem-vindos no seu estádio foi exemplo de alteridade ou alienação?
- Quando Drogba parou uma guerra civil na Costa do Marfim, em 2007, exigindo que o confronto fosse feito em um estádio na capital da rebelião local e apaziguando os ânimos foi ativismo ou puro capricho?
- Zico não foi convocado para as Olimpíadas de 1972 porque seu irmão Nando, jogador do Ceará, era militante da pedagogia libertadora de Paulo Freire, inclusive sendo professor do Plano Nacional de Alfabetização (PNA) em 1963. O exemplo de Nando no futebol era libertário ou emburrecedor?
- Quando jogadores ucranianos sob domínio nazista se recusaram a perder uma partida de futebol para Flakelf (time da Luftwaffe - Força Aérea Alemã), em 1942, mesmo diante do favorecimento do juiz e de ameaças recebidas no vestiário, e foram executados por isso, foi antifascismo ou coisa de jogador abitolado, individualista?
- Quando o Vasco de 1924 reagiu contrariamente à vontade da Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) de expulsar seus 12 jogadores negros foi inclusão social ou alienação? (Meu Professor de História, s/n, 2018).

Torna-se fácil dizer que “nunca foi só futebol”! É a partir disso que o esporte mais popular do mundo é tomado pela percepção e pelo presente estudo.

“[...] Futebol é múltiplo e pode ser transformador, sim! Talvez essa sensação vazia e de "Pão e circo" seja passada, pois nos acostumamos a nos informar sobre ele através da televisão. Futebol pode ser tudo, só não pode ser ignorado, pois em seu microcosmo são representadas as características mais marcantes de uma sociedade. Livros podem te dar um outro olhar sobre o tema. [...]” (AUTOR DESCONHECIDO)

Após a XX edição da Copa do Mundo FIFA de Futebol – (CMF) 2014 no Brasil, para a maior parte dos profissionais ligados a este desporto, o que se verifica no suposto “país do futebol” é a falência financeira de seus principais clubes, estádios com baixas médias de público ou vazios (salvo raras exceções) e um crescimento da apreciação do público por times e torneios internacionais. Os cenários, social, político e econômico do País pentacampeão de futebol não parecem oferecer muitas perspectivas de futuro, pelo menos esta é a visão de muitos jornalistas e profissionais da área, de jogadores a dirigentes do setor, bem como dos torcedores e amantes do esporte. A globalização, que traz consigo o fácil e rico acesso aos campeonatos europeus, associada com as recorrentes e históricas falhas “organizacionais do futebol brasileiro”, reforça a crença de que a tendência é um esvaziamento do interesse nos campeonatos nacionais, acompanhada progressivamente de maior interesse pelo futebol europeu. As crianças de hoje, adultos de amanhã, já estão fortemente interessados no futebol europeu que, devido ao forte potencial financeiro, consegue ter em seus gramados a grande maioria dos melhores jogadores do mundo.

O ponto de partida para esta proposta de tese envolve buscar compreender como diante de um cenário de dificuldades econômicas, esportivas e políticas, a Estrutura Política Esportiva Brasileira – (**EPEB**), aqui associada ao futebol, se perpetua e se reproduz. A pergunta central na condução da pesquisa é: como a **EPEB** representa um fator de impacto econômico que fortalece as elites dirigentes, e, simultaneamente, reduz as expectativas em torno do sucesso do próprio esporte no futuro? A hipótese de trabalho é que a perpetuação e a reprodução se desenvolvem em torno de relações de clientela, traços cartorialistas¹, típicos da dominação tradicional e que estabelecem mecanismos de controle social do esporte por elites

¹ Dentre várias, trata-se de mais uma valorosa e frutífera contribuição da orientação que guia este trabalho. Adiante (item 4), o “estado cartorial” de Hélio Jaguaribe coloca luz a aspecto fundamental da EPEB, o sistema “federativo” comandado pelo CBF e pelas Federações Estaduais de Futebol, cujo poder administrativo e de regulamentação se sobrepõe às entidades de prática, ou seja, os CBdeF.

que se reproduzem, encasteladas em instituições fechadas e impermeáveis à regulação. Como hipótese secundária, a principal causa dos “problemas de gestão” e de falência financeira envolve questões essencialmente políticas e seus impactos na reprodução da própria estrutura de dominação tradicional no Futebol Brasileiro - (**FUTBRAS**)². Há uma *elite* que se beneficia política e financeiramente e se mantém no poder justamente devido ao atraso gerencial e à falência econômica das entidades esportivas nacionais.

Há algumas questões acessórias que poderão ajudar a esclarecer a questão central: de que forma a EPEB no futebol contribui e/ou interfere no cenário de grandes dificuldades econômicas? Quais os mecanismos condutores dos processos de perpetuação das suas elites? De que maneira as entidades esportivas lidam com o setor público?

Após um breve histórico acerca do FUTBRAS, os caminhos teóricos para conduzir a pesquisa são discutidos na sessão 2 adiante, bem como temas que envolvem aspectos sociais, políticos e econômicos do futebol, além de menções pontuais ocorridas pelo mundo. Na sessão 3 discute-se principalmente, o setor econômico representado pelo esporte em tela.

Por fim, entende-se ser também necessário o aprofundamento em torno do tema das elites dirigentes e da regulação. A ideia é partir de uma perspectiva que lide com o **FUTBRAS** enquanto um setor da economia e que, como tal, possui um *corpo dirigente* que dialoga com o poder público e em grande medida define os rumos e os caminhos percorridos. Sendo assim, este corpo é também corresponsável pela situação caótica em que se encontram os cofres dos Clubes Brasileiros de Futebol – (**CBdeF**) e pelo desemprego em massa que ocorre, temporada após temporada, no setor, cada vez que os campeonatos estaduais chegam ao fim. Se há uma EPEB, há também a possibilidade de identificar as *redes de poder* que a constituem. A política interna de um clube brasileiro ou de uma federação estadual em nada difere da dinâmica clássica da política convencional. Quem vence as eleições distribui e redistribui cargos, cria novas funções e departamentos, oferece contrapartidas aos aliados, renegocia dívidas, renova crédito junto aos bancos e empresários, remonta de algum modo a viabilidade do funcionamento cotidiano do clube, pois, em geral, a cada mandato que se encerra é necessário recomeçar praticamente do zero, e a cada nova disputa o risco do

² O termo é utilizado recorrentemente pelo jornal esportivo O Lance, impresso, e em sua versão digital Lance!Net <www.lancenet.com.br> Acesso em abril/2015. O termo é utilizado por decisão editorial, na figura de seu editor e presidente Walter Mattos Jr, principalmente quando o diário aborda questões mais estruturais do futebol nacional.

desemprego de correligionários é revivido, nos mais diversos departamentos técnicos ou administrativos da respectiva entidade esportiva.

Para a concepção deste trabalho foi realizada revisão bibliográfica acerca dos temas supracitados e recuperação de episódios cruciais da história institucional da CBF e da FIFA. Cabe também mencionar que, infelizmente, por dificuldades durante a concepção do trabalho, em menor escala, certa atenção para as federações estaduais de futebol do Brasil não pode ser realizada a contento.

CAPÍTULO 1 – O FUTBRAS COMO OBJETO DE PESQUISA

Para Norbert Elias (1990)³:

O exemplo das competições esportivas deixa muito claro que dedicação e felicidade na busca de satisfação por parte dos indivíduos ou grupos desempenham um papel significativo. Atualmente, só podemos supor que muitos aspectos da vida humana ainda se encontram ocultos para os homens ou inutilizados em seus esforços. Somos marcados por uma herança de relativismo, o que dá a impressão de que aspirar pelo avanço e ampliação do saber não vale mais o esforço que precisamos investir em alcança-los. Na verdade ainda há muitas coisas desconhecidas acerca dos homens, que são dignas do esforço para conhecê-las. No campo das ciências humanas um estreitamento precipitado das fronteiras da curiosidade científica contribuiu muito para desmotivar os esforços de conhecimento muito antes que ele desse frutos. (ELIAS, 1990, p.237).

O esporte, em suas mais variadas modalidades, é um fenômeno social mundial. A mobilização em torno dos campeonatos mundiais (entre clubes ou selecionados nacionais) e dos Jogos Olímpicos é prova irrefutável. A prática esportiva, do Golfe ao Futebol, é recorrente no mundo todo e ainda não encerrou seu processo de expansão, está a uma distância considerável do que se poderia chamar de “estagnação da demanda”, seja pela prática esportiva, seja pelo entretenimento, seja pelo consumo esportivo de todo tipo. Apenas para exemplificar a importância econômica do futebol, no relatório FIFA⁴ de 2011 para o *Transfer Matching System*, são citadas transações da ordem de 11.500 negociações internacionais de atletas, por todas as 208 federações e mais de 5.000 clubes, atingindo a cifra declarada de três bilhões de dólares FIFA, 2012⁵.

³ No Posfácio à 2ª Edição Alemã de “Os Outsiders e Os Estabelecidos”.

⁴ Fédération Internationale de Football Association, em português, Federação Internacional de Futebol Associado.

⁵ Dificilmente se saberá os verdadeiros números, pois, ainda há baixa regulação do “mercado esportivo” na maior parte do planeta. Haja vista o pedido de prisão da justiça espanhola por conta da transação que envolveu a saída de Neymar, do Santos F.C. para o F.C. Barcelona, às vésperas da Copa das Confederações FIFA 2013 no Brasil – (CCF2013). Outro exemplo emblemático são as investigações da Justiça Suíça que envolve propina para membros do colégio eleitoral FIFA, que vota, dentre várias coisas, para escolher também o país sede das Copas. Ricardo Teixeira, João Havellange e Josef Blatter são os principais nomes envolvidos com a ISL corruptora. Divulgação FIFA, 2012.

Disponível em <<http://www.fifa.com/about-fifa/official-documents/governance/index.html#financialReports>>
Acesso em: abril/2015.

Passados mais um ciclo de 4 anos e os desafios impostos pela vexatória derrota de 7x1 na semifinal de 2014, no Mineirão em Belo Horizonte - MG, a mobilização em torno da participação da Seleção Brasileira na CMF 2018 na Rússia foi em nível elevado, como de costume, o País “parou” para assistir aos jogos do torneio em geral, principalmente os jogos do Brasil. A Seleção Canarinho mal foi eliminada nas quartas de finais, encerrando sua participação em um razoável 6º lugar, e o assunto no futebol brasileiro já trata de quem ficará na Seleção até a próxima CMF e quais as jovens revelações estarão entre os convocados para o torneio do Catar.

Enquanto a bola continuava rolando dentro de campo, fora dele houve, nos últimos 4, anos uma verdadeira maratona investigativa relacionada a FIFA e principalmente aos dirigentes ligados a ela, bem como a todo esquema corrupto que envolve as atividades comerciais da entidade. É fundamental marcar desde já que o tema da corrupção não é o objeto deste trabalho. A corrupção no esporte e no futebol especificamente é compreendida a partir da tese aqui exposta como um sintoma/consequência da maneira com que operam os variados agentes diretos do futebol no Brasil e no mundo. Portanto uma ou outra referência aos episódios de corrupção no futebol aparecem aqui de forma acessória, coadjuvante, ilustrativa, com o intuito de encorpar o lastro de realidade associado aos fatos e interpretações expostas.

Em 27 de maio de 2015, em Zurique:

A polícia da Suíça prendeu nesta quarta-feira sete dirigentes ligados à Fifa a pedido da justiça dos Estados Unidos sob a acusação de corrupção e diversos outros crimes. Os suspeitos foram detidos num hotel em Zurique e poderão ser extraditados para os EUA. O departamento de justiça americano **confirmou que o ex-presidente da CBF, José Maria Marin, foi um dos detidos.** O Departamento Federal de Justiça suíço informou que está questionando os dirigentes sobre a votação para escolha das sedes das Copas de 2018 e 2022. Delegados de quase todas as federações de futebol estão em Zurique para o congresso da Fifa marcado para esta sexta-feira - no qual Joseph Blatter tentaria buscar seu quinto mandato como presidente da entidade. O porta-voz da Fifa, Walter de Gregorio, disse que Blatter não está entre os acusados. - Ele não está envolvido de modo algum - disse. Segundo o jornal "The New York Times", as acusações baseadas numa investigação do FBI que começou em 2011 apontam corrupção generalizada na Fifa nas últimas duas décadas - envolvendo a disputa pelo direito de sediar as Copas da Rússia (2018) e Catar (2022) - além de contratos de marketing e televisionamento. O rival de Blatter na eleição, o príncipe jordaniano Ali Bin Al Hussein, comentou para a emissora inglesa BBC: - Hoje é um dia triste para o futebol. É uma história em andamento, cujos detalhes ainda estão aparecendo. (GloboEsporte.com, 2015).

Entender um pouco da FIFA e de como operam seus arranjos de poder explica também boa parte de como funciona CBF e, por consequência, a estrutura de poder instalada no FUTBRAS.

Há algumas questões acessórias que poderão ajudar a esclarecer a questão central: de que forma a EPEB no futebol contribui e/ou interfere no cenário de grandes dificuldades econômicas? Quais os mecanismos condutores dos processos de perpetuação das suas elites? De que maneira as entidades esportivas lidam com o setor público? E com o Capital?

Os caminhos teóricos para conduzir a pesquisa são discutidos na sessão 3, bem como temas que envolvem aspectos sociais, políticos e econômicos do futebol e eventuais comparações com outros casos no mundo, na sessão 2, principalmente quanto ao setor econômico representado pelo esporte em tela. Objetivamente o FUTBRAS de um modo geral vem sendo abordado academicamente por 4 principais correntes de pensamento, são elas, (1) o liberalismo, patrimonialismo e a tese do atraso do futebol brasileiro; (2) a crítica cultural de esquerda e a tese do futebol como “ópio do povo”; (3) a tese da singularidade cultural brasileira e o futebol como “aula de democracia”; e (4) a tese do dilema racial brasileiro e o futebol como locus de reprodução deste conflito. (Marchi Júnior & Souza, 2017).

Em relação à primeira linhagem identificada, ressaltamos que ela contribuiu para difundir e fazer valer na sociedade brasileira duas ideias-força acerca do futebol que se tornaram leituras dominantes e pouco questionadas no país, quais sejam as ideias de que a lógica pela qual se deu o processo de modernização desse esporte no Brasil explicitaria um atraso/defasagem em relação à modernidade esportiva europeia e que a corrupção como um mal genético desse tipo de formação social é que estaria impedindo o futebol brasileiro de se modernizar nos moldes europeus (SOUZA, 2014). Trata-se de leituras do futebol que foram tecidas em relação íntima com algumas interpretações teóricas do próprio Brasil proporcionadas no âmbito mais generalista das Ciências Humanas e Sociais, em particular com o conjunto de ideias apresentadas pioneiramente na obra de Sergio Buarque de Holanda e de alguns de seus continuadores, a exemplo de Raymundo Faoro. Colocado de forma bastante abreviada, podemos dizer que a leitura dualista assentada no entendimento de que a dinâmica de modernização da sociedade brasileira se deu através da coexistência de uma ordem social patrimonialista – herdada do colonialismo português – com outra liberalista – de influência inglesa –, mas sem que a segunda substituísse a primeira (FAORO, 1993), é que permitiu que essa variante interpretativa de “modernidade defasada”, em que supostamente haveria faltado “sementes” do capitalismo na dinâmica de modernização da sociedade brasileira, em virtude, sobretudo, de uma resistência patrimonialista no país, fosse apropriada pelos campos de produção cultural através de investimentos materiais e simbólicos que denotavam certo idealismo em relação à modernidade normativa europeia. No caso mais específico dos estudos socioculturais do futebol no Brasil, a

rotinização dessas ideias contribuiu para fazer emergir uma “família intelectual” em que tanto as análises críticas do futebol brasileiro como as possíveis soluções para os dilemas inerentes à circulação dessa prática esportiva no país foram apresentadas tendo por referente comparativo o processo de modernização do futebol europeu e das sociedades europeias. Um dos estudos em que esse tipo de interpretação, em certa medida, se fez prevalecer é a tese de doutorado de Marcelo Proni (1998) intitulada Futebol empresa e esporte-espetáculo. Partindo do aludido estudo e, mais que isso, procurando estabelecer relações intergeracionais no âmago dessa linhagem, percebemos, por exemplo, ser possível associar alguns dos posicionamentos de Proni (1998) desenvolvidos então em sua tese – em especial no que versa sobre a necessidade do futebol brasileiro se modernizar – a algumas das ideias tecidas por João Saldanha no livro *Subterrâneos do futebol*, datado de 1963, no qual o futebol europeu foi deveras idealizado. “Ainda no final dos anos setenta, apesar dos esforços mencionados, estabeleceu-se certo consenso de que aumentara a defasagem da estrutura profissional do futebol brasileiro em relação à do futebol europeu. Não era incomum aparecerem propostas de modernização para o futebol brasileiro, que tinham como referência o novo modelo de organização que vinha sendo desenvolvido na Europa: o chamado “futebolempresa”. De fato, enquanto os clubes brasileiros continuavam a ser administrados passionadamente e a depender de receitas oscilantes, enquanto imperava a desorganização nas federações, com alterações freqüentes de datas e horários de jogos, em alguns países da Europa o futebol já era mais bem planejado e melhor administrado, com várias equipes testando novas estratégias de marketing e implementando métodos modernos de gestão esportiva, como fontes de receitas mais permanentes e campeonatos mais lucrativos [...]” (PRONI, 1998, p. 205); “Tanto a indução ao profissionalismo e a criação do CND, durante a primeira era Vargas, quanto a implantação do campeonato nacional, a regulação da profissão do jogador de futebol e a criação da CBF, durante o período da ditadura militar, podem ser interpretadas como passos importantes na direção da atualização do futebol brasileiro em relação ao europeu, de um lado, e da busca da vida civil disciplinada e da integração nacional através do esporte, de outro. Independentemente dos motivos dessa intervenção, o que importa é que, durante os primeiros cinquenta anos de existência, o futebol profissional precisou da tutela estatal para se estruturar e crescer” (PRONI, 1998, p. 204). 3 “Os países da Europa compensam, de certa maneira, suas desvantagens com um treinamento realmente digno de nome, com um material Movimento, Porto Alegre, v. 23, n. 1., p. 101-118, jan./mar. de 2017. As linhagens da sociologia do futebol brasileiro – um programa de análise de forma mais surpreendente, foi possível perceber ainda que ambos os núcleos argumentativos que permearam as duas produções em tela sobre futebol também se fizeram reportar, em parte, às ideias-força que Sérgio Buarque de Holanda sistematizou no livro *Raízes do Brasil*, de 1936, com o propósito maior de restituir as particularidades do processo modernizador brasileiro (SOUZA, 2014). (Marchi Júnior & Souza, 2017).

Portanto, não se pretende enquadrar esta pesquisa naquela ou noutra abordagem, mas, contudo, se valer das múltiplas contribuições, de forma flexível no limite da coerência, sem deixar de registrar o ineditismo da presente proposta, assim como sua perspectiva mais

holística e que, de certa forma, poderia contemplar aspectos das diversas correntes de pensamento acerca do tema.

1.1 – QUESTÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E POLÍTICAS: UMA SÍNTESE DA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DO FUTBRAS

Certamente o esporte com maior popularidade no mundo é o futebol, que também pertence ao conjunto de modalidades disputadas nos Jogos Olímpicos. O futebol foi disputado pela primeira vez nas Olimpíadas Modernas, como esporte de exibição, em Londres (1912) e Estocolmo (1916); somente na Antuérpia (1920) o esporte é oficializado e passa a ser organizado pela FIFA.

Amparando-se nas diversas referências históricas registradas por autores da bibliografia utilizada⁶, torna-se possível vislumbrar um brevíssimo resumo do nascimento do futebol moderno, mais especificamente, na Inglaterra, na segunda metade do século XIX.

Por volta dos anos 200 a.C. praticava-se algo semelhante ao futebol na Península Italiana, o *Harpastum* praticado no Império Romano era um jogo de competição pela bola, originário da Grécia. Tratava-se de um exercício militar⁷ de guerra que duravam horas e produzia vítimas fatais. O *Calcio Storico*, ou mais conhecido como *Calcio Fiorentino*, foi introduzido na colônia florentina pelos legionários romanos por volta de 1530 e foi marcado por distinções de classe social: nobres jogavam nas piazzas; com a popularização, passou a ser jogado em todos os cantos da cidade. O *Calcio Storico* foi da Itália para a Inglaterra por volta do século XVII e teve as regras modificadas pelos britânicos. O campo deveria medir de 120 a 180 metros e nas duas pontas seriam instalados dois arcos retangulares chamados de gol. A bola era de couro e enchida a ar. (Duarte, 2003; Helal, 2002; Franco Júnior, 2007; Carraveta, 2006 e Guterman, 2007 e 2009). Nascia o futebol moderno.

Na década de 1850 o esporte era praticado em escolas públicas inglesas como um meio para tentar coibir o vandalismo dos alunos. Cada escola desenvolveu seu modo de jogar, mas uma regra única se fez necessária para as disputas universitárias. Aos 26 de outubro de 1863, 11 times de Londres encontraram-se para discutir um conjunto universal de regras. Foi acordado o nome de *Football Association* – (FA),⁸ Associação de Futebol, e um dos principais líderes foi Charles Alcock, fundador da FA Cup em 1871, mais antigo torneio de

⁶ Duarte, 2003; Helal, 2002; Franco Júnior, 2007; Carraveta, 2006 e Guterman, 2007 e 2009. E também ESPN filmes, e os sites: <www.espn.com.br>, <www.sportv.com>, <www.lancenet.com.br>, <www.trivela.uol.com.br>, <<http://placar.abril.com.br/>>, <www.cbf.com.br> e <www.fifa.com>. Acesso em: abril/2015

⁷ Também há referência a prática milenar na China e onde hoje é o México.

⁸ Associação de Futebol, da Inglaterra, mas como foi a primeira não utiliza a distinção “nacional”.

futebol do mundo e a inspiração para seu formato se deu através dos jogos internos da Universidade de Harrow. Havia apenas jogos da Federação e somente um ano depois o primeiro jogo internacional foi realizado entre Inglaterra e Escócia.

Muitos dos atualmente conhecidos clubes ingleses tiveram sua origem em instituições pré-existentes. O *Arsenal Football Club*, por exemplo, surgiu de um grupo de trabalhadores chamado Woolwich Arsenal Armament Factory, empregados de uma fábrica de armamentos. A combinação entre futebol e proletariado está na essência do futebol moderno e em grande medida foi responsável pela proliferação de clubes e pela rápida popularização da modalidade.

Durante as décadas de 1880 e 1890 os clubes eram itinerantes e com o tempo e a massificação, as sedes permanentes foram inevitáveis. A arrecadação dos clubes do norte da Inglaterra proporcionou as condições para o investimento no futebol, em 1883 o primeiro título conquistado por um time de operários do norte acontece. O *Blackburn* vence alunos da escola de elite, o *Old Etonians*, se tornando o primeiro campeão proletário da *FA Cup*. O inevitável debate acerca da profissionalização veio à tona (Hobsbawm, 1984, Duarte, 2003, Franco Júnior, 2007, Guterman, 2007 e 2009).

Salários começaram a ser pagos pelos clubes e jogadores começaram a serem recrutados também na Escócia, procedimento até então proibido pela FA. Em setembro de 1888, William MacGregor, do comitê do *Aston Villa*, deu início a uma reunião para discutir a criação de uma Liga, cuja base eram 12 times do interior e do norte da Inglaterra,. Foi criada a *Football League* e o *Preston North End* foi o primeiro campeão. O crescimento da Liga foi tanto que nos anos seguintes estádios nasceram por todos os lados e a competição fazia parte da vida cotidiana das pessoas (The Football Association⁹, 2015).

A existência de cerca de 1 milhão de jogadores de futebol na Inglaterra antes de 1914 frente a uma população geral de cerca de 31 milhões de habitantes. “A imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação. (HOBSBAWN, 1984, p. 171)

Na América Latina, o futebol chega pela Argentina e quase que simultaneamente no Uruguai, onde até hoje há uma grande quantidade de clubes com nome inglês. Em 1864, um professor inglês chamado Alexander Watson Hutton fundou na Argentina uma escola e

⁹ Disponível em: <<http://www.thefa.com/about-football-association/history>> Acesso em: abril/2015.

introduziu o futebol no currículo escolar. O Alumni fundado pelos irmãos Brown (também fundaram o que hoje é a AFA¹⁰). Foi o primeiro clube a dominar o futebol local.

Somente após 30 anos um time de argentinos vence o campeonato local, o *Racing Club Avellaneda*, que até hoje possui uniforme semelhante ao da Seleção Argentina. Apesar de sua pequena torcida, é reconhecido como um dos “5 grandes do futebol argentino¹¹” e foi campeão da Libertadores da América e do Mundial de Clubes em 1967, antes de qualquer outro clube argentino. Um fato político relevante foi a construção de seu estádio, o *El Cilindro*, pelo Governo Perón, torcedor do clube.

Em 21 de maio de 1904, Jules Rimet vislumbrou o que hoje, ao lado dos Jogos Olímpicos de Verão, é o maior megaevento esportivo mundial: a primeira Copa do Mundo de Futebol, no Uruguai (1930), bem como, a fundação da *Federation International Football Association* - (FIFA). A realização do torneio na América do Sul se deve, para alguns, ao receio da tensão política que ainda havia na Europa após a I Guerra Mundial, para outros, ao simples fato de ser o Uruguai o atual bicampeão olímpico. Por razões não identificadas em sua totalidade, desde então, o Brasil, através da Seleção Brasileira de Futebol, controlada atualmente pela CBF, outrora CBD,¹² é o único país que esteve presente em todas as 20 edições (FIFA, 2014).

No Brasil, das muitas histórias, o relato mais conhecido é que a chegada se deu através do inglês Charles Miller, em 1894, mesmo com relatos da prática do esporte anterior a esta época (Duarte, 2003, Franco Júnior, 2007, Carraveta, 2006 e Guterman, 2007 e 2009).¹³

A vinda de imigrantes traz consigo o caldo cultural, os hábitos e costumes de outros povos. O futebol é introduzido no Brasil devido ao contato com a cultura inglesa. Seja em registros da atividade, em meados do século XIX, em capinzais, na Praia da Glória no Rio de Janeiro por marinheiros atracados, ou ainda em Jundiaí, São Paulo, não há dúvida que a prática se origina no Brasil por influência dos ingleses. Segundo Franco Júnior (2007) e Guterman (2009), o principal deles foi Charles Miller, nascido em São Paulo aos 1874. Filho de pai escocês que viera trabalhar na *San Paulo (Brazilian) Railway Company Limited* e mãe brasileira de pais ingleses. Estudou na Inglaterra e retornou ao Brasil assim como Oscar

¹⁰ Asociación del Fútbol Argentino.

¹¹ Compõe ainda o grupo, Boca Juniors, River Plate, Independiente e San Lorenzo de Almagro, último campeão da “Libertadores da América” (2014).

¹² Confederação Brasileira de Desportos até 1979, quando se cria no Brasil as respectivas confederações, esporte por esporte e não mais uma entidade de desportos.

¹³ Colaborou também, <www.espn.com.br>, ESPN filmes, <www.sportv.com>, <www.lancenet.com.br>, <www.trivela.uol.com.br>, <<http://placar.abril.com.br/>>, <www.cbf.com.br> e <www.fifa.com>.

Alfredo Cox, carioca filho de diplomata que trabalhava para os ingleses e se radicou no Brasil. Assume-se oficialmente que o primeiro jogo disputado no Brasil com “regras oficiais” foi entre 14 e 15 de abril de 1895, promovido por Charles Miller. Cox futuramente seria um dos primeiros dirigentes do futebol nacional. Há historiadores que contestam a versão oficial e afirmam que o primeiro jogo tenha sido realizado em Bangu no Rio de Janeiro (Guterman, 2007 e 2009).

O início da atividade futebolística no país denuncia claramente uma distinção racial e quanto à renda. O caráter amador e restrito às elites da época permitem identificar o critério financeiro, além do racial que credenciavam a prática da atividade. Não era permitido jogar por remuneração, mas somente “por amor ao esporte”, daí seu principal caráter amador. Tratava-se de uma atividade de lazer em que somente o “cidadão de posses” poderia exercer e adversários de final de semana costumavam treinar juntos. Vale recordar que na Inglaterra a atividade apesar de estigmatizada, rapidamente se tornou acessível a todos. Era praticada nas escolas públicas por pobres, operários e por estudantes das classes mais “nobres”. Basta citar o *Corinthian* (atualmente *Corinthian Casuals*), clube amador formado por estudantes ingleses que excursionava pelo mundo a fim de divulgar e exibir o futebol e se recusava a participar de competições que oferecessem qualquer tipo de prêmio. No Brasil a prática do futebol inicialmente era restrita, aristocrática, sinônimo de *status* social. O futebol neste período era uma atividade protegida da massificação e da popularização. Mas não resistiria por muito tempo. (Guterman, 2009). Rapidamente o povo se apropriaria do esporte bretão. Ao menos da prática, pois o controle pertenceria às elites ainda por muito tempo.

Um bom exemplo dos contrastes e dos “pesos” sociais, políticos e econômicos, que o futebol replica da sociedade brasileira no início do século XX é o caso de Arthur Friedenreich. Primeiro ídolo com alguma notoriedade no futebol brasileiro, filho de pai judeu alemão e mãe negra, ex-escrava e lavadeira “... Fried é justamente o resultado da relação íntima entre o ousado branco alemão Oscar, aquele que entre tantos veio ao Brasil para “fazer a América”, e a anônima negra, cuja única habilidade reconhecível era lavar roupas...” (Guterman, 2000, p.41) O “mulato de olhos verdes” (apelido dado por Mário Filho) era o craque da época, ainda segundo Guterman, o sobrenome alemão era o passaporte para o mundo dos brancos. Friedenreich não era negro, tornou-se branco. (Ponte, 2013).

Fried, contudo, perdeu rapidamente a condição de negro por causa de sua ascendência europeia e em virtude de sua transformação em herói nacional. Como assinala Caio Prado Júnior, “uma gota de sangue branco faz do brasileiro um branco”, porque “a classificação étnica do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela posição social”. Ou seja, se o negro estivesse bem posicionado socialmente, deixaria de ser negro. (GUTERMAN, 2000, p.43)

A crescente massa trabalhadora disforme e desorganizada já apresentara indícios de que deixaria de ser um “problema de polícia” para se tornar um “problema de política”. Rui Barbosa, liberal sem dúvida, opositor de Oliveira Vianna em extensos debates acerca das leis e de como deveria ser o sistema político brasileiro, já ao início da década de 1920 percebera o potencial do movimento dos trabalhadores. Desde 1905 a entrada de operários no futebol, assim como ocorrera anteriormente na Inglaterra, intensifica a transformação do esporte, anuncia uma quebra da hierarquia social, além da profissionalização e popularização do esporte até então elitista. Seu caráter competitivo começa a aflorar, algum dinheiro começa a circular e um mecanismo de quebra parcial da rígida hierarquia social da época se anuncia. Seus efeitos eram imprevisíveis e apontavam para temas que extrapolavam a dimensão esportiva (Ponte, 2013). Assim como na Inglaterra, na Argentina e no Uruguai, nascia um poderoso *esporte de massa* no Brasil.

Aos moldes do Arsenal-ING, O *The Bangu Athletic Club* é o primeiro exemplo marcante de um profissionalismo incipiente. Em 1904, no Rio de Janeiro, operários da Companhia Progresso Industrial, uma fábrica de tecidos, patrocinava o time composto por seus operários e tal prática rapidamente se difundiu. Os jogadores tinham jornada especial de trabalho e recebiam compensações pelas vitórias. “... esse time ganhou importância por ser o primeiro a ter traços de profissionalismo fora do universo da elite do futebol...” (Guterman, 2000), além de propaganda benéfica à empresa, incluía operários ingleses e brasileiros da fábrica. Há ainda que se destacar uma segunda versão, relativamente bem aceita historicamente, e que afirma ter sido em Bangu-RJ o local do primeiro jogo oficial de futebol no Brasil.

Com a expansão da prática, o Brasil adentra os anos 1920 com ideias profissionalizantes sobre o esporte e redução dos ideais elitistas. A crescente competitividade, a partir daí, possibilitou a redução da relevância de elementos de distinção como raça, classe e renda. O importante passa a ser a vitória e, para isso, ter bons jogadores era o essencial. O

mérito¹⁴ de certa forma começa a ser um importante critério para o exercício da atividade, Ponte (2013). Elementos culturais modernos começam a ser inseridos no Brasil através de meios inusitados como o esporte e o futebol, mas também através da música e da literatura.

[...] Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro [...] (FILHO, Mário¹⁵ apud GUTERMAN, 2000, p.55).

Juntamente com uma das primeiras práticas de algum teor de mérito na sociedade brasileira, surge a primeira coligação da Liga Metropolitana do Rio com a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) em 1914, que originou a criação da Federação Brasileira de Sport. Após dois anos, A Federação passou a ser chamada Confederação Brasileira de Desportos – CBD.

Na noite de 18 de junho de 1916, o ministro das Relações Exteriores, Lauro Müller, abriu sua residência em Copacabana para que ali se realizasse uma reunião considerada da máxima importância para a diplomacia brasileira. O chanceler decidira assumir pessoalmente o papel de intermediador entre interlocutores cuja relação anterior já havia sofrido um longo desgaste, porque sabia que um acordo precisava ser rapidamente alcançado. Já era madrugada do dia 19, quando o consenso se estabeleceu.

Um memorando de intenções foi redigido e assinado pelo ministro e pelos outros três negociadores. Por direta intermediação do Itamaraty, foram assim assentadas as bases para a unificação do comando do futebol no Brasil. Estava criada a Confederação Brasileira de Desportos.

À primeira vista, pode parecer estranha a relação entre a diplomacia e o tema da reunião presidida por Lauro Müller. Mas não é difícil entendê-la. Mais do que à simples preocupação de regulamentar a prática desportiva, o início do século XX assistiu à legitimação do esporte como um ideal superior de expressão das qualidades humanas. Resgatada da esfera da brutalidade de seres considerados inferiores e incultos, a expressão esportiva tornou-se um campo propício para as elites se lançarem à construção simbólica de seus valores civilizatórios. Em torno do esporte, instituiu-se todo um novo padrão de sociabilidade e fundou-se uma linguagem comum que favoreceu o intercâmbio entre as diferentes elites nacionais. Nesse quadro, a interferência aparentemente inusitada do ministro das Relações Exteriores para que fosse institucionalizado um organismo responsável pela gestão desportiva do país

¹⁴ Para Max Weber um dos aspectos fundamentais que marcam a definição do capitalismo e/ou da vida moderna em relação às anteriores é que há a possibilidade de mobilidade social, diferentemente dos estamentos característicos de sociedades mais duras e rígidas da vida tradicional.

¹⁵ Jornalista cujo nome foi dado ao Maracanã, irmão do também jornalista e cronista esportivo Nelson Rodrigues.

ganha sentido: estava em jogo, na verdade, a criação de um novo canal formal de operação para a diplomacia das nações. No início da noite de 18 de junho, o ministro Lauro Müller tinha assim diante de si uma situação delicada que exigia solução imediata: de um lado, o conflito entre duas entidades que disputavam a hegemonia na representação desportiva brasileira; de outro, um compromisso internacional que deveria ser cumprido: a formação e o envio de um selecionado de futebol para participar do I Campeonato Sul-Americano. Para compreendermos as raízes e o sentido desta disputa, devemos voltar ao ano de 1914. (SARMENTO, 2006, p. 1)

A Seleção Brasileira conquistou o primeiro campeonato sul-americano, em 1919, Carravetta (2006). A CBD resistia à popularização e atuou, ainda, apenas com jogadores “brancos”. “[...], Em 1923 o C.R. Vasco da Gama vence o campeonato carioca com um time composto por negros, mulatos e brancos pobres, contrariando a tradição elitista [...]” (Carravetta, 2006, p.26), Tal feito pode ser considerado o principal exemplo de quebra da rígida hierarquia social da época em torno do futebol. Daí o motivo de um dos primeiros “rachas políticos” na história do futebol carioca por alguns anos houve 2 campeonatos “regionais” no estado da então Guanabara, Mazzoni (1939), Duarte (2003), Franco Júnior (2007), Carraveta (2006) e Guterman (2007 e 2009).

Em fase anterior à sua institucionalização, o futebol também denuncia as características de uma sociedade em transição. O início do século XX é composto por tensões sociais acerca da ideia de raça, envolto em dilemas como amadorismo ou profissionalismo, entre a preservação de sua prática elitista ou sua eminente popularização. Entre a riqueza e a pobreza. Entre a elite dominante e o povo subalterno, Ponte (2013).

Nos anos 1930, o futebol inicia efetivamente um caminho de popularização e massificação, a despeito dos valores elitistas cada vez mais irrelevantes, mas que se perpetuaram na CBD, representante do futebol amador e recheado da elite branca e rica até as vésperas da CMF1938, quando a primeira Seleção Brasileira de fato entrou em campo na Itália e conquistou um honroso terceiro lugar, Ponte (2013). Não houve critério racial ou econômico para convocação dos jogadores, nem mesmo político, principal problema em CMF1930 (1º da história) e CMF1934 (disputada na Itália de Mussolini), quando a rivalidade política entre paulistas e cariocas impediu que ambos representassem o Brasil. Devido à rápida popularização do futebol no país, muito em função da radiodifusão da época, a CBD resolveu unir-se a FBF, Federação Brasileira de Futebol, responsável pelos clubes e pelos jogadores já profissionais, instituição que, até então, fazia oposição à CBD e à sua insistência aristocrática elitista. Era uma tendência inevitável. O futebol se tornara cultura popular,

fazendo parte do cotidiano do povo em grande parte do território nacional, Duarte (2003), Franco Júnior (2007), Carraveta (2006) e Guterman (2007 e 2009). Após a Copa de 1938 “[...] o poder público queria associar os resultados positivos da seleção ao fortalecimento da unidade nacional e à promoção da nação brasileira no Cenário internacional [...]” (Carraveta, 2006, p. 31).

Com as derrotas nas duas primeiras Copas da História (1934 e 1938), um grande movimento entre os jogadores de futebol se sedimentou. O amadorismo tinha seus dias contados. Jogadores saíram do país e foram atuar em países onde a remuneração já era estabelecida; os que ficaram formaram uma associação para defender seus interesses, solicitaram o fim do “regime de inscrição perpétua” junto aos clubes, não desejavam mais ser tratados como *mercadorias*. Segundo registros, um grupo de jogadores fez jornais publicarem “seus direitos”. Um novo regime de exploração surgia no mundo do trabalho e na economia do futebol. Em 1943 Getúlio Vargas profissionaliza o jogador de futebol por meio da CLT¹⁶. Um forte mecanismo de relação com o povo é estabelecido, dentre uma série de ações governamentais de elevada aceitação popular, costumeiramente anunciadas no estádio de São Januário-RJ e no Pacaembu-SP, Guterman (2009).

[...] O projeto getulista abrangia o esporte como central para a transformação do brasileiro e também para a superação das diferenças políticas, duas circunstâncias fundamentais para a consolidação do regime. “Compreendo que os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante”, declarou Getúlio [...] (GUTERMAN, 2009, p.71).

Atividades populares desempenharam um papel importante no âmbito da ação política do Estado Novo. O futebol e a música merecem destaque nesta questão, representantes simbólicos de “brasilidade”. Getúlio inaugura a forte relação entre o futebol e o mundo da política nos anos 1930, o que parece se perpetuar até a atualidade¹⁷.

O Estado Novo, como não poderia deixar de ser, estendeu seu raio de ação até o esporte e não mais permitirá que seja uma atividade bastarda... uma

¹⁶ Consolidação das Leis do Trabalho.

¹⁷ Dissertação de mestrado “POLÍTICA E ESPORTE: A Copa do Mundo no Brasil” tenta abordar o conflito de interesses em razão da realização da CMF2014. Dentre alguns itens, há um que tenta destacar a histórica relação entre futebol e política ao longo da história brasileira.

fonte de brigas. Dar-lhe-á uma regulamentação, dar-lhe-á outras diretrizes, são disciplina e é preciso que os esportistas do país compreendam esse novo estado de coisas. (MAZZONI, 1939 apud SILVA, 2012).

Ainda em 1932 jogadores da Seleção Brasileira foram recebidos no Palácio do Catete como heróis após vitória contra o Uruguai. Na CMF 1934, apesar dos conflitos acerca dos jogadores que formariam o time no mundial e das brigas entre federações da época, o chefe da delegação brasileira era Lourival Fontes, nome importante no varguismo¹⁸.

Em 1938 Vargas escolheu a própria filha, Alzira Vargas, para o cargo de “madrinha da seleção”, além de financiar a Seleção Nacional. O resultado foi positivo, 3º lugar na CMF1938. O próprio Getúlio ouvia os jogos pelo rádio junto com a família, em demonstração de solidariedade com a causa nacional. (GUTERMAN, 2009, p. 81)

“Nunca o Rio assistiu a uma exaltada demonstração de simpatia, e nunca os brasileiros em geral tiveram ensejo de aquilatar da enorme vantagem do futebol, como elemento de propaganda no estrangeiro [...]” (A Gazeta apud Guterman, 2000, p.83). Contudo faltava o Brasil organizar sua CMF. Ainda em 1938, candidatura do Brasil à Copa de 1942 foi lançada em congresso da FIFA. A Alemanha já havia se candidatado e era a favorita, porém houve a II Guerra Mundial retardando a realização da Copa para 1950. Com o continente europeu destruído e ainda com elevado revanchismo entre as nações, a Copa veio para o Brasil, Duarte (2003) e Guterman (2009).

A repercussão da derrota para o Uruguai em 1950 no Brasil ainda ecoava duas Copas depois. Às vésperas da Copa de 1958, na edição da *Manchete Esportiva* em 31 de maio de 1958, na coluna “Personagem da Semana” de Nelson Rodrigues, fica demonstrada uma síntese de um sentimento nacional e consagra um termo – o “complexo de vira-lata”. (PONTE, 2013)

Após a redenção da autoestima do brasileiro em 1958, o bicampeonato em 1962 e o novo paradigma tático implantado pela moderna “Seleção do Regime” ou o Scrath de Ouro, como foi eternizado o selecionado sob o comando de Zagalo, a Seleção Brasileira adquiria a

¹⁸ O “Homem do DIP”, como ficou conhecido por ter sido responsável pela implantação do órgão, foi fundamental para manutenção ideológica do Estado Novo. Período marcado por uma ideologia dominante que se opunha ao liberalismo. Fontes, que teve contato com a propaganda fascista italiana durante sua passagem pela Bahia, aos poucos foi assumindo uma nova condição teórica, se inclinando para uma política antiliberal de extrema direita. Após o golpe de 1937, resultante da ação continuísta de Getúlio Vargas, Lourival absorve a ideologia estadonovista, dirigindo o DIP e tornando-se intimamente ligado a ditadura Varguista, sendo um dos principais ideólogos do Estado Novo, como nos diz Lucia Lippi, Santos e Santana.

posse definitiva da Jules Rimet em 1970 e a história do esporte no País se torna mais acessível, haja vista a modernização em curso e os avanços envolvendo telecomunicações com transmissões via satélite.

As associações entre esportes de massa e a política não são uma peculiaridade do Regime Militar Brasileiro (1964-1985), nem mesmo do Brasil. O esporte moderno é politicamente utilizado desde o seu surgimento, seja para disciplinar jovens ingleses ou para conter a insatisfação das tropas da I Guerra Mundial nas trincheiras europeias, ou ainda, a exemplo do filme baseado em história real, em que tropas inimigas utilizam o futebol para promover uma trégua temporária e celebrar o Natal em 1914. Nos EUA é recorrente a visita de franquias campeãs das principais ligas esportivas serem recebidas pelo Presidente em exercício na Casa Blanca. A ex-URSS, a Alemanha nazista, a Itália fascista e até a Cuba socialista, se valeram do esporte como propaganda de seus respectivos regimes. A demonstração mais recente foi a Olimpíada de Pequim 2008, quando o País sede, a China, foi o campeão em medalhas de ouro e que atualmente investe bilhões na (CSL) - Super Liga Chinesa, através de uma peculiar parceria entre os setores públicos e empresas privadas dos mais variados segmentos.

Há uma quantidade relevante de obras que relacionam o futebol e o esporte aos nacionalismos, aos aspectos culturais e sociais, Duarte (2003), Helal (2002), Alabarces (2002) Franco Júnior (2007) e Guterman (2007 e 2009). Este breve resumo histórico permite, em um primeiro momento, confirmar a observação de Elias (1990), pois é possível supor que tamanho envolvimento social da população global com os esportes e com o futebol em específico se deve, em grande medida, a algum tipo de necessidade humana ligada a autovalorização elisiana, que, por exemplo, distinguiria os estabelecidos de *outsiders*, distinção que normalmente opera nos conflitos culturais e nos nacionalismos, obviamente, expresso também nos campos de futebol¹⁹.

Quando tal sentimento é combinado com algum tipo de nacionalismo e pertencimento cultural, seja ele do tipo *positivo* ou *negativo*, Gellner (2001), fica mais fácil supor porque a CMF2014 teve como telespectadores em torno de 4 bilhões de pessoas, além do rádio,

¹⁹ Certamente o episódio do “campo e bola” que mais repercutiu na história das copas foi o gol de jogada individual mais bonito de todas elas, escolhido em ampla votação. CMF1986, a primeira deste pesquisador, Argentina 2 x 1 Inglaterra, Maradona recebe a bola um pouco antes do meio-de-campo, arranca em velocidade, dribla mais da metade do time inglês e coloca a bola nas redes, estas, do gol literal. O contexto do jogo envolvia a recente guerra entre os dois países pelas Ilhas das Malvinas, para os argentinos, e Ilhas Falkland para os ingleses.

internet e do público nos estádios. A cada Copa, recordes de audiência são pulverizados. Na última registrou-se um aumento de 100% da audiência na China (sem tradição futebolística). O jogo entre EUA X Bélgica pelas oitavas de final superou os índices da final da NBA no mesmo ano, entre Miami Heat e San Antonio Spurs. No País do Football, do Baseball e do Basketball, o soccer se expande com vigor considerável²⁰. Para Gellner:

Fundamentalmente, el nacionalismo es un principio político que sostiene que debe haber congruencia entre la unidad nacional y la política. Ya sea como sentimiento, ya como movimiento, la mejor manera de definir el nacionalismo es atendiendo a este principio. *Sentimiento* nacionalista es el estado de enojo que suscita la violación del principio o el de satisfacción que acompaña a su realización. *Movimiento* nacionalista es aquel que obra impulsado por un sentimiento de este tipo. (GELLNER, 2001, p.13)

No Brasil não parece ser diferente, por exemplo, como nos casos do “complexo de viralata”, a relação entre futebol, nação e identidade é reconhecidamente uma característica importante no imaginário social do País e refletiria, de algum modo, o sentimento de pertencimento à nação através de uma “pedagogia do futebol”, Rodrigues Filho (1947 e 2003), Hobsbawn (1978), Murad e Helal (1978, 1992, 2001 e 2011), Santos (1981), Machado (2002), Duarte (2003), Franco Júnior (2007), Guterman (2006, 2007, 2009), Gastaldo (2001) e Milliet Filho (2009 e 2012).

As interpretações de Nelson Rodrigues são relativamente bem aceitas e se perpetuam no tempo, muito em função de uma boa parte dos “intelectuais da bola”, jornalistas e torcedores. Para o bem e para o mal, o povo brasileiro se enxerga enquanto nação toda vez que a Seleção Brasileira se encontra perfilada, ao início das partidas, Gastaldo (2009). Se o paradigma tático dentro das “4 linhas” foi a Seleção brasileira de 1970²¹, fora delas, foram os anos 1980 e 1990, quando os esportes em geral passam a serem produtos de entretenimento

²⁰ Disponível em:

<www.copa2014.gov.br/pt-br/tags/audi%C3%Aancia>

<www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/recordes-de-audiencias-na-copa-do-mundo-revelam-o-brasil-no-exterior>

<g1.globo.com/especiais/africa-do-sul-2010/noticia/2010/06/china-registra-maior-audiencia-da-tv-para-copa-do-mundo.html>

<www.fifa.com/copa2014, www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/06/140613_wc2014_china_atestados_fn>

<exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/tv-e-redes-sociais-batem-recordes-de-audiencia-na-copa>

Acesso em: abril/2015.

²¹ Estabeleceu o paradigma tático moderno no futebol, todos os jogadores recuavam atrás da “linha da bola” quando na defesa e “atacavam em bloco” quando possuíam a “posse de bola”. Atualmente é declarada referência para um dos técnicos recentes mais vencedores, Pep Guardiola.

altamente rentáveis ao Capital. Os jogadores agora profissionais se transformam em força de trabalho, o jogo, em produto; a camisa, em mercadoria; os cartolas, em nobreza e os patrocinadores em conjunto com as plataformas de mídia, em “burguesia do futebol”.

Em 1973, com a implantação dessa nova fonte regular de recursos, João Havelange pôde celebrar uma de suas principais vitórias políticas e anunciar o ambicioso projeto de reformulação da estrutura de comando dos esportes. A partir da definição do novo modelo de financiamento via Loteria Esportiva, a situação financeira da CBD, que se havia equilibrado ao final da década anterior, passou a apresentar constantes balanços superavitários. Com mais recursos disponíveis, e a possibilidade de promover uma melhor distribuição entre as diferentes modalidades comandadas pela CBD, o presidente da Confederação passou a defender abertamente a dissolução da entidade e a criação de um conjunto de novas confederações especializadas, uma delas incumbida do trato exclusivo das questões relacionadas ao futebol. Sem a necessidade de financiar as demais modalidades, a gestão do futebol poderia ganhar maior autonomia e, conseqüentemente, ter um percurso institucional ainda mais positivo. O interesse na administração dos assuntos relacionados ao futebol, que estivera na gênese da entidade criada em 1914, poderia afinal se desenvolver em uma entidade específica, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), preconizada no relatório anual da CBD referente ao ano de 1973: O advento da Loteria Esportiva possibilitou a ativação dos desportos amadores, imprimindo-lhes ritmo de desenvolvimento condizente com a era de progresso que estamos vivendo, com recursos concedidos por intermédio do Conselho Nacional de Desportos. Isso nos leva a admitir a aplicação, em futuro próximo, do disposto no Decreto-Lei nº 3.199, que prevê a criação de entidades especializadas, tão logo haja condições de independência financeira para as mesmas, transformando-se esta entidade na Confederação Brasileira de Futebol. 2 *apud* Relatório de 1973 da Confederação Brasileira de Desportes. Nesse panorama de estabilização financeira da CBD, de formulação das bases para a especialização da gestão das diferentes modalidades, e de encaminhamento da proposta de criação de uma entidade exclusiva para o futebol, o selecionado brasileiro de futebol recebeu atenção especial. Em primeiro lugar, devido aos interesses políticos do regime militar em manter o grande símbolo da pátria verde-amarela na condição de força hegemônica internacional. Mas não se pode esquecer que a perspectiva de o selecionado continuar a apresentar bons resultados traria um maior interesse na disseminação das competições por todo o território nacional, reforçando a participação dos dirigentes do futebol e consolidando a proposta de uma administração autônoma para a modalidade.

1974: derrota na Copa, vitória na FIFA

Após a disputa da Taça Independência, em 1972, foi estabelecido o planejamento visando à disputa da Copa do Mundo de 1974, na Alemanha Ocidental. A comissão técnica continuava a ser chefiada por Mario Jorge Zagallo e a incluir preparadores físicos e supervisores associados às Forças Armadas. Pré-classificada para o Mundial, a seleção cumpriu em 1973 uma pesada agenda de compromissos internacionais. (SARMENTO, 2006, p.135)

CAPÍTULO 2 – O QUADRO TEÓRICO REFERENCIAL

A investigação faz acreditar que o elemento relevante no cenário brasileiro é a sua estrutura política e, secundariamente, a administrativa. Trata-se de investigar a estrutura política esportiva brasileira – (EPEB), a saber – **os dirigentes de clubes, dirigentes de federações e confederações, atletas de ponta, os técnicos de futebol, diretores de programação da televisão e jornalistas/intelectuais do ambiente esportivo**. Compreende-se que há uma *rede de relações* derivadas desta tal EPEB que, por consequência, constituem os poderes dirigentes do esporte nacional. No caso específico da dimensão futebolística, a tentativa foi entender como se perpetuam no tempo e como opera a dinâmica e os mecanismos de poder inerentes ao fenômeno no caso brasileiro.

Em suma um objetivo importante é indicar: Quem são? Como atuam? Em que arranjos e mecanismos estão sustentados? Quais os espaços decisórios? Quais são as instituições relevantes? Sob que tipo de auto regulação ou regulação o setor opera? Como se perpetua? Qual a institucionalidade e a formalidade de seus procedimentos? Há transparência? Há responsabilização? Há ambiente democrático? Em que níveis e de que maneira?

Com efeito, abordar as *relações de poder* e as *redes de interações* na EPEB envolve compreender, a forma como se deu seu desenvolvimento e suas peculiaridades, a inserção no mercado esportivo globalizado, bem como uma síntese da produção intelectual esportiva (acadêmica e não acadêmica), principalmente a brasileira, já que o intercâmbio com outros países é relativamente baixo entre os profissionais do setor, exceção a alguns jornalistas esportivos e acadêmicos que investigam o tema. Posto isso, é possível aprofundar-se na investigação do *corpo dirigente* do futebol nacional e assumi-lo como objeto central da análise.

O objetivo da investigação é buscar compreender a lógica das relações de poder estabelecidas entre indivíduos, instituições e grupos de interesses constitutivos daquilo que se propõe aqui denominar *campo esportivo* FUTBRAS e; desta forma, investigar as relações estabelecidas no ambiente esportivo e que se denominou aqui de EPEB.

Na investigação se fez necessário mobilizar um arcabouço teórico que perpassa a história social, política e econômica brasileira, *regulação* da “economia do esporte”, a relevância contemporânea das plataformas de comunicação, a indústria do entretenimento, a estrutura política e contábil das instituições e organizações ligadas ao futebol, além dos

estudos sobre sociologia do esporte, sem abrir mão das lições do *(neo) institucionalismo histórico*, das contribuições do *clientelismo*, do *cartorialismo*, bem como técnicas de investigação e levantamentos de dados pertinentes.

Cabe alertar que seria um tanto ingênuo assumir qualquer insulamento do campo esportivo, e aqui se considera sua *relativa autonomia* sem deixar de contemplar aspectos da *macroestrutura social*, considerando seus principais *decisores* e *instituições*. Trata-se de considerar os veículos de comunicação, as ciências do esporte e a inserção do futebol no capitalismo contemporâneo, mas, também, e sobretudo, identificar as contingências e peculiaridades inerentes ao *campo esportivo brasileiro*.

As apurações fazem crer que um ponto central é a contingência da EPEB, cujas principais características aparentam ser: *a elevada informalidade dos procedimentos burocráticos nas instituições esportivas e por parte do Estado na relação com tais instituições/organizações*, baixa regulação estatal, a ineficiência e ineficácia do setor esportivo brasileiro enquanto um setor econômico, a visão imediatista e unilateral disseminada dentro dos clubes e suas gerências, fortes traços de prática de clientela, patrimonialismo, personalismo (brevemente discutidos abaixo), bem como a ausência de planejamento e objetivos institucionais (no campo e bola e no extracampo) em médio e longo prazo. Além disso, baixa coordenação e cooperação no setor e baixa previsibilidade, combinadas com a força institucional de entidades centenárias, como por exemplo, a *CBF*, o *Clube de Regatas Flamengo*, o *Fluminense Futebol Clube*, o *Clube Atlético Mineiro* e o quase centenário *Cruzeiro Esporte Clube* entidades normalmente comandadas por dirigentes que explicitam de modo relevante um “modelo de gestão” e de *estrutura política* que se perpetua no comando do esporte nacional e que contribui menos do que poderia para a qualidade e a prosperidade econômica e desportiva do setor no Brasil e, principalmente, a qualidade do entretenimento.

Em geral, há boa quantidade de abordagens sobre o FUTBRAS (para o bem e para o mal) fortemente marcadas por uma perspectiva saudosista e romântica, muitas vezes obscurecendo a análise secundária aqui pretendida, em tempo, **a acelerada mercantilização dos esportes de alto rendimento e seu aspecto correlato à indústria do entretenimento em uma economia globalizada**, configurando parte do ramo esportivo da indústria de

serviços de entretenimento. Também são frequentes abordagens que tentam fornecer um tipo idealizado de torcedor e de ambiente esportivo que julgam ser o melhor e o mais adequado²².

Atualmente, em Ciências Sociais, já há um maior número de produções acadêmicas referentes ao futebol (uma boa parcela consta na bibliografia). Os historiadores também contribuem de forma decisiva, porém, *não se tem conhecimento até então de uma tentativa de análise do futebol por seu aspecto político*. Para tal, o primeiro passo é considerar o esporte e o futebol como instituições sociológicas em seu sentido amplo, pois se trata de uma dimensão da vida humana com identidades, valores, costumes e especificidades próprias, que constrange os atores e influencia em larga medida as trajetórias percorridas, mesmo quando comparado com outros esportes. Há uma história do esporte e do futebol no Brasil que construiu uma trajetória própria e que em diversas passagens se confunde com acontecimentos sociais, políticos e econômicos do País, por vezes, contribuindo para a visualização de um variado conjunto de fenômenos sociais.

²² Afinal, deveria haver uma forma “correta” para torcer? Bebendo cappuccino ou comendo um tropeiro? No caso do futebol brasileiro, seriam perfeitamente plausíveis os dois cardápios, uma oferta mais “democrática” e congregando grupos sociais distintos, como rezava uma velha tradição nos estádios. Ademais, como reduzir a importância do vulgarmente referenciado “Zé da poltrona”? Termo que faz menção ao torcedor que acompanha apenas pela televisão e não cultiva o hábito de “ir ao estádio” e tudo o que cerca esta experiência. Há ainda, um suposto processo de elitização dos estádios, devido principalmente a recente elevação dos custos do futebol, ocasionada pela alta dos salários do “mundo da bola” e pela reconstrução dos estádios utilizados, em sua maioria, para os jogos na CMF2014.

2.1 – INSTITUCIONALISMOS

Desta forma, é imprescindível utilizar a perspectiva neoinstitucionalista histórica, que, em certa medida, reúne elementos das vertentes do institucionalismo histórico, sociológico e da escolha racional, de maneira que permita destacar ora como os indivíduos atores interferem e alteram as estruturas sociais, ora como as estruturas alteram e condicionam os indivíduos, dando mais ênfase ao dinamismo destas *relações* e ao que é produzido socialmente a partir delas um modo de analisar que em grande medida evidencia algo além dos processos de transformação e tenta compreender de que forma eles ocorrem, contemplando as possíveis conexões entre agência e estrutura. Tais processos em seus aspectos mais amplos tendem a ser lentos, graduais, progressivos e sem grandes rupturas, com sucessivas intervenções incrementais ou “consertadas”.

As *instituições* são as principais unidades de análise e, é *nas instituições* e seu conjunto de normas, regras, tradições e trajetória que constroem a ação dos indivíduos interna e externamente, além de ser onde os conflitos de interesses e a mediação destes ocorrem. Investigar as instituições e entender como operam estes atores, como manifestam seus interesses, ora sutilmente, ora explicitamente, torna-se possível porque,

O institucionalismo, que passa por uma fase de renovação em todas as ciências sociais, distingue-se de outros paradigmas intelectuais, especialmente as ortodoxias do individualismo metodológico, ao apontar para a necessidade de se levar em conta, a fim de se compreender a ação dos indivíduos e suas manifestações coletivas, as mediações entre as estruturas sociais e os comportamentos individuais. Essas mediações são precisamente as instituições. (THÈRET, 2001, p. 226)

Segundo esta perspectiva, Pierson (2000) e Skocpol (1993), há *instituições* com variados níveis de poder de decisão e estes variam de acordo com suas trajetórias históricas. Há atores nas instituições, ou que gravitam em torno, que condicionam e são condicionados pelo exercício das vontades individuais, sofrem a influência *institucional*, mais coercitiva em alguns casos e menos em outros, como parece ser o caso da EPEB. Como referência, o trabalho de Pierson (2000) tenta demonstrar a existência de pesquisas que mensuram os efeitos das condicionalidades institucionais, das “regras do jogo”, nos “atores do cenário”, da opinião pública, do comportamento político, e eventualmente das mudanças de orientação das ações, como demonstra, Tapia (2008).

[...] tanto no plano dos objetivos como no dos instrumentos, dentro de um quadro institucional estável. A trajetória da concertação social na Holanda interpela a hipótese do peso inercial das instituições porque, num contexto externo de crise aguda e de paralisia decisória, foram as decisões estratégicas dos principais atores envolvidos que levaram à superação da situação de impasse. Vale lembrar que a política de concertação nos anos de 1980 não começou de maneira consensual, mas levou à construção de um consenso sobre as soluções para graves problemas ligados ao mercado de trabalho e ao Estado de Bem-Estar Social. (TAPIA & GOMES, 2008, p.252)

No caso do FUTBRAS, a descrição da inércia institucional e da paralisia decisória na Holanda parece servir de forma bastante adequada à situação da EPEB, bastaria trocar “Estado de Bem-Estar Social” por “qualidade do FUTBRAS”. Nada absurdo! Até porque, todos os países do capitalismo central possuem ótimos desempenhos nos Jogos Olímpicos. Portanto, consideram o esporte uma dimensão importante não somente da economia e do mundo do trabalho, mas como uma evidência da qualidade de vida de sua população, e claro, uma atração de entretenimento agradável e com ampla repercussão social, além de colaborar para boa imagem nacional perante o mundo.

Outro aspecto fundamental no artigo supracitado trata da relevância das ideias para a abordagem *institucionalista*. Como observa Ellen Immergut (1992), estas podem ser identificadas em grande medida na observação das trajetórias e dos valores e objetivos de cada ator envolvido em determinado processo decisório, em determinado cenário conflitivo, ou seja, os atores centrais e relevantes dentro da EPEB e no corpo dirigente do FUTBRAS, cuja observação atualmente implica em se atentar para as discussões que vem ocorrendo em Brasília-DF, mas não somente lá, acerca do novo *marco regulatório* proposto recentemente pelo Governo Federal (item 2). Segundo Kershes (2011) a aprovação da LRF em 2000 pode ser compreendida a partir das “narrativas analíticas” ou uma historiografia do processo decisório. Pois, não se capta nenhuma aprovação do Congresso apenas pela votação em Plenário.

Como bem argumenta Palermo (2000), as certezas e incertezas do processo decisório legislativo não devem ser avaliadas somente com base na votação na Câmara. As regras de funcionamento do processo legislativo não dão certeza ao Executivo Federal quanto à aprovação de uma proposição legislativa de sua autoria. Da mesma forma, a produção legislativa dos últimos anos demonstra que a existência de atores com poder de veto não paralisou a capacidade de criação legislativa do Executivo Federal. Dessa forma, justificamos a opção pela realização das chamadas “narrativas” analíticas, ou historiografia do processo decisório, uma vez que o intenso processo de negociação que caracteriza a produção de políticas públicas no Brasil não é captado somente pela análise da legislação aprovada e pelas respectivas votações parlamentares. É interessante, e desafiador, a construção de um objeto que tem “camadas” analíticas de natureza política econômica, institucional, cognitiva e histórica, para além de visões excessivamente institucionalistas, estruturalistas ou atomistas (neste último caso, do individualismo metodológico da ciência econômica, por exemplo). (KERCHES, 2011, p.41)

Excelente referência de estudo sobre processo decisório no Brasil trata do caso da aprovação da Lei de Responsabilidade Fiscal - (LRF). O trabalho é estruturado pelo marco analítico do *neoinstitucionalismo histórico* dando ênfase à construção do consenso e do papel das ideias. Considera configurações *institucionais* e os “pontos de veto” no desenrolar do *processo decisório*. Considera a possibilidade de mudança, como “*pontos de virada*”, o surgimento de *janelas de oportunidades*, o conceito de agenda de governo, as limitações de teorias racionalistas, considera a questão temporal, a contingência de episódios e da atuação dos atores que influem nas tomadas de decisões.

Algo plausivelmente análogo ao caso da LRF é a MP PROFUT e principalmente a LRFE (item 2), cujo nome inclusive obteve inspiração na LRF. A analogia não se trata apenas da semelhança de nomenclatura, mas pelo fato de serem duas claras tentativas de racionalização técnica por meio de leis sobre o ímpeto dos “achismos”, das “vontades individuais” e dos “mandos e desmandos” oriundos do poder desregulado, seja do executivo nas 3 instâncias (LRF), seja de *dirigentes esportivos* (LRFE). Certamente uma ação a fim de estabelecer pressupostos básicos de *controle, regulação e responsabilização* do gasto da verba pública, (quase sempre presente de diversas maneiras no FUTBRAS) e não exclusiva dele. Mais que regular, há uma explícita preocupação em estabelecer determinações de boa *governança* que garantam a *sustentabilidade financeira* dos clubes esportivos.

Claramente, há atores e grupos com o objetivo de **manter as instituições minimamente saudáveis financeiramente e sustentavelmente ativas para exercerem suas**

finalidades. Em tempo, praticar e disputar jogos de futebol invés de obterem lucro, mas que precisam “fechar os seus caixas” mês a mês, temporada após temporada, no “azul”.

Na verdade, a experiência holandesa e também a italiana são coerentes com a hipótese de que em determinados momentos de dramáticas mudanças externas podem criar-se janelas de oportunidades para reformas e alteração de paradigma. Em suma, o corporativismo evolutivo sugere que sob determinadas condições os processos de aprendizado institucional e social se desenvolvem contestando a lógica inercial das instituições, abrindo espaço para novos paradigmas de políticas, que se traduzem numa redefinição dos interesses dos atores, para os quais o jogo estratégico dos atores sociais é crucial. (TAPIA & GOMES, 2008, p. 260)

Além da expectativa de mudança regulatória em breve, quanto ao FUTEBRAS é fácil dizer o que vem a ser “momentos de dramáticas mudanças externas”, com a devida licença retórica. Ser “assoprado como um reles palito de fósforo aceso” e ao mesmo tempo ser o único país pentacampeão do mundo e, que, também por isto, é respeitado e admirado em boa parte do planeta, reconhecido pela suposta “vocaçãõ” para o futebol, devido ao encantamento despertado pelas diversas Seleções Brasileiras²³ ou como dizia o bastante saudoso Marujo Jorge Rocha Alves²⁴, ao viajar pelo mundo afora: “...sou da terra de Garrincha e de Pelé!...” (Sempre sorrindo). Não há momento de mudança dramática tão cinematograficamente catastrófica como o Brasil perder uma semifinal de Copa do Mundo “jogando em casa”, pelo imoral placar de 7x1 e passar por todo aquele constrangimento, aquele choro literal no Mineirão e certamente em muitos lugares muito longe dali. Aquilo que ocorreu em nada tem a ver com vergonha alheia. É uma vergonha coletiva mesmo! E, por que não? Nacional!

Perante uma audiência mundial em tempo real, e de mais de 4 bilhões de expectadores, foi um golpe muito forte para a história de 100 anos de derrotas dignas e muitas conquistas. Parece ter sido o episódio de que o FUTBRAS necessitava para mobilizar os diversos

²³ Trata-se do País por quem já jogaram Domingos da Guia e Leônidas da Silva na “estréia” em 1938; Zizinho, Ademir e Jair da Rosa Pinto no triste ano de 1950; Nílton Santos, Didi e Vavá na redenção do viratismo em 1958; Zito, Zagalo e Amarildo na confirmação em 1962; Gérson, Rivelino, Tostão e Jairzinho na criação do paradigma moderno em 1970 e pela consagração de um time “típico real”; Taffarel, Bebeto e Romário na dramática transpiração de 1994; Ronaldinho, Ronaldo e Rivaldo na previsível Copa 2002; Falcão Sócrates e Zico que perderam, mas entraram para a história do “jogo bonito” em 1982.

²⁴ Havia sido recém-subido para o “1ºquadro” do time de futebol Elite, em Paranaguá-PR, quando chegou a convocação da Marinha, ele estava perto de completar 19 anos e deveria se apresentar na EAMCE Escola de aprendizes da Marinha –CE, em Fortaleza. **A rádio da cidade anunciou sua despedida em praça pública**, como de costume na época. Foi internado na Escola de Aprendizes em Fortaleza, que **ele ouvira a CMF 1950 também pelo rádio**. Até lá, havia gente triste e cabisbaixa pela rua... Formou-se marinheiro, casou e teve uma única filha. Sargento reformado da Marinha de Guerra do Brasil e **Avô, diretamente culpado pelo interesse aparentemente sem limites deste pesquisador pelo futebol, pela política e pela história do mundo**.

segmentos envolvidos e alguns processos importantes de mudanças se iniciarem, do *marco regulatório* ao modo da TV de conduzir suas ações, passando pela aparente predisposição dos clubes e profissionais envolvidos em discutir a mudança. Certamente o cenário indica alguma esperança, mas, ainda não é sólido o suficiente para criar muitas expectativas. Momentaneamente parece sim uma “janela de oportunidades” para romper com a inércia e pensar reformas, alterações e mudanças de paradigmas, que para o bem e para o mal, se perpetuaram na rica história do Brasil e de seu futebol.

A perspectiva *institucionalista* de modo geral é reconhecidamente eficiente em análises que dialogam com a conjuntura política, com o contexto das decisões, no limite, com as contingências históricas. A utilização do *neoinstitucionalismo em sua vertente histórica* permite agregar lastro temporal, considerar a capacidade coercitiva das *instituições*, assim como o papel individual dos agentes que as integram, equilibrando a análise que oscila entre as *instituições* e *organizações*, sem desprezar os *atores* principais e nem mesmo os coadjuvantes relevantes para a dinâmica intrínseca ao cotidiano prático das *instituições* constituintes dos ambientes e envolvidas nos *conflitos de interesses* e no *jogo de poder*, que preliminarmente se observa no cenário político esportivo investigado. Com efeito, o caráter da multidecisão e, por vezes, os interesses ilustrados por documentos e declarações dos atores da cena, passa a ser um esforço interpretativo e reflexivo para sistematizar a conjuntura que envolve a EPEB e o FUTBRAS e por conseguinte, os inerentes *conflitos de interesses*, sejam endógenos ou, eventualmente, exógenos ao *campo esportivo futebolístico*. Em conclusão:

O institucionalismo histórico visualiza a organização institucional da política e da economia estruturando os conflitos, privilegiando certos interesses e desmobilizando outros; são estes principais elementos estruturantes que ordenam o comportamento coletivo e conduzem aos diferentes resultados. (CONDÉ, 2006, p.84)

2.2 – HISTÓRIA, CAMPO, HOBSBAWM E BOURDIEU

Nesta proposta dois autores são fundamentais, tanto por suas reflexões, quanto por sua relevância no meio acadêmico. Pierre Bourdieu e Eric Hobsbawm reconheciam clara e explicitamente, a legitimidade, a pertinência e a importância do esporte e do futebol como objetos de estudos em Ciências Sociais e Humanas, conforme segue adiante.

Para Souza e Marchi Jr. (2010), estudiosos do esporte a partir de uma perspectiva bourdieusiana, a combatividade de Bourdieu à produção acadêmica se expressa na negação da hierarquização dos objetos de pesquisa, denunciando o apreço do autor por objetos até então atípicos nas pesquisas de Ciências Sociais:

O cume da arte, em ciências sociais, está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo “coisas teóricas” muito importantes a respeito de objetos ditos “empíricos” muito precisos, frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios. (BOURDIEU, 1989 apud Souza e Marchi Jr., 2010, p. 20).

O mesmo Bourdieu permite compreender um pouco das razões de sua receptividade e certa constatação da relevância do tema dos esportes, bem como sua contribuição metodológica para estudos futuros na área:

O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuisse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU, 1983, p. 9).

Uma das duas principais apropriações metodológicas de Bourdieu para este trabalho é a distinção entre *prática esportiva*, *consumo esportivo* e *administração esportiva*. A outra, a noção de *campo*. As entidades esportivas de administração são:

“... investidos de direito de fixar as normas de participação nas provas por eles organizadas, de exercer, sob o controle dos tribunais, um poder disciplinar (exclusões, sanções, etc.), destinado a impor o respeito às regras específicas por eles editadas; além disso, podem conceder títulos específicos, como títulos esportivos ou, como na Inglaterra, os títulos de treinadores...” (BOURDIEU, 1983, p.5).

Desta forma o autor apresenta uma constatação essencial na constituição do que se pode interpretar como *campo esportivo relativamente autônomo* dos esportes, no caso específico, do futebol. A propósito, a autonomização do campo das práticas esportivas, em Bourdieu²⁵ (2006), possui interface com as *esferas de sentido* em Weber (1982)²⁶, estas envolvendo os conceitos de racionalização, burocracia própria, garantia de regras razoavelmente estáveis, cálculo e previsibilidade.

Se em Weber bastam regras próprias e sentido *relativamente autônomo* para constituição das *esferas de sentido*, em Bourdieu é necessário que haja algum sentido, mas principalmente, que além do sentido e de regras pré-estabelecidas, exista algum bem escasso em constante disputa. Desta forma, o conceito de campo em Bourdieu é mais dinâmico, pois pode surgir a partir de ocasiões em que ocorra uma disputa qualquer (material, simbólica, interacional ou existencial) sob determinadas regras, razoavelmente estáveis. Os *Campos* se formam a partir das *interações sociais* e, *esferas de sentido*, a partir das regras que dão sentido àquele ambiente e por ventura motivem comportamentos específicos.

Há condições que regulam a disputa característica dos *campos* em Bourdieu, permeados pelas disputas de poder, legitimando o discurso endógeno (*doxa* específica), criando uma “blindagem” aos discursos externos e às ideias progressistas e/ou revolucionárias, mesmo

²⁵ Em “A Distinção crítica social do julgamento”, especificamente no capítulo 4 - A Dinâmica dos Campos, “... Se, entre todos os universos de possibilidades, o mais predisposto a exprimir as diferenças sociais parece ser o universo dos bens de luxo e, entre eles, dos bens culturais, é porque a relação de distinção encontra-se aí inscrita objetivamente e se reativa – com, ou sem, nosso conhecimento e independentemente da nossa vontade – em cada ato de consumo, através dos instrumentos econômicos e culturais de apropriação exigidos por ela. Trata-se não somente das afirmações da diferença professadas, à porfia, por escritores e artistas à medida que se afirma a autonomia do campo de produção cultural...”

²⁶ Em “Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções”, Ensaios de Sociologia, Max Weber argumenta que a modernidade é caracterizada por um predomínio da razão instrumental marcada de forma mais preponderante por cálculo e previsibilidade em detrimento do afeto e dos valores tradicionais. Na modernidade há uma perda de capacidade explicativa do mundo pelas Grandes Narrativas, das grandes religiões que outrora “monopolizavam as dotações de sentido da vida no mundo e conseqüentemente, possuíam muita relevância na motivação das ações dos indivíduos”. A modernidade configuraria uma série de esferas de sentido, com certo arcabouço próprio de regras que dão sentido às ações. Por exemplo, a esfera religiosa, a jurídica, a econômica, a erótica... E por que não a esportiva? Porém, tais esferas, apesar de possuírem sentidos próprios não estão insuladas ou descoladas do restante da vida social. Disponível em:

<http://www.ldacelioliveira.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/1380/184/arquivos/File/materiais/2014/sociologia/Ensaios_de_Sociologia_-_Max_Weber.pdf> Acesso em: abril/2015

daqueles inseridos no *ambiente interativo dinâmico*. O ambiente de disputa tende a tornar-se estável e conservador, perpetuando suas práticas, costumes e valores e, produzindo uma *tradição do campo*. A perspectiva do *campo* em Bourdieu (2006) - e a constatação do esporte como *dimensão relativamente autônoma* da vida - permite compreendê-lo, utilizando aqui uma licença retórica, não como campo do jogo esportivo, mas de um “outro” *campo* de jogo, por também se tratar de um “outro” jogo, tão jogado quanto o jogo de futebol, porém, sem a bola.

No campo tende-se a atuar mais como um soldado ocupando territórios vazios - pois não há vácuo de poder - e/ou destruindo adversários, onde o vencedor da batalha finca sua bandeira e marca sua posição, estabelece seus domínios e se apropria dos espaços. Em um jogo de futebol, um time ataca, o outro se defende e, normalmente, há alguma alternância destes papéis durante a partida. Nas relações humanas já não é tão simples assim.

Nas relações sociais não existe vácuo de poder. Há, em todo *campo*, uma *disputa pelo poder* e por maior acesso aos bem escassos. Uma das buscas implícitas neste trabalho é pela compreensão da *dimensão esportiva* a partir das *teias de relações sociais*, ou seja, predominantemente pelas disputas por *status*, dinheiro, por exposição nos veículos de comunicação, pelos corações apaixonados dos torcedores e amantes do esporte ou pelos registros gloriosos das conquistas esportivas nos anais da história do esporte.

Bourdieu ratifica a importância de uma “narrativa histórica” dos objetos que considere seus *atores*, seus *grupos* e *subgrupos* de *interesses*, bem como as *instituições* pertencentes ao *campo*, “[...] como se constituiu este espaço de jogo, com sua lógica própria, este lugar com práticas sociais inteiramente particulares, que foram definidas no curso de uma história própria e que só podem ser compreendidas a partir desta história [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 138).

É possível reconhecer preliminarmente o *campo esportivo* como um lugar condicionante e condicionado pela história social das práticas esportivas. Argumento desenvolvido também em outra obra de Bourdieu (1983) onde os “[...] questionamentos sobre as origens do fenômeno social que se aceita como “esporte moderno” e, mais especificamente, sobre o momento histórico em que as práticas esportivas com seus agentes, organismos e instituições mantenedoras passaram a funcionar como um campo específico [...]”. (Bourdieu, 1983 *apud* Souza e Marchi Jr., 2010). Trata-se de mais uma manifestação daquilo que ele costumava

denominar em diversas de suas obras como “estruturas estruturantes”, a exemplo, “A Distinção crítica social do julgamento”, Bourdieu (2006).

Da mesma forma que na história social de Hobsbawm “[...] deveríamos nos perguntar primeiro sobre as condições históricas e sociais deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o “esporte moderno” [...]” (Bourdieu, 1983, p.136). É possível encontrar aqui alguma similaridade ao institucionalismo, pois dever-se-ia buscar “[...] as condições sociais que tornaram possível a constituição do sistema de instituições e de agentes direta ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos esportivos “[...]”, sem deixar de investigar, considerar e registrar “[...] até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, instrumentos, vestimentas especiais, etc.) e de serviços necessários à prática do esporte[.]” Bourdieu (1983). Podem ser contemplados, nesta afinidade, considerações sobre a história, as *instituições* envolvidas na atividade e seus principais tomadores de decisão, os valores e crenças da *tradição institucional*, assim como as trajetórias individuais dos principais decisores, suas escolhas, bem como o *cenário* e o *contexto* que caracterizam o *campo* como objeto de estudo e pesquisa.

No *campo esportivo* também há alguns interesses comuns a todos os envolvidos e presente em todo ele: trata-se do interesse na existência permanente do próprio *campo*, o que pressupõe uma concordância e um reconhecimento mínimos dos envolvidos, dos bens em disputa e das regras. A crença no valor da própria disputa em si, para aqueles que diretamente encontram-se inseridos e para aqueles que, em princípio, parecem gravitar na periferia. O *campo* se desenvolve como um sistema que se retroalimenta, com sentido próprio e relativamente autônomo. Em geral há uma legitimidade coletiva concedida ao bem em disputa por parte dos envolvidos, que ao valorizarem o bem, constroem os pressupostos de sua própria autovalorização e que chega ao seu ápice a cada nova conquista, a cada nova estrela colocada sobre o escudo do “manto sagrado” que é a camisa do clube de coração ou da seleção de seu país.

Cabe um alerta importante quanto ao *campo esportivo* e o seu estudo. É necessário que se faça uma distinção entre entidades de prática e entidades de organização/administração. Esta subdivisão do objeto de estudo é fundamental para presente construção, pois, apesar de frequentes menções a episódios mais atrelados ao “campo e bola”, o que se investiga aqui essencialmente é o “extracampo” cuja relação é forte com o jogo esportivo, porém, implica em bens escassos distintos. No “campo e bola”, o principal “bem” é a capacidade e a

disposição de “jogar futebol”, que aumentam as chances de vitórias. No “extracampo” há outros bens, como a inserção na burocracia administrativa do esporte, o controle sobre determinadas instituições e a possibilidade de articular-se com outros setores sociais, políticos e econômicos. O controle sobre recursos escassos, informações e as relações de poder que dele decorrem e caracterizam um *jogo de poder*.

Ademais, o *campo* em Bourdieu (2006) não é algo necessariamente pré-existente, como um *fato social* em Durkheim (2007)²⁷. Sua principal característica é que a qualquer momento e em qualquer lugar, um novo *campo* pode surgir a partir da interação competitiva por algo escasso.

Uma esquina nas ruas de um bairro boêmio não caracteriza, *a priori*, um campo, mesmo com milhares de pessoas transitando por ali. Porém, se uma esquina se transforma em um ponto de captação de clientes por profissionais do sexo e nesta esquina trabalha mais de um profissional, isso pode ser o início de um processo que culminará na formação de um *campo*. Supondo que a procura pelo atendimento seja maior que a oferta do serviço, ainda sim pode haver competição na disputa pelos melhores clientes, cujas características somente podem ser entendidas caso possa ser compreendido o sentido das ações dentro do próprio campo, com as crenças, valores e costumes típicos dele. Ou ainda, pode haver uma disputa ferrenha e acirrada pelo “posto de profissional mais requisitado ou mais atraente”, aquele que presta melhor serviço, ou qual deles possui a simpatia dos demais trabalhadores do local. Uma das principais e mais elementares características do *campo* é a disputa por bens também simbólicos como de *status social*, por exemplo.

Com o esporte e o futebol não é diferente. Tamanha a força da tradição e a presença na vida das pessoas que mesmo aquelas que não apreciam o esporte, ou até mesmo odeiam futebol, podem eventualmente ter que lidar com alterações na programação da TV, mudanças no trânsito por questões de segurança e mobilidade, congestionamentos, barulho nas ruas da vizinhança ou um grito de gol, acompanhado de fogos e rojões durante a madrugada. O esporte é um fato social inquestionável e constitui um ambiente próprio, com regras próprias e bens escassos em disputa e, desta maneira, simultaneamente, atende aos requisitos de *campo sociológico* dinâmico e em permanente construção. Não há nada que impeça o surgimento de

²⁷ Para Émile Durkheim em “As Regras do Método Sociológico” *fato social* é o objeto de estudo sociológico por excelência, pois é pré-existente aos indivíduos, exterior a eles e independe das suas vontades particulares. Trata-se de algo que exerce alguma coerção, em algum aspecto da vida e impossibilita a escolha dos indivíduos por ignorá-lo. Em toda sociedade há diversos fatos sociais passíveis de análise por esta perspectiva.

novos *campos* em qualquer “jogo de pelada” despretensioso, ou quando se discute, por exemplo, o refinanciamento das dívidas públicas dos clubes de futebol ou os valores das contratações.

Abastecido da relevância da história social do esporte, como sugerido por Hobsbawm, e de uma história do objeto defendida por Bourdieu, é preciso outros instrumentos e estratégias metodológicas para atender o que se pretende. Estudar o caso do FUTBRAS significa explorar as características da vida social e política a partir dos fatos, orientados por algumas categorias de análise que possam elucidar a questão-problema proposta. É o que se segue partindo agora para os conceitos diretamente associados ao esporte e sua dimensão política, a EPEB e seu *corpo dirigente*. Sem deixar de lembrar que tais conceitos se referem a momentos específicos de nossa história e que, a princípio, a tentativa é apenas relacionar e identificar os conceitos com o objeto da pesquisa.

2.3 – AS INTITUIÇÕES E ALGUNS ATORES MAIS DESTACADOS

Há alguns setores organizados e ou mobilizados, como o público envolvido com o esporte, frequentadores de estádios, os representantes dos clubes de futebol, moradores das áreas onde ocorrem desapropriações e, até mesmo, tribos indígenas, sindicatos e ONGs, sem desconsiderar alguns personagens públicos com maior destaque, como o Deputado Federal-PSB/RJ Romário Faria de Souza, ou o ex-dirigente do Corinthians e ex-diretor de Seleções da CBF Edu Gaspar, dentre outros. São componentes que orbitam o processo decisório, possuem alguma relevância, apesar de não serem centrais nas tomadas de decisão. Alguns no “extra campo” e outros mais ligado ao “campo e bola”.

Houve em 2011 e 2012 uma onda de denúncias de corrupção no setor privado em torno de Ricardo Teixeira, além de uma pressão publicamente expressa pela mídia e na mídia, trazendo à tona temas como o caixa e os balanços financeiros da CBF e dos clubes de futebol, algumas práticas como evasão de divisas, proposta de desarquivamento da CPI da Nike e do Futebol²⁸ pela Procuradoria Geral da União, dentre outros episódios, como a acusação contra Ricardo Teixeira, de que teria recebido dinheiro como dirigente da FIFA no paraíso fiscal de Liechtenstein, e, em consequência, será alvo de investigação a pedido Ministério Público.

Curiosamente, em paralelo a estas denúncias, ocorreu patrocínio de um torneio de membros da Ajufe - Associação Nacional dos Juízes Federais do Brasil realizado na Granja Comary, regado a muita comida e bebida, além de hospedagem durante o período e traslado aéreo pago pela CBF, que seria realizado nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2011. Atividade não recomendada pelo então presidente da OAB-RJ. (Lance net, 29,09, 2011).

O contrato social referente à CMF2014 não sofreu alterações. Nele o responsável pelo destino de todos os lucros do evento era Ricardo Teixeira que devido à renúncia, prontamente fez as devidas alterações contratuais, transferindo a tarefa para José Maria Marin, bem como a presidência do COL – Comitê Organizador Local que conta com as contribuições dos ex-jogadores “Bebeto”, campeão da CMF1994 e atual Deputado Estadual pelo PDT - RJ e Ronaldo “Fenômeno”, campeão da CMF1994 e CMF2002. O terceiro e último integrante do

²⁸ A CPI para apurar a regularidade do contrato CBF-Nike foi requerida em 11 de março de 1999. E foi instalada em 17 de outubro de 2000, dezenove meses depois. Esse intervalo de quase dois anos é revelador das imensas resistências que se antepuseram à sua criação. Também durante sua vigência a CPI encontrou dificuldades e obstáculos de variados tipos às suas investigações. E atuou ameaçada de ter seus trabalhos encerrados a qualquer momento. Seu fim prematuro foi anunciado inúmeras vezes pela imprensa. Encerrou-se após oito meses. Fez as investigações que cabia fazer. E deixou para a sociedade novos elementos que podem contribuir para o aperfeiçoamento do esporte nacional.

comitê é o atual presidente da CBF, que ocupa a vaga que também era de Teixeira, José Maria Marin.

Diante de várias denúncias e escândalos, amplamente divulgados pela mídia, (ou seja, TV Record, Diário Lance, Uol, Folha de São Paulo, ESPN, com exceção da TV Globo, Sportv e Goloboesporte.com.) e dos recorrentes mandos e desmandos em diversas instâncias do futebol brasileiro, característicos de toda sua história, a figura do presidente da CBF ganhou bastante visibilidade, desde a escolha do Brasil pela FIFA para sediar CMF2014, ou seja, de 2007 até os dias atuais.

Deste modo, é importante mencionar que, em alguma medida, nota-se uma espécie de exigência por prestação de contas e das ações referente à CMF2014, não somente pela visibilidade do tema, mas também pela popularidade que o futebol possui no país. Para Lattman-Weltman, hoje o Brasil passa por um momento especial quanto á sua democracia, composta por visibilidade, accountability e denunciismo:

Para compreender melhor que variáveis sociológicas e institucionais podem estar favorecendo, hoje mais do que ontem, tanto uma maior visibilidade das pessoas públicas quanto os riscos e potenciais efeitos perversos deste mesmo aumento de transparência, acredito que é preciso ter em mente, como ponto de partida, uma série de transformações ocorridas nas últimas décadas que, embora perfeitamente conhecidas, nem sempre são estimadas em algumas de suas implicações históricas decisivas. (...) Em termos mais precisos, ao que tudo indica, o denunciismo, tal como se apresenta na nova democracia brasileira de final de século, parece estar relacionado a duas variáveis decisivas, uma de caráter institucional, outra sociológica: a 1º diz respeito à emancipação do Ministério Público, promovida pela Constituição de 1988 e a 2º à massificação e profissionalização da mídia no país. (LATTMAN-WELTMAN, 2003, p.3 e 5).

Desta forma, o ponto importante a não ser ignorado é a presença da população no debate público, ou de outra maneira, a possibilidade de que a população acompanhe razoavelmente as ações referentes à CMF2014, se informe e, por ventura, se manifeste. A população passa a ser um freio importante e informal, tamanha a visibilidade das ações e a popularidade do tema. Com efeito, alguns setores podem se organizar em prol de ações deste tipo.

É possível dizer que este tenha sido um dos legados benéficos da realização da CMF2014, e que, a partir daí, degingolou em uma enxurrada de denúncias contra entidades

esportivas brasileiras ligadas ao futebol e a vários outros esportes. Estas entidades são elementos constitutivos do que se denominou **EPEB**.

Na instância jurídica, o MPU - Ministério Público da União e suas ações são noticiados com certa frequência, além da CGU – Controladoria Geral da União e dos ministérios públicos estaduais.

Apesar da abrangente conjuntura que envolveu a CMF2014 foi possível identificar, sintetizar e apontar os principais atores das instituições mais relevantes dentro do processo decisório, compreender alguns aspectos do modo como se relacionam e apontar conclusões. Das instituições observadas, faz-se pertinente recuperar duas delas a seguir.

2.4 – FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO (FIFA)

Associação suíça de direito privado, a FIFA é a instituição internacional que regula as associações de futsal, futebol de areia e futebol associado, esporte coletivo mais popular do mundo. A FIFA foi fundada em Paris aos 21 de maio de 1904. Atualmente é sediada em Zurique na Suíça, país sob o qual está subordinada legislativamente. Possui atualmente 209 países e/ou territórios associados, é a instituição internacional que possui a segunda maior quantidade de membros filiados no mundo, mais que a ONU e que o próprio COI à qual é filiada e que possuem, respectivamente, 193 e 204 membros cada (a IAAF Associação Internacional de Federações de Atletismo, possui 212 membros). Em seu site, a FIFA se pronuncia:

A FIFA teve um período de grande sucesso no ciclo de quatro anos entre 2007 e 2010, com a receita passando de US\$ 2,634 bilhões no ciclo de quatro anos anterior para US\$ 4,189 bilhões. Os custos também cresceram, mas permaneceram firmemente sob controle, permitindo que a FIFA obtivesse um ótimo resultado de US\$ 631 milhões. (...) Noventa e três por cento da renda da FIFA durante o período vieram de receitas relacionadas a eventos. O maior evento de todos também foi o maior arrecadador: Um importante êxito do período 2007-2010, durante o qual o balanço da FIFA alcançou US\$ 2,145 bilhões, foi a elevação das reservas a um total de US\$ 1,28 bilhão no dia 31 de dezembro de 2010 (FIFA, 2012).

Ainda segundo o próprio site da entidade, são enunciados sua missão e o que entendem representar segundo seu presidente, Joseph Blatter:

Entendemos que a nossa missão é a de contribuir na direção da construção de um futuro melhor para o mundo, utilizando, para tanto, a força e a popularidade do futebol. É isso que dá sentido e direção a cada uma das atividades em que a FIFA está envolvida — o futebol como parte integrante de nossa sociedade [...] Os nossos valores mais profundos de autenticidade, unidade, desempenho e integridade simbolizam a essência de quem somos. Autenticidade. Acreditamos que o futebol deve continuar sendo um esporte praticado e apreciado de forma simples e bela, tocando as vidas de todas as pessoas, em todos os lugares. Unidade. Julgamos que é de responsabilidade da FIFA fomentar a unidade dentro do mundo futebolístico e utilizar o esporte para promover a solidariedade, indiferentemente de sexo, etnia, religião ou cultura. Desempenho. Acreditamos que a FIFA deve lutar para proporcionar um futebol da mais alta qualidade e a melhor experiência possível, seja como um jogador, um espetáculo ou um grande facilitador cultural e social em todo o mundo. Integridade. Temos a certeza de que, assim como o esporte em si, a FIFA deve ser um modelo de justiça, tolerância, desportividade e transparência. (FIFA, 2013).

Além de se demonstrar uma organização que aprendeu ao longo dos anos a operar diante do cenário político e econômico internacional desde o início do século XX, demonstra fortemente seus ideais iluministas ocidentais e um forte discurso de humanização e desenvolvimento social. Em grande medida trata-se de uma bem-sucedida entidade ocidental, transnacional, sólida no tempo, cujo principal objetivo é expandir a prática do futebol em um mundo sem fronteiras e com resultados econômicos muito significativos:

Noventa e três por cento da renda da FIFA durante o período vieram de receitas relacionadas a eventos: a Copa do Mundo da FIFA África do Sul 2010, que angariou US\$ 2,408 bilhões dos US\$ 2,448 bilhões obtidos pela FIFA por meio da venda de direitos televisivos, e US\$ 1,072 bilhão do US\$ 1,097 bilhão de direitos de marketing. Como um todo, a África do Sul 2010 representou 87% da receita total da FIFA. A FIFA também se beneficiou do seu Programa de Licenciamento de Marca, pelo qual as empresas pagam pelo uso das marcas comerciais da FIFA na publicidade, marketing, promoção e venda dos seus produtos ou programas licenciados. Além de contribuir com a difusão da marca FIFA e com a globalização do futebol, o licenciamento gerou US\$ 37 milhões à FIFA entre 2007 e 2010. A FIFA também obteve US\$ 33 milhões por meio do seu conceito de qualidade: fabricantes pagaram à entidade pelo direito de utilizarem as marcas "aprovada pela FIFA" e "inspecionada pela FIFA" nas suas bolas de futebol, futsal e beach soccer. As outras receitas vieram da estratégia conservadora de investimento da entidade, principalmente de juros de US\$ 51 milhões e ganhos cambiais de US\$ 64 milhões. Um importante êxito do período 2007-2010, durante o qual o balanço da FIFA alcançou US\$ 2,145 bilhões, foi a elevação das reservas a um total de US\$ 1,28 bilhão no dia 31 de dezembro de 2010. A geração de reservas é um dos deveres estatutários da FIFA, pois permite que a organização garanta independência financeira e se prepare para acontecimentos inesperados que possam prejudicar seriamente os fluxos de receita. (FIFA, 2013).

A FIFA como entidade não pode ignorar as confederações continentais e as federações nacionais componentes de sua estrutura política, que fazem parte do Congresso Legislativo da entidade. Existe um comitê executivo, órgão de muita relevância nas decisões da Organização, formado pelas federações nacionais e que de certa forma horizontalizam as ações e decisões da entidade. Muitas decisões são submetidas à decisão colegiada.

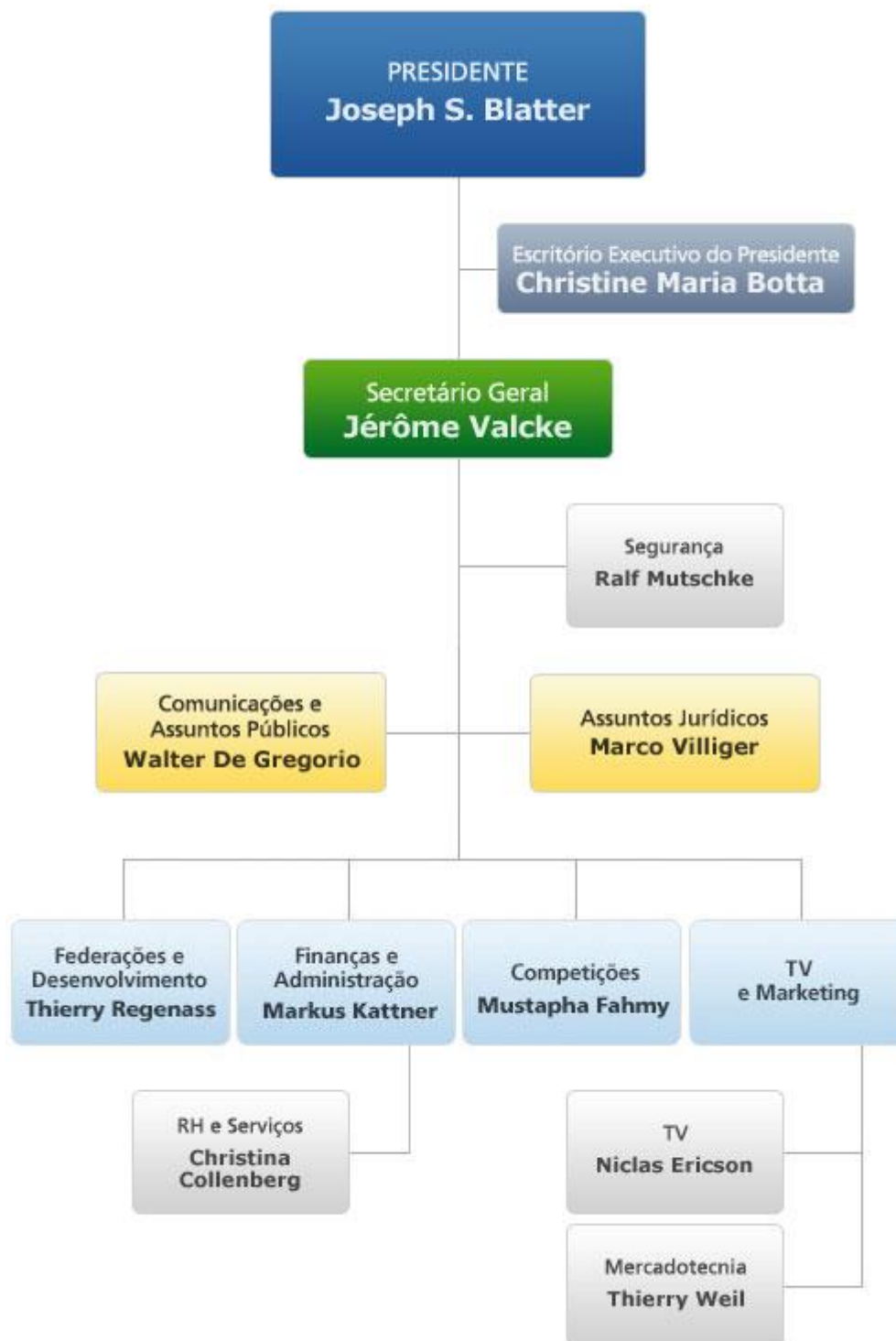
Em seu organograma a associação é composta por um congresso legislativo, um comitê executivo, uma secretaria geral administrativa e por 25 comitês que auxiliam o comitê executivo. O principal órgão de operações é a Secretaria Geral que conta com aproximadamente 350 colaboradores, órgão operacional das decisões Comitê Executivo. O Secretário Geral é o encarregado das finanças, das relações internacionais, da organização da

Copa do Mundo FIFA e das demais competições promovidas pela entidade²⁹. Depois do Presidente é quem comanda as ações e operações da FIFA. A Secretaria é composta por oito departamentos: desenvolvimento, competições, administração do futebol, finanças, negócios, recursos humanos, serviços e comunicações.

Em 2013, o site da entidade apresentava uma brevíssima biografia de seu secretário nomeado em 27 de junho de 2007. Teve uma carreira de sucesso em diversas empresas: em 1984, começou a trabalhar como jornalista no Canal + e, em 1991, tornou-se diretor adjunto do Departamento de Esportes. Em 1997, a rede francesa criou o canal Sport + e lhe confiou à direção, cargo que ocupou até 2002. Após a fusão entre o Sport + e o Sportfive, ele chefiou a Diretoria de Operações da nova rede durante um ano, entre 2002 e 2003. Em junho de 2003, chegou à FIFA para assumir as funções de diretor de Marketing & TV. O organograma do principal setor segue abaixo. O “Poder Executivo/Administrativo da FIFA” 2013, único disponível no site oficial:

²⁹ Os mundiais sub-15, sub-17, sub-20, masculino e feminino, além do mundial masculino e feminino de futsal e do mundial de *beach soccer*.

Figura 1 – Organograma Diretoria FIFA 2013



Nota-se no organograma e pela trajetória do secretário executivo à época que a importância concedida pela FIFA aos departamentos ligados a TV e ao marketing são de vital caráter estratégico comercial. Segundo João Havelange em entrevista à Revista Piauí, ele fora um dos primeiros a perceber, nos anos 70, que o futebol tinha vocação de se transformar num espetáculo mundializado, atraindo patrocinadores multinacionais. No meio do futebol o reconhecimento à centralidade do papel de João Havelange é indiscutível.

Já o congresso FIFA é composto por todos os presidentes de federações filiadas e se reúne pelo menos uma vez a cada ano, sendo estatutariamente o órgão máximo da entidade. As reuniões podem ser ordinárias ou extraordinárias. Nelas decide-se sobre as alterações nos estatutos, debate-se as sugestões dos membros do Comitê Executivo e elege-se o presidente da FIFA. O Congresso da FIFA acontece normalmente a cada dois anos. Entretanto, desde 1998 o encontro vem ocorrendo anualmente de forma extraordinária, por decisão da própria entidade. O Congresso toma decisões sobre os estatutos regulatórios da FIFA e meios para implementação de decisões. Também aprova o relatório anual, decide a respeito da aceitação de novas federações nacionais e promove eleições, em especial a da presidência da FIFA. Cada federação nacional tem direito a um voto não havendo distinção de peso entre eles.

Após denúncias de corrupção nas eleições da FIFA em 2011, as relações entre seu Presidente e a Federação Inglesa estão estremecidas. A imprensa inglesa foi quem fez as denúncias através da BBC de Londres, por intermédio do documentário produzido por aquele canal de TV e do jornalista Andrew Jennings, intitulado “Jogo Sujo – O Mundo Secreto da FIFA”, também publicado em livro já traduzido para o português. Dirigentes da CONCACAF foram afastados, alguns até mesmo banidos do futebol. Durante a última eleição da FIFA foi possível perceber certo abalo na credibilidade do presidente reeleito e da própria entidade perante o mundo. “... Devido às denúncias, o tradicional baile de gala que antecede a eleição do presidente da FIFA foi cancelado...”. (Piauí, jul/2011, p.49).

Ainda segundo o documentário, Confederações como a africana e a asiática já apresentavam indícios de mobilização desfavorável ao Presidente Joseph Blatter nas eleições subsequentes, em 2015. Muito se especulava à época sobre o presidente da CBF, Ricardo Teixeira, que possuía bom trânsito nas duas confederações, além do apoio da Confederação Sul americana, à qual pertence a CBF. Teixeira parecia manter bom relacionamento com o Presidente Blatter, durante anos foi componente do Comitê Executivo, mais alto cargo que um

presidente de confederação pode alcançar além da Presidência da entidade, e ambos são investigados pela justiça suíça quanto ao suborno envolvendo (ISL) – International Sport and Leisure e a compra de direitos de TV relativos às Copas de (Jennings, 2012).

A ISL decretou falência, o que ocasionou maior apuração de suas transações financeiras e acarretou na investigação dos dois cartolas. Foi feito um acordo com a justiça Suíça, ambos devolveram o dinheiro do suborno em troca do sigilo das investigações, porém há uma ação em curso no judiciário daquele país para a quebra do referido sigilo. A Suíça passa por mudanças legislativas a fim de recuperar sua boa imagem e implantar uma prática de maior rigor fiscal, segundo o depoimento da Primeira Ministra no documentário. (Jennings, 2012)

Algumas medidas foram tomadas supostamente em “retaliação” aos escândalos que envolvem inclusive seu próprio Presidente, criando:

- (...) quatro forças-tarefas com o objetivo de propor reformas: "Força-Tarefa de Revisão do Estatuto", presidida pelo Dr. Theo Zwanziger (Alemanha); "Força-Tarefa do Comitê de Ética da FIFA", presidida pelo presidente do Comitê de Ética, Claudio Sulser (Suíça); "Força-Tarefa de Transparência e Cumprimento de Leis", presidida por Juan Angel Napout (presidente da Federação Paraguaia de Futebol) e por Frank Van Hattum (presidente da Federação Neozelandesa de Futebol); e a "Task Force Football 2014" (em operação desde maio de 2011), presidida por Franz Beckenbauer (Alemanha).
- A criação de um "Comitê Independente de Governança" (a ser formado na próxima reunião do Comitê Executivo da FIFA em dezembro de 2011), que, entre outras tarefas, supervisionará reformas empreendidas pela FIFA. Ele será constituído de representantes não apenas da família do futebol internacional, mas também de outras esferas.
- O estabelecimento de um plano de ação para a "Boa Governança da FIFA" entre outubro de 2011 e o Congresso da FIFA 2013). (FIFA, 2013).

A dúvida persistente é com relação às acusações de pagamento de propina aos presidentes de federações em votações nos congressos FIFA. As denúncias abarcam questões como a escolha das sedes de CMFs, venda de direitos televisivos que recaem principalmente sobre dirigentes brasileiros, como o ex-presidente da entidade e da CBF, João Havelange, ex-sogro do também envolvido Ricardo Teixeira, que presidiu a CBF entre 1989 até início de 2012.

Se confirmada a compra de votos. É necessário entender a legitimidade desta prática. Questionar a efetividade do Comitê Independente de Governança.

2.5 – CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF)

No que tange ao futebol nacional, a referência organizacional é a Confederação Brasileira de Futebol – CBF, associação brasileira de direito privado e de interesse público, derivada da antiga CBD, fundada em 20 de agosto de 1919. A CBF tal como existe hoje é a entidade máxima do futebol brasileiro, responsável apenas pela gestão do futebol de campo e de areia (*beach soccer*).

Ela é composta por 26 Federações Estaduais e 1 distrital, responsáveis por campeonatos de futebol de campo (apenas) entre os clubes, em cada uma das Unidades Federativas do País, além dos campeonatos nacionais. É a entidade que chancela todos os campeonatos oficiais no Brasil, masculinos e femininos. Sua sede localiza-se na Barra da Tijuca Rio de Janeiro, possui um centro de treinamento localizado em Teresópolis (Granja Comary) E sua diretoria em 10 de fevereiro de 2013 era composta por:

Diretoria CBF 2013

Presidente

José Maria Marin

Vice-presidentes

Fábio Marcel Nogueira (Sul)

Fernando José Macieira Sarney (Norte)

Marco Antonio de M. Ferreira (Nordeste)

Weber Magalhães (Centro Oeste)

Marco Polo Del Nero³⁰ (Centro Sul)

³⁰ O ex-presidente da CBF (Confederação Brasileira de Futebol) Marco Polo Del Nero foi banido de vez do futebol pela Fifa em comunicado divulgado nesta sexta-feira. Segundo a entidade, o cartola brasileiro foi afastado de todas as atividades no esporte por ter sido considerado culpado de acusações envolvendo "suborno e corrupção", "oferecer e aceitar presentes e outros benefícios", "conflitos de interesse" e por ter violado "regras gerais de conduta" do Código de Ética da Fifa. Del Nero foi banido pela primeira vez do futebol ainda em dezembro do ano passado, quando a Fifa o suspendeu por 90 dias - com isso, ele foi obrigado a deixar a presidência da CBF, cargo para o qual foi eleito em 2014. Depois disso, a entidade estendeu a suspensão dele por mais 45 dias até anunciar o banimento total do futebol "para sempre" nesta sexta-feira. Atualmente está impossibilitado de sair do País para não ser preso. Presidi a CBF por tempo relevante nesta condição. Disponível: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43888248>, <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-anuncia-banimento-de-marco-polo-del-nero-do-futebol-para-sempre.ghtml> e <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-04/ex-presidente-da-cbf-marco-polo-del-nero-e-banido-do-futebol>. Acessos em: junho de 2018.

Secretaria Geral

Julio Cesar Avelleda

Diretoria de Competições

Virgílio Elísio da Costa Neto

Diretoria Jurídica

Carlos Eugenio Lopes

Diretoria de Marketing

José Carlos Salim

Diretoria Financeira

Antônio Osório Ribeiro L. da Costa

Diretoria de Registros e Transferência

Luiz Gustavo Vieira de Castro

Diretoria de Assessoria Legislativa

Vandenbergue dos Santos S. Machado

Presidente da CBF de 1989 até 2012, Ricardo Teixeira, em entrevista à Revista Piauí, em julho de 2011, explica porque saiu do mercado financeiro para atuar na CBF: “Foi o rumo natural das coisas” (Teixeira apud Piauí, 2011, p.44). Segundo a entrevista, Teixeira havia conhecido Lúcia, filha de João Havelange presidente da então CBD, aos 19 anos, casou-se 5 anos depois e tiveram 3 filhos. Atualmente uma de suas filhas é a diretora executiva do COL – Comitê Organizador Local e permanece mesmo após sua renúncia.

Ricardo Teixeira teve papel decisivo em diversas decisões relativas tanto à CMF2014 quanto ao conjunto do futebol brasileiro nos últimos anos. A reportagem da revista o apresenta como “cartola-mor” e o grande decisor quanto à seleção, prêmios, relações com a imprensa, etc. Sobre a parte financeira, afirma esta publicação:

Ao assumir a presidência, Teixeira abriu mão de toda a receita pública, inclusive de dividendos da loteria esportiva, uma das principais fontes de renda da entidade. Também abdicou dos ganhos pelo uso da imagem dos times, e deixou que o lucro de bilheteria ficasse para os clubes. Ao contrário do Comitê Olímpico Brasileiro, cujas verbas são públicas, na CBF não há dinheiro do Estado. Ele conta que, ao assumir o cargo, encontrou a Confederação em petição de miséria. Até a Taça Jules Rimet estava penhorada. Houve ocasiões em que jogadores só entraram em campo depois de ver, literalmente, a cor do dinheiro de seus salários atrasados. Diz que saneou as contas graças a sua experiência no mercado financeiro. Hoje a entidade tem 120 milhões de reais em caixa, jatinho, helicóptero e um terreno na Barra, estimado em 25 milhões de reais, destinado à construção de

uma nova sede. No seu mandato, a Seleção chegou à final da Copa três vezes, venceu duas e ganhou a Copa América em cinco ocasiões. (Revista Piauí, jul/2011, p.46)

Ao observar com certa atenção a história do futebol brasileiro, sua atual prosperidade econômica, sua estrutura política e a importância da presidência da CBF com relação à CMF2014, é possível afirmar que a CBF é ator fundamental em qualquer análise acerca do futebol brasileiro, por seu protagonismo como entidade e sobre o papel de seu presidente até o início de 2012. Sendo assim, impõe-se a necessidade de que o olhar investigativo se volte para Ricardo Teixeira (1989-2012) e a José Maria Marin, seu sucessor, pessoas claramente influentes em todo o processo decisório que envolveu a CMF2014. Foram eles os principais tomadores de decisão em nome da CBF, altamente influente na FIFA e no próprio Governo Federal, principalmente com relação a negociações que envolveram a Lei Geral da Copa e o Caderno de Encargos da FIFA, além das próprias obras ligadas à Copa.

A CBF é uma bem sucedida entidade do ponto de vista financeiro e seus principais objetivos são gerir a Seleção Brasileira e “regular” as federações estaduais, exercendo o vínculo entre os clubes nacionais de futebol e a FIFA. É a entidade nacional do futebol. É importante reafirmar que ao assumir a presidência da entidade, Teixeira abriu mão de toda a verba pública que era destinada a CBF, liberou os clubes para negociarem seus direitos de imagem e abriu mão da participação que cabia à CBF sobre os direitos de transmissão dos campeonatos. Do ponto de vista prático, parece se restringir à organização dos campeonatos, à gestão das seleções brasileiras e à oficialização das transferências de jogadores entre os clubes nacionais e destes com os clubes estrangeiros. Na prática a entidade ganha em gestão autônoma e na busca de recursos e influência fora do alcance de suas relações anteriores, quando recebia recursos públicos e “controlava” recursos de clubes e federações.

Diferentemente da FIFA, há extrema dificuldade quanto ao levantamento de dados com relação a CBF. O site da confederação (www.cbf.com.br) não possui a fatura de informações que o site da FIFA proporciona; abstêm-se de falar sobre a missão da entidade e não contém os balanços financeiros.

Apesar dos percalços, a estratégia utilizada para elaboração de um perfil da entidade se debruçou em algumas declarações e entrevistas do próprio presidente da entidade. Ricardo Teixeira, que presidiu a entidade esportiva por 23 anos e 56 dias, assumiu seu primeiro mandato em 1989, renovando-o ininterruptamente até 12/03/2012, quando renunciou ao

cargo, mediante carta lida por seu sucessor, José Maria Marin. Teixeira afirmava pretender se desvincular do cargo somente em 2015 e se candidatar à Presidência da FIFA, com a prerrogativa de ter realizado a maior Copa de todos os tempos. Outra estratégia de levantamento de dados acerca da CBF foi a imprensa de grande circulação, posto que os balanços financeiros não estejam disponíveis no site da entidade com frequência.

Uma das entrevistas centrais nesta análise foi publicada em 2011. O próprio entrevistado aprovou a edição e reclamou apenas do trecho em que a repórter Daniela Pinheiro da Revista Piauí diz que ele aparentava mais idade do que realmente possui.

Uma noção do crescimento econômico da CBF se expressa através dos patrocinadores e parceiros comerciais à época. Na inicial do site normalmente há um grande destaque para as logomarcas. A Seleção Brasileira possui em média 10 patrocinadores a partir dos anos 1990. Lembrando a abertura econômica brasileira a partir daquela década, período que coincide com a posse de Teixeira (1989), o crescimento econômico é evidente, considerando que Teixeira declara ter assumido a entidade em “petição de miséria”.

[...] O lucro da CBF entre 2008 e 2009 mais do que dobrou: passou de 32 milhões de reais para 72,3 milhões de reais. O Citation Sovereign (avião jato) que a CBF comprou no ano passado custou 47,5 milhões de reais. O volume de patrocínios que a CBF recebeu em 2009 foi de 164,9 milhões de reais. No ano anterior havia sido 104,7 milhões – um aumento de 60%. Nada como ano de Copa... Da Nike a CBF recebeu 59 milhões de reais. O Itaú pagou 33 milhões de reais à entidade. A Vivo, 30,9 milhões de reais. A AmBev investiu 19 milhões de reais na seleção e a TAM 7,2 milhões de reais. Pão de Açúcar, Procter&Gamble e Volkswagen gastaram menos: 3,2 milhões, 3,7 milhões e 2,7 milhões de reais, respectivamente. A Traffic, de J. Hávila, segundo o balanço da CBF, pagou 3,9 milhões de reais, além do novo contrato com a Nestlé. A CBF arrecadou 29,5 milhões de reais como pagamento pelos amistosos que a seleção jogou. A Globo pagou 11,3 milhões pelos direitos de exclusividade dos jogos da seleção. As despesas da CBF subiram bastante entre 2008 e 2009: passaram de 66 milhões de reais para 84,8 milhões de reais. (PONTE, 2011, p.14)

No ano da CMF2010, na África do Sul, o aumento da receita e dos gastos é significativo, mas o crescimento dos lucros não cessa:

O presidente Ricardo Teixeira apresentou, nesta quarta-feira, durante a assembleia geral da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o balanço financeiro da entidade referente ao exercício de 2010 e se vangloriou do total das receitas brutas, que pularam de R\$ 226.263.000 para R\$ 263.334.000, um aumento de 16,4%. Mas a entidade também registrou uma elevação em suas despesas operacionais e custos, que saltaram de R\$ 126.494.000 para R\$ 142.377.000, uma variação de 12,5%. No balanço patrimonial apresentado pela CBF, chama atenção o montante destinado ao pagamento de serviços de terceiros: R\$ 23.405.000. Esse item registrou uma elevação de 36,4%, em relação a 2009, quando totalizou R\$ 17.166.000. A CBF ainda se viu vulnerável à quantidade de depósitos judiciais que foi obrigada a fazer. Os valores praticamente dobraram e pularam de R\$ 16.642.000 para R\$ 32.327.000. O crescimento das despesas operacionais e dos custos, além do aumento de depósitos judiciais, foi neutralizado pela arrecadação recorde em patrocínios. Se em 2009, a CBF havia recebido R\$ 164.923.000, no ano passado totalizou o montante de R\$ 193.525.000. Ao término do balanço financeiro, a CBF conseguiu obter um lucro líquido de R\$ 83.009.000 contra R\$ 72.360.000 obtidos em 2010. Valor que corresponde a um aumento percentual de 14,7. (LanceNet,06/abr/2011).

Considerando a importância da Presidência da CBF, o sucessor de Teixeira - José Maria Marin - não pode deixar de ser mencionado, particularmente pela relevância que desempenhou no processo decisório que envolveu a Copa. O presidente da CBF é o principal tomador de decisão dentro da entidade, altamente influente na FIFA e parte importante no diálogo com o governo brasileiro. À CBF se vinculam os interesses de diversos clubes profissionais no Brasil. Quem ficará com a concessão do Maracanã modernizado após a Copa? Clubes que não possuem estádios próprios, como o Corinthians Paulista utilizou-se das necessidades geradas pela Copa, obteve do BNDES financiamento para construção de seu estádio, através da Odebrecht, construtora da Arena que fará abertura do evento. Clubes que já possuíam estádios, como o Atlético Paranaense, ou reformaram seus estádios; cidades onde o futebol é pouco expressivo, como Brasília, Cuiabá, Natal e Manaus, estão construindo modernas arenas. Além de times considerados pequenos, como o América Mineiro, que também reformou estádio em função da CMF2014. Cidades de médio porte sofrem reformas em diversos setores com o pretexto de se tornarem sedes do evento. Uma série de interesses girando em torno da CBF, mas que também extrapolam o “mundo do futebol”.

[...] E quem nomeia o técnico da equipe brasileira. Na próxima Copa, Teixeira influenciará na escolha dos estádios, dos lugares de concentração das equipes estrangeiras, e poderá palpar sobre qualquer obra pública ligada ao Mundial. (Revista Piauí, jul/2011, p.44).

A realização da CMF2014 funcionava como uma espécie de “cabo eleitoral” de Ricardo Teixeira, conseqüentemente, o aumento de sua influência no cenário do futebol mundial e o fortalecimento de seu nome para as eleições da FIFA em 2015.

Quando o casamento de sua filha acabou, Havelange rompeu com Teixeira. [...] “E aí apaguei tudo. Voltei a me relacionar como se ele ainda estivesse casado com minha filha. Porque neto é neto. Bisneto é bisneto”. [...] “O Ricardo queria se apresentar agora, mas eu disse a ele: ‘Faz uma Copa do Mundo de qualidade, trata todo mundo de maravilha, vão votar em você por agradecimento.’” (Revista Piauí, 2011, p.47).

Ao início de 2012, após licença médica, Ricardo Teixeira renunciou ao cargo de presidente da CBF. De acordo com o estatuto, assume o vice-presidente com mais idade. Quem atendeu os requisitos foi José Maria Marin vice-presidente responsável pela Região Sudeste. Entrevistado pelo UOL.

Marin é formado em direito pela USP. Durante o curso, foi também jogador do São Paulo Futebol Clube de 1950 a 1952. Mais adiante, na década de 60, iniciou sua carreira política como vereador em São Paulo. Era então filiado ao PRP, do integralista Plínio Salgado. Apoiador da ditadura militar, José Maria Marin foi deputado estadual pela ARENA, partido de sustentação do regime. Foi também vice-governador de São Paulo na gestão de Paulo Maluf. Assumiu o governo por 10 meses após Maluf deixar a vaga de maio de 1982 a março de 1983. Com o fim da ditadura, Marin perdeu todas as eleições livres que disputou depois. Para senador pelo PFL, depois tentou ser prefeito de São Paulo pelo PSC. Em 2002, tentou o Senado e também perdeu, PSC. Hoje está no PTB. Marin foi vice-presidente da CBF até Ricardo Teixeira renunciar em 2012. Assumiu a presidência da entidade e, entre suas funções, está presidir o COL, o Comitê Organizador Local da Copa do Mundo de 2014, que será realizada no Brasil. (UOL, 12/nov/2012).

Obviamente todas as prerrogativas que antes eram de Teixeira agora são de Marin. Foi presidente da Federação Paulista de Futebol entre 1982 e 1987. (www.futebolpaulista.com.br e www.campeoesdofutebol.com.br, 2013). Um breve resumo de sua carreira como dirigente de futebol encontra-se em reportagem veiculada pelo esporte www.ig.com.br:

Quando Marin ainda se preparava para deixar o governo do estado, assumiu a presidência da FPF (Federação Paulista de Futebol), cargo que ocupou por seis anos, entre 1982 e 1988. Foi um fiel aliado do poderoso Nabi Abi Chedid, morto em 2006. (Chedid foi presidente da FPF entre 1979 e 81 e homem forte da CBF a partir da segunda metade dos anos 80). A dupla, inclusive, chefiou a delegação brasileira na Copa do México, em 1986, quando a seleção dirigida por Telê Santana foi eliminada pela França nas quartas de final. (IG, 08/mar/2012).

O balanço financeiro foi divulgado em 2012, já na gestão de José Maria Marin, porém referente ao último ano de Ricardo Teixeira como Presidente, 2011.

O valor arrecadado pela Confederação atingiu formidáveis R\$ 300 milhões, um aumento de 14% com relação a 2010. Os patrocínios acompanharam o crescimento, saindo de R\$ 193 milhões para R\$ 219 milhões (+ 13%). (...) Os R\$ 59 milhões pagos pela fornecedora de material esportivo em 2011 foram inferiores a 2010 em cerca de R\$ 6 mi. Mas a má fase da Seleção não é a única explicação: é natural que a conta se reduza – principalmente a título de *royalties* – após um ano de Copa do Mundo. Em seguida, percebe-se o escalonamento entre cotistas principais (Itaú, Vivo e AMBEV) e cotistas secundários, com pagamentos inferiores a R\$ 15 milhões. (...) Ainda que a lucratividade da CBF tenha caído – especialmente em razão da mal explicada conta “Outras despesas e receitas” (-8.199), fica claro que a saúde da entidade comandada por José Maria Marin vai bem. Além dos patrocínios, receitas como as financeiras e de televisionamento fizeram da CBF a entidade esportiva que mais arrecadou no país em 2011 – superando por alguns milhões o **Corinthians**. Percebe-se que a CBF possui dinheiro em caixa, investido e rendendo juros. Era de se esperar, portanto, maiores investimentos no nosso futebol, em tempos de precariedade técnica e estádios vazios. (Globoesporte.com, 19/04 2012).

Importante destacar que após a posse de Marin, houve mudanças no site da entidade cujo maior destaque foi o item Presidência, onde o próprio José Maria Marin passou a escrever sobre os resultados das partidas, prestar homenagens e por ventura, comentar episódios relacionados ao futebol. (CBF, 2013). Também houve mudanças referentes à produção dos balanços financeiros:

Os balanços financeiros da CBF, que eram produzidos por uma firma terceirizada, serão feitos agora internamente. No início desta semana, a confederação rescindiu o contrato com a empresa de contabilidade MPCN sem alegar um motivo específico. A informação é da coluna Paineis FC, assinada por Bernardo Itri e Eduardo Ohata, desta quinta-feira. A MPCN prestava serviços à entidade havia cerca de dez anos. Cartolas criticaram a mudança porque, segundo eles, a contabilidade da CBF ficará menos independente. Segundo dirigentes com trânsito na CBF, o novo responsável por fazer os balanços da

entidade foi indicado pela nova diretoria e tem ligações com a FPF (Federação Paulista de Futebol). Marco Polo Del Nero, presidente da FPF e vice da CBF, afirmou, por meio de sua assessoria de imprensa, que não está tratando desse assunto e não tem interferência na mudança. (Folha de São Paulo, 13/09/2012).

É importante lembrar a trajetória histórica entre a política e o futebol no Brasil, abordada no capítulo 1. O tempo passou, a gestão se modernizou, os vínculos administrativos foram rompidos, a CBF abriu mão de verba pública, porém a obscura relação se perpetua no tempo e se exacerba com a realização da CMF2014 no Brasil.

Cabe ressaltar que Lula e Teixeira se relacionavam publicamente, o início da aproximação se deu em 2004, quando a seleção brasileira foi jogar no Haiti, numa ação de propaganda, para valorizar as tropas nacionais enviadas a Porto Príncipe. (Piauí, jul 2007, p.50)

Posteriormente, por ocasião da cerimônia de assinatura das “Garantias Governamentais” para candidatura brasileira é outro bom exemplo público da relação entre ambos. Em vários discursos Lula mencionava com intimidade o ex-presidente da CBF, elogiava seu trabalho publicamente, principalmente após a conquista da realização da CMF2014 junto a FIFA. Um exemplo emblemático é o discurso em Zurique na Suíça, após a escolha do Brasil como sede da CMF2014 em 30 de outubro de 2007. (Lula, 2007 apud Mariângela Santos, 2011).

Em 2007, na cerimônia de revelação do Brasil como país sede da CMF2014:

Eu queria dizer ao Presidente da FIFA, presidente Blatter, da alegria de ver o nome do Brasil aparecer naquela papeleta. Quero agradecer aos governadores do Brasil e às governadoras que estão aqui, são 13, mas certamente tem 27 querendo levar a Copa do Mundo para seus estados. Quero agradecer a todo comitê Executivo da FIFA, aos presidentes de federações e agradecer ao Ricardo Teixeira pelo empenho, não agradecer, dar os parabéns pelo empenho. (LULA, 2007 apud SANTOS, Mariângela, 2011, p.167).³¹

Em 2010, na cerimônia de assinatura do acordo com governadores, de início da jornada dos trabalhos para CMF2014:

³¹ Discurso na cerimônia de revelação do Brasil como país sede da CMF2014 Zurique, Suíça em 30 de outubro de 2007.

Quero cumprimentar o companheiro Ricardo Teixeira, Presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo de 2014 no Brasil e Presidente da CBF. E dizer a você, Ricardo, que eu não serei mais Presidente depois do dia 1º de janeiro de 2011, mas continuarei brasileiro, continuarei amante do futebol e pode contar comigo no que for necessário para que a gente possa fazer a melhor Copa do Mundo que um país já conseguiu fazer. Eu tenho certeza que o Brasil será capaz disso. (LULA 2010 apud SANTOS, Mariângela, 2011, p.172).³²

Com Dilma Rousseff a relação com a Presidência da República (2011-2016) se abalou. Desde o primeiro evento público ela sinalizara que não queria sua imagem vinculada a Teixeira. Na semana do sorteio dos grupos das eliminatórias para CMF2014, na Marina da Glória-RJ, no dia 30 de julho de 2011, algumas declarações no intuito de dizer que não possuía preocupações ou tarefas com relação ao futebol eram recorrentes, sempre delegando aos responsáveis do Comitê Organizador Local (COL) as tarefas que lhes cabiam e que republicamente não era de suas atribuições interferir no processo, a não ser naquilo que cabia ao Governo em relação a CMF2014.

Na cerimônia que reuniu artistas, políticos e alguns dos principais nomes do futebol nacional, como Ronaldo e Zico, Teixeira foi recebido com frieza dentro da própria festa. E a recepção foi feita por ninguém menos que a presidenta da República. (...) Dilma dispensou a ele apenas um tratamento protocolar. No discurso mais importante da tarde, o homem mais poderoso do futebol foi lembrado apenas como “senhor Ricardo Teixeira” – num ato falho da presidenta, proposital ou não, que não o citou como presidente do comitê organizador do Mundial. Alvo de protestos do lado de fora da Marina da Glória, onde foi realizada a cerimônia, Teixeira não foi sequer chamado para o palco no início da apresentação. Ficou, com a cara de poucos amigos de sempre, sentado numa fileira ao lado do presidente da FIFA, Joseph Blatter. O gelo foi derretido quando ela se dirigiu a Pelé, recém-nomeado embaixador da Copa no Brasil, e a quem Dilma não poupou honrarias. Em sua fala, o Rei do Futebol foi lembrado como “meu querido”, e “inesquecível”. O craque, que mantém relações instáveis com Teixeira, foi aplaudido de pé. (...) “O Brasil continua a ser identificado como o país do futebol. E isso nos envaidece. Nós amamos o futebol. Ganhamos cinco Copas do Mundo e aqui nasceram muitos dos maiores craques de todos os tempos”, lembrou, antes de convidar “os povos do mundo inteiro a conhecer o Brasil e os brasileiros”. “Encontrarão um Brasil muito bem preparado para realizar a Copa. Com toda a infraestrutura necessária: transporte, tecnologia de comunicação e muita segurança”, prometeu. “Estamos fazendo a nossa parte para que a Copa seja a melhor de todos os tempos. Estejam certos de que esse novo Brasil estará pronto para encantar o mundo em 2014”,

³² Discurso na cerimônia de revelação do Brasil como país sede da CMF2014 Zurique, Suíça em 30 de outubro de 2007.

finalizou a presidenta. (DILMA, 2011 apud Agência Brasil e Carta Capital, julho/2011).³³

A cerimônia foi transmitida ao vivo pela Rede Globo e Rede Bandeirantes, canais abertos, e pelo Sportv e ESPN, canais por assinatura, e assistida pelo autor deste trabalho nos quatro canais, bem como as mesas redondas após o sorteio. Em todas as transmissões foram feitas menções ao distanciamento de Dilma e Teixeira, inclusive ao fato de Pelé, Embaixador da Copa, ter se sentado entre a Presidente Dilma e Teixeira. A repercussão sobre o distanciamento da presidente Dilma com relação ao então presidente da CBF foi grande nos mais variados veículos de imprensa.

No episódio mais emblemático durante o evento, a Presidente fez questão de não ir à sala reservada para que aguardasse o início da cerimônia ao lado de Teixeira, Pelé e algumas personalidades. Além disso, exigiu que Pelé, nomeado por ela Embaixador da CMF2014, ficasse entre ela e Teixeira durante o sorteio. O mal-estar foi evidente e diversos veículos enfatizaram o desejo da Presidente em não ter nenhum contato próximo a Teixeira. A sinalização foi bastante clara. As coisas haviam mudado. (Sorteio Marina da Glória, 2011).

Uma ação efetiva da Presidente Dilma que sustenta a tese de sua rejeição a Ricardo Teixeira é a escolha de Aldo Rebelo para o Ministério do Esporte, pois foi ele o presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito que investigou os contratos celebrados entre a Nike e a CBF. (Ministério do Esporte, 2012). Escreveu o livro “CBF-Nike” com Silvio Torres (deputado relator da comissão), relatando as investigações sobre os negócios de Teixeira. Em janeiro de 2002, no entanto, o presidente da CBF obteve liminar na Justiça proibindo a venda do livro. (lance net, 2012).³⁴

Segundo Silvio Torres, relator da CPI, em entrevista para reportagem do Diário Lance:

"Aquela CPI comprovou irregularidades. Houve esperança de mudança, os órgãos competentes foram avisados, munidos de documentos. Poucos tiveram alguma consequência. Um deles envolve o Ricardo Teixeira e empréstimos suspeitos feitos pela CBF em bancos do exterior. Pelo que sei, está dormitando em uma das gavetas da Justiça Federal do Rio de Janeiro. Teixeira tem circulado pelo Brasil como se fosse um governante de muito

³³ (Agência Brasil e Carta Capital, 2012) Disponível em: <http://folha13.blogspot.com.br/2011/07/dilma-se-afasta-de-ricardo-teixeira-em.html>. Acesso em 08 de fev 2013.

³⁴ Disponível em: http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Ricardo-Teixeira-escapou-CPIs_0_647935363.html. Acesso em 12 de mar de 2012.

poder. O futebol brasileiro tem uma rede de proteção no Congresso. E o poder do Ricardo Teixeira advém da Copa de 2014. Há interesses financeiros no meio.” (LanceNet, 12/03/2012).

A exposição das questões relativas ao futebol em certa medida contribui para uma intensificação da presença de suas mazelas em dimensão nacional. Houve uma série de manifestações através das principais redes sociais clamando pela saída de Teixeira do comando da entidade. Também houve passeatas e uma manifestação com participação civil e repercussão na imprensa, na data do sorteio das eliminatórias da Copa na Marina da Glória-RJ e na semana posterior. Além da clara sinalização de que com a Presidente Dilma Rousseff as coisas seriam um pouco diferentes do que com Lula. Nem antes, nem no decorrer, nem após o evento houve contato pessoal da Presidente Dilma com o ainda presidente Teixeira. Ao contrário, uma clara demonstração de rejeição ao Cartola, no Sorteio Marina da Glória em 2011, o que posteriormente pode ter contribuído para renúncia de Ricardo Teixeira em março do ano seguinte. Com Marin a relação da presidente Dilma não é diferente, certamente distante. Os olhares da imprensa se voltam agora para Marin, este mantém Ricardo Teixeira como consultor da CBF, paga salários a ele, e vem sendo alvo de denúncias acerca de suas ações durante o governo militar. Muito se especulava sobre sua renúncia naquele ano. O Deputado Federal Romário é um dos principais interlocutores neste contexto.

Aproximadamente após um ano da CMF2014, em 27 de maio de 2015, em Zurique, na Suíça, 7 dirigentes da FIFA são presos através de operação conjunta entre a Polícia Suíça e o FBI, por suspeitas de corrupção envolvendo cerca de US\$ 150 milhões.

Horas depois, autoridades suíças anunciaram que fariam sua própria investigação sobre o processo de escolha dos países-sede das Copas de 2018 (Catar) e 2022 (Rússia). A polícia suíça entrou na sede da Fifa, em Zurique, e apreendeu provas eletrônicas. A Fifa é o órgão responsável pelo futebol mundial. Nos últimos anos, sofreu acusações de corrupção, particularmente no processo de escolha da sede do Mundial de 2022 - o vencedor foi o Catar. Em dezembro de 2014, a Fifa decidiu não divulgar sua própria investigação de corrupção - que, segundo a entidade, disse que o processo de escolha foi isento. O autor do relatório, o americano Michael Garcia, renunciou ao cargo. A Copa do Mundo gera bilhões de dólares em receita. As prisões e a investigação lançam dúvida sobre a transparência e honestidade do processo de escolha nos últimos torneios. (BBC Brasil, 2015).

Com efeito, houve também consequências aos brasileiros. A investigação era ampla e em escala mundial perpassando por toda a estrutura de poder instaurada na FIFA, assim como

as confederações e federações associadas a ela. A repercussão na FIFA e na CBF reverberam no pós CMF2018 na Rússia. A CBF já teve mais dois presidentes, crises institucionais e comitês amorfos de investigação foram criados em ambas as instituições.

Três brasileiros estão implicados no esquema de corrupção, de acordo com o Departamento de Justiça dos EUA. Um dele é o ex-presidente da CBF José Maria Marin - a nota do Departamento de Justiça não detalha as suspeitas contra ele. A CBF se manifestou a respeito da investigação por meio de nota dizendo que aguardará, de forma responsável, sua conclusão, sem qualquer julgamento que previamente condene ou inocente." A Justiça americana diz que José Hawilla, dono da Traffic Group, maior agência de marketing esportivo da América Latina, confessou os crimes. A Traffic é dona de direitos de transmissão, patrocínio e promoção de eventos esportivos e jogadores, além de empresas de comunicação no Brasil. Consultado pela reportagem, o advogado de J. Hawilla, José Luis de Oliveira Lima, afirmou que o dono da Traffic "apoia as investigações e prestou esclarecimentos devidos às autoridades americanas" e está em liberdade nos Estados Unidos. O terceiro brasileiro investigado pelo FBI é José Lazaro Margulies, proprietário das empresas Valente Corp. e Somerton Ltd., ambas ligadas a transmissões esportivas. A nota divulgada pela justiça norte-americana afirma ainda que investiga suposto pagamento e recebimento de suborno em um patrocínio "da CBF para uma grande empresa de roupas esportivas dos EUA". A Justiça americana também cita a Copa do Brasil, organizada pela CBF, como uma das competições em que poderia ter havido corrupção na negociação de direitos de transmissão e marketing. A Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, não é citada especificamente no documento.

2.6 – AS REDES DE CLIENTELA³⁵ E O CARTORIALISMO COMO INSTRUMENTO DE PODER NA EPEB

Uma inspiração associada ao tema da clientela e central para o entendimento da EPEB pode ser encontrada no *cartorialismo* de Hélio Jaguaribe (1962). É difícil afirmar se por causa das redes ou por consequência delas. Um dos objetivos secundários foi compreender esta relação e sua eventual causalidade. De que maneira e em que medida contribui para produzir e perpetuar a EPEB, que é fechada e avessa a todo e qualquer tipo de regulação.

Na interpretação das questões do desenvolvimento brasileiro, Jaguaribe (1962) argumenta que desde o pós-1930 o Brasil apresenta aspectos de continuidade institucional (tradicional) que se misturavam com práticas mais recentes e inovadoras (modernas). Neste ponto se assemelha a Nunes (2003) (item abaixo) e suas “gramáticas” de mediação dos interesses coexistentes no Brasil República.

O modelo explicativo de Jaguaribe (1962) centrado na *clientela* e no *cartorialismo* acerca do Brasil discriminava uma fase anterior a 1930, denominada “colonial”, e uma outra fase, pós-1930, denominada “semicolonial” em ambas, predominavam a “política de clientela” e o “Estado Cartorial”. Justamente a partir destes dois traços marcantes da vida em sociedade no Brasil é que as relações de classe foram se estruturando no período, Souza e Silva (2005).

O “Estado Cartorial” possuía como critério central uma hierarquização social *clientelista* e, desta forma, gerava baixa produtividade no sistema produtivo, protegia algumas classes específicas e à margem do próprio sistema produtivo. No limite, eram sustentadas pelo sistema, posto que eram protegidas e estavam à margem do sistema produtivo, ou seja, provavelmente não trabalhavam, ou trabalhavam pouco.

Se aplicarmos esta ideia ao caso do FUTBRAS, não é difícil concordar que o sistema e a estrutura montados em Federações Estaduais de Futebol - (FEF) sob a regência da CBF protege seu *corpo dirigente*, neste caso, grupos específicos e não classes, o que gera baixa produtividade, ou melhor, baixa qualidade do futebol brasileiro no “campo e bola”, mas principalmente, gera falência do caixa dos clubes e do modelo de gestão insustentável

³⁵ A disciplina Tópicos Especiais em Ciência Política: Clientelismo político em perspectiva comparada, ministrada pela Prof.^a Dr.^a Marta Mendes da Rocha no PPGCSO – UFJF, contribuiu decisivamente para a perspectiva e para bibliografia que se debruça sobre o tema desta tese. Também contribuiu oportunamente o Mestrando Gustavo Pacceli da Costa, colega dos tempos de graduação e da disciplina supracitada.

financeiramente e disseminado por clubes e entidades desportivas brasileiras. O *corpo dirigente* da EPEB, vulgo “cartolagem”, caracterizam grupos à margem do próprio sistema produtivo, ou seja, à margem do “campo e bola”; habita o “extracampo”, os gabinetes dos suntuosos prédios das FEF’s e da CBF e as tribunas de honra dos estádios do FUTBRAS, espalhados pelo território nacional.

O cenário econômico era, no pós-1930, fruto do processo histórico, social e global e acarretava subdesenvolvimento. Algo também muito semelhante à situação do FUTBRAS, conforme abordado principalmente no item 2. Mesmo com o processo de desenvolvimento econômico industrial, no caso do futebol desenvolvimento da atividade enquanto entretenimento, *grupos tradicionais* não deixam a *clientela do estado*, agindo por dentro das instituições que mantinham sua tradição patrimonialista, em suma, não deixam os cargos na EPEB.

No pós-1930 o Brasil teria se desenvolvido economicamente em meio a instituições políticas arcaicas e uma cultura política quase colonial. O cenário era de descompasso entre as profundas transformações do sistema produtivo que se industrializava rapidamente e o início da urbanização, combinados com uma estrutura política e instituições cujos moldes não acompanhavam as mudanças na mesma velocidade e resistiam a mudar.

Se observarmos com atenção a história do futebol no Brasil, perceberemos que houve a modernização do “campo e bola”, não somente por causa dos estádios da CMF2014, mas, principalmente, pelas inovações de todo tipo referentes à prática esportiva, que se deram ao longo da trajetória da Seleção Brasileira e de alguns dos maiores CBdeF. A especialização das funções nas comissões técnicas, na preparação física, nutrição, psicologia, fisiologia, fisioterapia, e, atualmente, até na tal “gestão dos departamentos de futebol”, bem como nos instrumentos de treinamento tático e as mais variadas inovações tecnológicas através das ciências do esporte”. O “campo e bola” se modernizou perante uma EPEB arcaica, retrógrada e viciada, responsável pela paralisia do FUTBRAS frente às grandes potências futebolísticas mundiais. Provavelmente, o maior ícone deste quadro seja a CBF e a Seleção Brasileira, tradição e modernidade abraçadas. Bem parecido com o perfil que se buscou traçar aqui sobre o FUTBRAS no item 2.

Com base nesta inspiração, a “quase falência” do futebol nacional pode ser resultado de uma EPEB arcaica, tradicional e desatualizada e extremamente afastada dos pressupostos institucionais contemporâneos, como transparência, responsabilidade fiscal, democratização e

boa governança das entidades esportivas, bem como das garantias legítimas da sustentabilidade financeira de clubes e entidades dentro de padrões mínimos aceitáveis e vitais atualmente. *O cartorialismo é o mecanismo pelo qual as redes de clientela se mantêm conectadas no poder da EPEB.*

2.6.1 – CLIENTELISMOS

Entende-se que a produção contemporânea acerca do clientelismo, das relações patrão-cliente e dos intermediários (*brokers*), a identificação e análise das *redes*, bem como a caracterização da EPEB como um sistema parcialmente fechado, que se reproduz e se perpetua historicamente no controle das decisões do FUTBRAS, são pertinentes à intenção da pesquisa. Pois a EPEB caracteriza um forte e sedimentado *clientelismo de rede*, típico de sociedades mais abertas e democráticas. Obviamente sem deixar de proteger o “interior” da rede em detrimento de quem está fora do esquema, mas que em alguns casos, permite novas adesões, estabelecendo uma hierarquia que relaciona benefícios e beneficiados. Cabe lembrar que *clientelismo de rede* em sociedades mais democráticas, mesmo quando há hierarquia, tendem a ser mais horizontais, até porque ocorre mais competição no ambiente eleitoral, além de uma maior pluralidade dos atores, o que permite maior poder de *barganha* por parte do cliente em relação ao *patrão* ou ao *Broker*.

Um ponto de partida frutífero para mapear e identificar quem compõe as *redes* são a “carne” e “osso” da EPEB, o arranjo de relações que configuram essas *redes dirigentes* do esporte nacional e a noção de *clientela*, sem deixar de lado o contexto histórico, a relevância dos atores e seu *grau de poder e influência*, considerando sempre a centralidade das instituições (item abaixo). É desta forma que se pretende realizar boa parte do esforço de entendimento da constituição e dinâmica da EPEB, seu modo de atuação, seus alicerces, seus objetivos, seus interesses e sua manutenção no controle do esporte nacional. Pretende-se, também, aprofundar-se na literatura acerca das elites e da regulação.

Vitor Nunes Leal (2012) claramente aborda questões econômicas e de legislação, assim como as relações de poder e a dinâmica de perpetuação do “poder local” dos *coronéis*³⁶. Estratégia que aparenta ser pertinente também no caso do *corpo dirigente* do FUTBRAS. Neste autor, há relevante importância do fator econômico como um dos alicerces do poder político dos *coronéis*, bem como não há coronel que resista à progressiva falência econômica. A perda gradativa de poder guarda relação com a perda de poder econômico, porém, cabe destacar que processos sociais, históricos e políticos também são relevantes. Não se trata de

³⁶ “[...] O aspecto que logo salta aos olhos é o da liderança, com a figura do “coronel” ocupando o lugar de maior destaque. Os chefes políticos municipais nem sempre são autênticos “coronéis”. A maior difusão do ensino superior no Brasil espalhou por toda parte, médicos e advogados, cuja ilustração relativa, se reunida a qualidades de comando e dedicação, os habilita à chefia. Mas esses mesmos doutores, ou são parentes, ou afins, ou aliados políticos dos “coronéis”. [...]” (NUNES LEAL, 2012 p. 44)

determinismo causal, isto porque as relações de poder operam segundo a perspectiva multi-determinante, não tão comum à época do autor, porém contemplada por ele. Também não se pode ignorar a possibilidade de rearranjo do sistema, assim como da elite dirigente em questão. É provável que um sintoma forte da capacidade de rearranjo tenha sido a criação da CBF em 1979 e sua relação com o então CND – Conselho Nacional do Desporto à época, cujas funções atualmente são delegadas ao Ministério dos Esportes. Não é incomum que uma “outra” estrutura de poder se instaure a partir daquela existente e que eventualmente culmine por abrir uma “janela de oportunidades” para que novos atores entrem em cena, novas relações se construam e uma nova dinâmica de manutenção do poder comece a se perpetuar novamente. Na esteira da redemocratização dos anos 1980 no Brasil, as FEF’s assim como os estados da federação adquiriam mais autonomia, o que de certa forma pode ter contribuído para reforçar o poder quase coronelista de seus presidentes, se não fosse a criteriosa delimitação conceitual elaborada por Nunes Leal (2012).

No Brasil é relativamente recente a criação nos clubes do cargo de “gestor” de futebol ou “executivo” de futebol. Numa clara tentativa dos presidentes de clube em “profissionalizar” a gestão do futebol, atualmente são estes profissionais os responsáveis diretos pelo departamento de futebol de cada clube e respondem diretamente aos seus respectivos presidentes. Porém, o que se verifica à primeira impressão é que se trata de mais um cargo refém dos mandos e desmandos dos presidentes, bem como do corpo político dos clubes e seus característicos conflitos. Trata-se de uma clara tentativa de mudar conservando ou conservar mudando, pois, a figura de um “gestor de futebol” passa a sensação, e em alguma medida, uma escala real de profissionalização e modernização do FUTEBRAS. Porém, não interfere diretamente na EPEB, nem mesmo, altera as “regras fundamentais” do jogo político dentro dos CBdeF’s e das FEF’s.

Com o gradual desenvolvimento do país, a urbanização e novas regras eleitorais, os coronéis tendem a agonizar politicamente e a perder posições nos ambientes decisórios vitais. À época não houve uma ação direta ou pontual com o propósito de combater ou dissolver a estrutura de poder local e tradicional, sendo muito mais fruto do novo cenário social, político e econômico do que de uma ação deliberada e intencional do poder público. (Nunes Leal, 2012). Mas, é também possível refletir sobre se a semente da dominação tradicional e a possibilidade de estruturas análogas ou semelhantes de poder ter sofrido mutações. A perda de poder normalmente não vem necessariamente acompanhada de conformismo, inércia e apatia.

Neste sentido, algo análogo pode estar por vir, caso a MP PROFUT ou a LRFE venham a surtir o efeito que parece ser desejado pelo Governo Federal e alguns setores ligados ao FUTEBRAS, como o BSF – Bom Senso Futebol Clube, parcela significativa dos jornalistas esportivos, dentre outros.

O intuito analítico acerca da EPEB não é simplesmente transportar um conceito no espaço e tempo históricos, mas utilizar como ponto de partida referências que, de algum modo, aparentam haver entre o clientelismo impreciso de outrora e a realidade das entidades esportivas envolvidas na EPEB. Certamente *coronelismo* não é o mesmo que *clientelismo*, porém não se ignora aqui a forte tendência de que se aproximem como na *afinidade eletiva* weberiana³⁷. Mais do que uma boa referência metodológica e precisão conceitual, trata-se de em um momento imediato diferenciar o coronelismo, o cartorialismo e o clientelismo, para poder compreender as formas como eventualmente tais chaves explicativas se combinaram, ou se combinam, bem como sua pertinência na interpretação dos fenômenos e do objeto proposto, na perpetuação da estrutura de poder estabelecida em regime tradicional, como é o caso da EPEB. Com efeito, é pertinente recuperar uma breve síntese da compreensão contemporânea de *clientelismo*, sua concepção revigorada e seu modo de manifestação nas democracias modernas, para que se some à inspiração encontrada na expressão “coronelismo” de Vitor Nunes Leal.

A primeira onda de elaborações sobre clientelismo o compreendia como vestígio da modernização incipiente e que se tornaria obsoleto com a intensificação do desenvolvimento político e econômico. Na segunda já havia o reconhecimento sobre a persistência do clientelismo enquanto meio de intermediação dos interesses e sua relação indireta e não determinante com o desenvolvimento político e econômico, ensejando o fenômeno do rearranjo e perpetuação no tempo e nos diversos ambientes sociais, políticos e econômicos. Na terceira onda houve maior preocupação com o desenrolar institucional do clientelismo, indicadores sobre o tema foram desenvolvidos e países cujas democracias são mais desenvolvidas e sedimentadas passaram a ser campo de investigação a partir da perspectiva clientelista presente de maneira efetiva como meio de intermediação dos interesses e de representação política nos mais diversos sistemas políticos e econômicos, Piattoni (2007) e

³⁷ Episódio emblemático da perda de poder político no futebol brasileiro, em grande medida motivado pela falência econômica no futebol brasileiro, é a criação da União dos Grandes Clubes Brasileiros (C13), em 1987, que resultou na disputa da Copa União Módulo Verde e Amarelo (União87), que, até hoje, é objeto de polêmica entre torcedores, disputas judiciais e indefinição por parte das instituições regentes do futebol. Isto será tratado em seção abaixo.

Almeida & Lopez³⁸ (2012). O *clientelismo* passa a ser compreendido como fenômeno político não apenas associado com países em modernização incompleta ou da periferia do sistema político econômico mundial, mas, sujeito a manifestação e mutação em diversos países “desenvolvidos”. Atualmente o *clientelismo* é tratado como mais um tipo de intermediação dos interesses, deixando de lado a carga pejorativa *a priori* que o termo carregou por algum tempo.

Os autores supracitados debatem acerca do *clientelismo*, revisitam o conceito, atualizam, redefinem e tentam delimitar mais sistematicamente seus aspectos constituintes. Sem deixar de considerar a trajetória epistemológica, o debate trata o desgastado termo com lupa, constrói e estabelece os termos e aplicações nas estruturas de poder atualmente vigentes da *rede de clientela* formada em torno de determinado cargo e do ocupante do cargo. O (neo) *clientelismo* evita um problema conceitual crônico recorrente na utilização, por exemplo, do termo *populismo*, que, no limite, resultava em análises e aplicações superficiais, empobrecendo e pormenorizando as interpretações dos fenômenos, por vezes definindo sem muita consistência uma suposta distinção entre *clientelismo* (maléfico e mais comum em países de desenvolvimento tardio ou periférico) e cálculo eleitoral (benéfico e recorrente em países mais ricos, com democracias mais antigas e sedimentadas).

O *clientelismo* atualmente conserva sua principal característica definidora, visto como relações de troca cujas interações, em geral, são *assimétricas* e produzem dependência mútua entre o *patrão* (com acesso ao recurso escasso) e o *cliente* (detentor do voto). Apresenta uma novidade, a definição acerca dos intermediários (*brokers*), mais frequentes quando há uma *rede de clientela* relativamente extensa, a exemplo daquelas verificadas por Bezerra (1999), onde se verifica a importância das “bases eleitorais locais” para a sustentação dos mandatos de deputados federais e senadores e a partir da disputa orçamentária anual no Congresso Nacional.

O fenômeno político do *clientelismo* pode estar presente tanto em ambientes mais fechados e autoritários, quanto em ambientes mais abertos e democráticos; também não se restringe aos sistemas políticos mais tradicionais. A relação de *clientela* é marcadamente hierárquica, fruto de uma combinação entre poder de ação decisória, detenção de recursos escassos, status social e capital de relacionamento em uma sociedade onde ocorram eleições

³⁸ Simona Piattoni é reconhecida como pesquisadora do tema, com variadas publicações internacionais. Acir Almeida e Felix Lopez são autores do relatório do IPEA que contém ricas informações e bases empíricas quanto ao tema também no Brasil.

regulares. Em regimes ditatoriais esta relação tende a ser com o efetivo armado da população e que garante o monopólio da violência. Segundo os autores Piattoni (2001), Kitschelt & Wilkinson (2007), Muno (2010) e Hicken (2011) é possível afirmar que o clientelismo é uma contingência de troca caracterizada por relações informais, duradouras e personalistas, cujos critérios são, sim, racionais, porém não modernos em seu sentido republicano. Pela perspectiva de Putnam (1996), o clientelismo seria um caso típico ideal oposto ao republicanismo, onde imperariam a isonomia e a impessoalidade das regras. Esta interpretação pode encontrar robustez no diálogo com Nunes (1997), uma gramática de mediação dos interesses onde a confiança dos indivíduos nas regras e em seu cumprimento pelos concidadãos é tão baixa que estes passam a buscar estratégias pessoais para satisfazer suas necessidades.

No republicanismo ocorre o inverso, dado que a confiança dos indivíduos nas regras é tão elevada e a confiança de que os “outros” também as cumprem é uma certeza, não haveria muito espaço para tentativas “inovadoras” de satisfação das necessidades e de articulação dos interesses. Porém, cabe destacar que, em ambientes políticos mais clientelistas, o monitoramento e a previsibilidade também fazem parte do cotidiano dos envolvidos na relação de clientela, e este aspecto, de certa maneira, desafia a compreensão da modernidade restrita às noções de cálculo, previsibilidade e legalidade. No clientelismo (supostamente tradicional e arcaico), independente de suas possíveis variações, fato concreto é que recorrentemente ocorre dominação legítima (os clientes compactuam em algum grau de forma espontânea), cujos índices de coerção, exploração e obrigação podem até variar, mas não se extinguem mesmo em um ambiente mais democrático ou moderno no sentido republicano. Apesar da assimetria da relação de poder patrão-cliente, o êxito requer comum acordo entre as partes, a prática pode produzir algum tipo de ganho para ambos os lados, fator crucial para manutenção e fidelidade da clientela em foco e que, em alguns casos, pode indicar perda de poder por parte da classe política.

Há claramente um componente não republicano nas relações de clientela, pois, é comum que o compromisso pessoal ou com grupos específicos se sobreponha à isonomia e a igualdade perante as leis e aos critérios distributivos e redistributivos. *Clientelismo* não é pragmatismo eleitoral, é voto em troca de benefícios específicos³⁹.

³⁹ Mas também não pode ser confundida com qualquer política social do Estado, pois não gera o compromisso do voto pela simples existência desta política. Políticas públicas de redistribuição de renda, por exemplo, no México e no Brasil, não manifestam condicionalidade direta e obrigatória com a escolha dos eleitores

Cabe ainda dizer que os ambientes mais democráticos permitiram maior poder de barganha da cidadania, podem ter reduzido o poder do patronato, mas não eliminam a assimetria nas relações de poder, a perda de controle sobre os recursos e não demonstra indícios de extinção de sua prática. Ao contrário, marcam a capacidade do fenômeno político se rearranjar no tempo, na história e nos mais variados sistemas sociais, políticos e econômicos, enquanto forma de representação política e de intermediação dos interesses. Em tese, quanto menor o grau de desenvolvimento social, político e econômico mais atraso civilizatório, maior tendência de vulnerabilidade da clientela. O cenário fica mais grave quando a vulnerabilidade econômica é combinada com ambientes políticos menos competitivos, do ponto de vista eleitoral, e com baixa pluralidade de atores e de ideias.

O *clientelismo* é um meio de representação e participação política que controla recursos escassos, que são utilizados como moeda de troca a fim de manter no poder quem lá está, perpetuando a relação de permuta entre o político eleito e a sua clientela eleitoral. Trata-se de um modo específico de intermediação de interesses que pode possuir íntima relação com patrimonialismo, mas não pode ser confundido com ele: uma simples mudança nas “regras do jogo” pode beneficiar uma clientela, a despeito da posse (ou não) dos recursos por parte do patrão. Em geral os benefícios são distribuídos a “conta-gotas”, procedimento fundamental na manutenção e na perpetuação da relação patrão-cliente e no vínculo de dependência que se deseja estabelecer e manter por parte do patrão com relação ao seu cliente.

El clientelismo puede ser definido como una relación de intercambio por la cual se entregan bienes o se otorga trabajo a cambio de apoyo político, y cuya duración variará de las necesidades y posibilidades de quien ostente mayor poder. Los elementos giran en torno a sus tres etapas: ofrecimiento, aceptación y cumplimiento. Pero difícilmente los que ostenten poder quieran concluirlos, de allí el persistente deseo de continuidad que tienen, y de que no varíen las situaciones anteriores. (VITTADINI, 2004)

Nunes (2003) tentou resumir em algumas “gramáticas” nossa tradição de mediação de interesses. A tipificação das relações de Estado e Sociedade (p.42) podem ser (I) pessoais, cuja forma mais conhecida é o clientelismo associado aos partidos políticos e ao poder

beneficiados por tal política nas eleições. A contemplação do cidadão é por critério pré-definido e independe da relação pessoal ou de subjetividades aleatórias à burocracia estatal ou à classe política. A concessão do benefício é realizada por critérios totalmente impessoais e não configura relação de clientela. Política Social promovida pelo Estado não pode ser confundida com compra de votos.

público, ou (II) impessoais, seja por meio hierárquico (desigualdade de participação) ou republicano (igualdade de participação). Neste segundo tipo pode haver hierarquia baseada no corporativismo ou no insulamento burocrático, e no subtipo republicano de universalismo dos procedimentos, pode haver centralidade da economia de mercado ou no governo representativo baseado na cidadania e no sufrágio universal. Para o autor, o caso brasileiro é um *mix* desses modos distintos de mediar os interesses, uma vez que seriam gramáticas de intermediação dos interesses presentes em nosso cotidiano, onde a prática de uma não necessariamente exclui a outra.

No período pós-1930 inaugura-se no Brasil a era republicana moderna e, paralelamente ao desenvolvimento modernizante, ocorre a conformação de formas tradicionais de mediação dos interesses. Sendo assim, a coexistência de várias “gramáticas” remete ainda a Nunes Leal (1986), pois, segundo seu estudo, apesar do coronelismo ter seus dias contados, não se verificou nenhuma ação estatal definitiva direcionada a este fim.

Nas gramáticas de Nunes (2003) as análises contemplam o *clientelismo*, assim como qualquer outro modo de mediar interesses presente nas práticas sociais brasileiras. O trabalho, em grande medida, reforça a pertinência dos estudos da “terceira onda clientelista”, pois ainda é uma baliza importante no tema e foi adotada como ponto de partida desta pesquisa. O autor tenta demonstrar historicamente e documentalmente como essas tentativas modernizantes se combinam com as estruturas locais tipicamente clientelistas e oriundas da descentralizada República Velha. O estudo ainda faz crer que, no limite, o poder executivo central, quase que de forma espontânea, assume controle “centralizando a mediação dos interesses em seu torno, sem extinguir as elites locais”.

Em suma, *clientelismo* tem a ver com compra de votos. O sistema “federativo” da EPEB e suas práticas são *cartoriais* por que regulamentam e controlam os clubes, os campeonatos e os repasses das rendas dos jogos para si; e, igualmente, de clientela porque é explícita a relação entre o repasse de verbas da CBF para as FEF’s em troca de composição em torno de candidato único para as eleições. No âmbito estadual ocorre a mesma coisa, porém, com a incorporação de atores na base do colégio eleitoral das entidades, times pequenos, amadores e até mesmo ligas de várzea possuem o direito republicano de voto. Em troca, estas entidades sem expressão em competições minimamente profissionais se sustentam dos repasses das FEF’s. Estas, que por sua vez, recebem da CBF e tomam uma parte das rendas dos jogos e dos direitos de transmissão da TV, possuem o poder discricionário para

impedir jogos, determinar o preço e a fórmula de disputa dos campeonatos, datas, horários e até autorizações para quando os clubes desejam viajar ou realizar jogos fora de sua jurisdição. As FEF's recebem percentual das rendas dos jogos inclusive quando seus filiados jogam em outro estado ou país.

A partir da noção de *clientelismo*, que será adotada para fins de investigação da EPEB, como atuam *os patrões* dirigentes das FEF's e da CBF? De que maneira se perpetuam no poder e no controle das ações? Por que não há “boicote” ou desligamento de entidades centenárias e com grande apelo popular como os C-13?

2.6.2 – A REDE DO GOL

Se há uma *estrutura política esportiva brasileira*, há também uma *elite dirigente* e uma *rede de relações* responsáveis pelas ações, decisões e caminhos escolhidos pelo “esporte nacional”. Mais especificamente, o FUTBRAS. Não se pode em hipótese alguma deixar de considerar que há um grupo de pessoas atuando “por dentro” no “em torno” da EPEB. Afinal, são os indivíduos que constituem, definem e tomam as decisões pelas instituições e/ou em nome delas. Estes, eventualmente, possuem contatos valiosos no congresso nacional, no poder executivo e no legislativo, nas prefeituras e nas assembleias estaduais e nas câmaras de vereadores. Porém, tais relações extrapolariam as pretensões deste trabalho, o que não impede menções da existência das mesmas.

Dois textos servem de apoio, Miceli (1986) e Marques (2000). Segundo Miceli, para qualificar os mandatos dos grupos políticos e compreender a “carne e osso” da elite política brasileira é preciso desvendar suas características sociais e econômicas e construir um importante indicador para verificar as clivagens de interesses pelas quais passam a operar tais grupos. Desta forma, capta-se parcela importante das determinações relevantes à constituição e dinâmica de ação de tais grupos. O objetivo é sem dúvida aplicável ao presente estudo, pois permitirá construir uma radiografia do *corpo dirigente* da EPEB.

No caso de Eduardo Cesar Marques (2000), a tentativa é um pouco diferente e dialoga, de certa forma, com a noção de Bourdieu de uma “história do objeto”. Em relação às redes sociais é importante considerar a lógica própria de ação do objeto em questão e evitar a simples transposição de conceitos (às vezes generalistas, exógenos ou *a priori*), como muitas vezes ocorreu em parcelas da primeira e segunda onda de estudos clientelistas. Trata-se de estabelecer os vínculos e os tipos de vínculos estabelecidos entre os principais atores decisórios envolvidos (no esporte), baseados em entrevistas e no apoio da cronologia dos episódios. O estudo de Marques sobre a CEDAE/RJ⁴⁰ utiliza de critérios para investigar a montagem da *rede*: Intermediação, Grau, Informação e Poder/Influência, esta última muito associada ao “êxito” e em relação ao poder de decisão, no limite, *veto players*: “(...) onde o fluxo de informação define em grande parte a possibilidade de estabelecer contratos com a empresa estatal...” (MARQUES, 2000, p.280),

⁴⁰ O Trabalho de Marques refere-se ao estudo da Companhia de Água e Saneamento do Estado do Rio de Janeiro (CEDAE).

A noção de *redes* em pesquisa sociológica deve funcionar como um instrumento de organização dos dados para análise e como definidor teórico-conceitual de uma determinada realidade, Scherer-Warren (2013). Podem existir *redes* com variados vínculos: institucional, pessoal, familiar, política ou de negócios, bem como *redes* mais “controladoras” e outras mais “executoras”, Marques (2000). Desta forma, pretende-se estabelecer os padrões que caracterizam a rede propriamente dita e como se desenvolve cronologicamente. Em suma, os atores, grupos de atores, o setor público e as empresas privadas minimizam as relações com o exterior da rede e maximizam o potencial das relações no interior das mesmas, de modo a proporcionar benefício para A ou B, em uma cronologia percebida pelo método de investigação e montagem destas redes.

O referido método-conceitual pode alinhar-se na busca da posição que ocupam os principais decisores no caso do esporte, seu *corpo dirigente*, pois há forte relação entre o êxito e a posição que ocupam pessoas, grupos, famílias ou empresas prestadoras de serviços ligadas ao setor. Desta forma, é possível tentar distinguir os “elos das redes”, por exemplo entre fracos ou fortes, e tentar perceber como e quais são os tipos de recursos mobilizados para sedimentação, desenvolvimento e objetivos/resultados da rede.

A análise espacial de redes ou de aspectos econômicos, por exemplo, pode ser útil no caso do futebol posto que, atualmente dos 20 clubes integrantes da Série A (2015) do campeonato brasileiro, 19 são das regiões sul e sudeste e apenas um do Nordeste (item 2). O impacto das instituições não é algo desprezível neste contexto e de alguma maneira também se reflete espacialmente. “[...] os vínculos entre pessoas, grupos e organizações constituem em seu conjunto uma *rede* de relações complexa e dinâmica [...]”, Marques (2000), que dá base tanto às relações entre agentes públicos e privados, no que se refere ao FUTBRAS, “[...] quanto às associações entre atores individuais ou coletivos no poder público e no interior da burocracia[...]

” (MARQUES, 2000, p. 287).

Ao contrário do que se poderia pressupor, apesar do cálculo individual dos atores, as garantias de resultados fornecida pela racionalidade dos atores é restrita, pois, os resultados e objetivos possuem elevado grau de imprevisibilidade, apesar da história e da gama de informações levantadas acerca dos atores e suas ações e de seus combinados e de suas associações.

Há no futebol um elevado grau de imprevisibilidade dos resultados, mesmo quando se considera o cálculo das ações dos atores decisórios. A título de ilustração: Um investidor pode

gerar expectativa de lucrar com a compra e posterior venda dos direitos federativos de determinado atleta, mas, naquele ano ele pode sofrer uma séria lesão e ficar inativo durante grande período da temporada de jogos, ou, ainda, seu treinador, por razões “técnicas”, resolve deixá-lo no banco de reservas; o esquema tático do time pode não favorecer as características de jogo daquele atleta e sempre haverá a possibilidade do potencial esportivo dele não se manifestar conforme esperado, pois, em um torneio onde os jogos são eliminatórios, o clube pode “entrar de férias” precocemente. Tudo isso interfere nos objetivos pretendidos pelos integrantes da *rede*, sem contar os frequentes episódios de erro de arbitragem no esporte, a interferência do STJD⁴¹, também integrante da EPEB.

A tentativa é contemplar as especificidades da EPEB em diálogo com a realidade exterior a ela, sem deixar de considerar sua “relativa autonomia” enquanto dinâmica de ação e perpetuação no tempo. A EPEB configura uma instituição social em sentido lato. Se, por um lado não se deve transportar ao objeto padrões e fenômenos de outras instâncias sociais, também o objeto não pode ser encarado como uma realidade restrita e particular, ignorando as relações que este certamente possui com outras dimensões da realidade.

⁴¹ Superior Tribunal de Justiça Desportiva que em geral interpreta politicamente os episódios que supostamente vão de encontro aos códigos de conduta desportiva.

2.6.3 – A CARTOLAGEM E O PREÇO DO CARIMBO

Com efeito, é importante tentar deixar explícito o que envolve o “núcleo duro” da EPEB e como *cartorialismo*, *rede* e *clientelismo* se combinam. Foi o que se tentou realizar no item anterior.

É plausível afirmar que a noção de *clientela* possui uma espécie de *afinidade eletiva*⁴² weberiana também com o “Estado cartorial” de Jaguaribe (1962) e desta forma cabe tentar amarrar a noção teórica e a tentativa de aplicação interpretativa da realidade. Em síntese, a EPEB estabelece a unidade de análise central à constituição de uma *rede de clientela cartorial* no FUTBRAS, principalmente no que tange as federações estaduais de futebol e a confederação nacional.

Desta forma, entende-se que a noção *cartorial* de Jaguaribe (1962) é de fundamental relevância, pois, a fim de iniciar o mapeamento das *redes de clientela* da EPEB, é preciso compreender a estrutura organizacional composta pelas *instituições administrativas gerencias* constituintes do FUTBRAS. Pois, ao que parece, é o *cartorialismo*, a estrutura de poder que mantém a *rede* através do amálgama do *clientelismo* no FUTBRAS. O “preço e o custo do carimbo” é por demais elevado, para os dirigentes que tentam agir por outros pressupostos e mesmo para aqueles que se submetem a esta modalidade de mediação dos interesses, para os profissionais do esporte em todos os seus níveis, para os CBdeF, para os cofres do tesouro da União, que deixam de arrecadar impostos, e principalmente para os torcedores apaixonados pela emoção do gol e pela arte do “jogo bonito”.

As FEF’s aparentam ser tão parasitárias quanto as classes do “Estado Cartorial” de outrora, nada produzem, não jogam, mal organizam e, mesmo assim, recolhem suas parcelas vultosas do dinheiro arrecadado após as partidas.

Souza e Silva (2007) afirma que nas palavras do próprio Jaguaribe “[...] os atores sociais tornam-se sujeitos na medida em que buscam se integrar às circunstâncias objetivas da “fase” do processo histórico. Esta capacidade de integração é desenvolvida através da formulação de um “projeto ideológico” [...]”. Portanto, é provável que a atual conjuntura política esportiva brasileira esteja exigindo com urgência um novo projeto ideológico para o

⁴² Weber em “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” interpreta o surgimento do capitalismo devido à uma combinação específica entre um protestantismo específico, a racionalização do tempo e do dinheiro e um acúmulo de capital de uma determinada classe social. Estes elementos possuiriam uma afinidade eletiva entre si, que culminou no surgimento do capitalismo.

FUTBRAS, não somente em resposta ao humilhante 7x1, mas principalmente pela manutenção minimamente saudável do esporte mais popular e importante da Nação.

CAPÍTULO 3 – CONTINGÊNCIA ECONÔMICA E GESTÃO ESPORTIVA: A CONFIGURAÇÃO DO FUTBRAS PÓS CMF2014

3.1 – O FUTEBOL COMO SEGMENTO DE IMPACTO ECONÔMICO

Os esportes de massa (como o futebol) nasceram na segunda metade do século XIX e se desdobraram, em prazo não tão longo, em um negócio com grandes volumes monetários e grande receptividade nas mais diversas sociedades e classes sociais. Provavelmente o futebol, como alguns esportes, carrega consigo vários aspectos da vida contemporânea e culmina por replicar boa parte dos fenômenos sociais, políticos, econômicos e históricos dos contextos aos quais se encontra inserido. Eric Hobsbawm entende que:

[...] Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto mais ou menos plano do tamanho exigido... tornou-se genuinamente universal. [...] (HOBSBAWM, 1994, p.197).

Em a “Era dos Extremos”, como em diversas de suas obras, o torcedor do Arsenal-ING sempre registrava uma menção relevante ao futebol, em seus mais variados aspectos.

O futebol como esporte proletário de massa – quase uma religião leiga – foi produto da década de 1880, embora os jornais do Norte já ao final da década de 1870 houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880. (Hobsbawm apud Milliet Filho, 2012). “Pela história das finais do campeonato britânico de futebol podem-se obter dados sobre o desenvolvimento de uma cultura urbana operária que não se conseguiram através de fontes mais convencionais. (...) Entre 1890 e 1914, a popularização do futebol inglês registrou um crescimento avassalador. Os jogadores de futebol eram oriundos das fábricas, escolhidos entre os operários mais habilidosos, ao contrário do que acontecia no boxe, onde o critério de escolha levava mais em conta a força e o tamanho dos futuros atletas [...]. (HOBSBAWM, 1984, p.171)

O futebol surge enquanto esfera de sentido moderna, aos moldes enunciados por Max Weber (1982), porém, sem deixar de ser influenciado pelas contingências do mundo economicamente globalizado. É certamente parte relevante da história social.

Ao contrário daquilo que muitos imaginam, o futebol já nasce como produto comercializável, o que Hobsbawm denomina “profissionalismo”, caracterizando-o na Inglaterra como um setor econômico promissor já nos anos 1870. Era possível perceber seu potencial, o jogo enquanto entretenimento de elevada mobilização e repercussão, aí incluso o aumento das vendas de jornais da época:

A natureza da cultura do futebol neste período – antes de haver penetrado muito nas culturas urbanas e industriais de outros países – ainda não foi bem compreendida. **Sua estrutura socioeconômica, porém, é mais compreensível.** A princípio desenvolvido como esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e portanto, profissionalizado; o momento decisivo simbólico – reconhecido como um confronto de classes – foi a derrota dos Old Etonians (elite) pelo Bolton Olympic (proletário) (há fontes que registram o Blackburn) na final do campeonato de 1883. (HOBSBAWN, 1984, p.296).

O esporte nasce moderno e impregnado de aspectos econômicos tanto pela mentalidade de seus primeiros jogadores e fundadores, que em sua maioria eram oriundos do mundo fabril recém-industrializado, quanto pelo volume monetário que rapidamente começa a circular em torno do esporte. Com o passar do tempo, o futebol se tornou um produto cada vez mais mercantilizado, acompanhando e sofrendo mutações econômicas. É possível compreender o futebol por uma sociologia econômica e, com efeito, ao configurar um setor economicamente ativo, de alguma maneira precisa dialogar com o Estado. Como todo setor econômico, há no esporte um *corpo dirigente* que conduz, estabelece os caminhos, as direções e os constrangimentos fundamentais que delimitam em grande medida sua trajetória, seja econômica, política, histórica ou social. Certamente há movimentos e transformações que escapam à previsibilidade humana e científica, porém, em larga medida, é possível recuperar sua trajetória relacionando contextos, episódios e decisões, principalmente quando a observação enfatiza os dirigentes do setor dado o contexto contemporâneo.

[...] a lógica transnacional da empresa de negócios entrou em conflito com o futebol como expressão de identidade nacional. Do ponto de vista dos clubes, provocaram um considerável enfraquecimento da posição de todos aqueles que não estão no circuito das superligas internacionais e dos supertorneios e em especial nos clubes dos países exportadores de jogadores, notadamente nas Américas e na África. A crise dos outrora altivos clubes de

futebol do Brasil e da Argentina o comprova [...] (HOBSBAWM, 2007, *apud* MILLIET FILHO, 2012⁴³, p., sn/).

Para ilustrar brevemente o cenário contemporâneo descrito e projetado por Hobsbawm, principalmente quanto ao grau de mercantilização que o futebol atingiu atualmente, é de fundamental importância se ater aos anos 1980 e 1990, entender um pouco da situação do futebol na Europa em geral e na Itália em específico, país que se pode considerar como o nascedouro do futebol mais mercantilizado, tal qual se conhece atualmente. Nunca é demais reforçar que é após um período de transformações nos anos 1980, na década subsequente, nos anos 1990, que o futebol se consolida de fato como um setor de impacto econômico propriamente dito, cujas cifras passam a ser bilionárias e sua integração, inquestionavelmente, global.

Um breve recuo no tempo é necessário. Até 1946 era comum a presença de sulamericanos nos gramados italianos, cuja federação liberou a atuação de não estrangeiros. Com a derrota da Seleção Italiana para Hungria pelo placar de 0x3, o governo restringiu novamente esta participação apenas descendentes estrangeiros podiam jogar. O objetivo normalmente era desenvolver os talentos nativos, porém, a Itália foi eliminada na primeira fase na CMF1954, ficou fora da CMF1958 e voltou a ser eliminada de forma precoce na CMF1962. Na CMF seguinte, na Inglaterra em 1966, ocorreu a derrota para Coreia do Norte. O resultado foi vetar qualquer tipo de estrangeiro de jogar por lá. (FIFA, 2015)

As boas campanhas vieram tão rapidamente que não é possível inferir relação com a proibição de estrangeiros: Campeã Europeia em 1968 e vice-campeã mundial para o Brasil, em 1970. Quando da proibição, não ocorreu a “expulsão” dos estrangeiros que lá jogavam e a base da Seleção era de jogadores já atuantes, não houve “jovens revelações” neste curto período. Apenas ao início dos anos 1980 é que, gradativamente, passa a ser permitida a contratação de jogadores estrangeiros novamente. Porém, a virada da década de 1980 para 1990 ainda é bastante conturbada, Bruno Giordano e Paolo Rossi saíram na capa da *Guerin Sportiva* devido ao escândalo de apostas ilegais, compra de resultados e loteria clandestina (Leal, 2014; Federazione Italiana Giuoco Calcio, 2015; FIFA, 2015 e UEFA, 2015). Entendendo o caso:

⁴³ Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2012/10/eric-hobsbawm-e-o-futebol/>> Acesso em: abril/2015.

Massimo Cruciani era um produtor de frutas e verduras em Roma. Sua ligação com o futebol era nula, exceto pelo fato de ser um torcedor como milhões de italianos. Natural que o esporte virasse assunto de suas conversas. Foi assim que ficou amigo de um de seus clientes, Alvaro Trinca, dono do restaurante La Lampara. O local era frequentado por jogadores da Lazio, que se juntaram ao bate papo. E, de repente, algumas informações supostamente confidenciais começaram a circular. Os atletas convenceram Trinca e Cruciani a apostarem em uma loteria esportiva clandestina. Os dois recebiam dos laziali algumas dicas de que resultados ocorreriam, mas nem sempre os jogadores davam a indicação correta. O fornecedor de hortifrutis e o dono do restaurante começaram a perder dinheiro, até que uma hora ficaram de saco cheio. Resolveram explodir tudo. Em 1º de março de 1980, Cruciani entrou com um processo na Procuradoria da República, denunciando a existência de um esquema de manipulação de resultados para alimentar uma loteria ilegal. As investigações foram rápidas. Em 23 de março, 12 jogadores foram presos ainda no campo e outros cinco receberam ordem para depor assim que suas partidas pela rodada do Campeonato Italiano terminaram. Entre os envolvidos estavam jogadores com passagem pela Azzurra como Paolo Rossi (Perugia), Bruno Giordano (Lazio) e Enrico Albertosi (Milan e goleiro da Itália na final da Copa de 1970). No final, a Comissão Disciplinar da liga distribuiu punições pesadas. Milan e Lazio foram rebaixados para a Série B, Avellino, Bologna e Perugia começaram a temporada 1980/81 com cinco pontos a menos e 22 jogadores receberam suspensões de três meses a banimento do esporte (caso de Albertosi). Rossi, uma das grandes figuras da seleção italiana para a Eurocopa de 1980 e a Copa de 1982, pegou três anos de gancho. (LEAL, 2014, s/n).

A credibilidade do futebol italiano já não existia e a participação ruim na Eurocopa de 1980, sediada pela própria Itália, contribuiu ainda mais para a decadência. Somava-se a isso a participação inexpressiva dos clubes italianos nos torneios internacionais. Devido à pressão exercida pelos clubes, imprensa local e torcedores, a permissão para estrangeiros jogarem no País voltou a ser concedida já para a temporada 1980/81. Ainda em 1979 havia ocorrido uma mudança generalizada dos escudos dos clubes, uma tentativa de marketing para buscar renovar a imagem do futebol italiano, porém o resultado não agradou à maioria.⁴⁴

O primeiro campeonato com as “fronteiras reabertas” foi empolgante e se tornou vital à recuperação do prestígio. Naquele ano, de forma inédita, “times do Sul” disputaram o título com chances reais, o que serviu de mais combustível para a mobilização das torcidas e do público em geral. O campeonato foi decidido apenas na última rodada e parte das punições referentes as irregularidades de 1980 foram perdoadas. Para ajudar ainda mais a recuperação do esporte na Itália, sagraram-se campeões mundiais na CMF1982.

⁴⁴ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/tema-da-semana-melhor-campeonato-nacional-da-historia/>> e <<http://oglobo.globo.com/blogs/planetaquerola/posts/2012/05/28/outros-escandalos-no-futebol-italiano-no-mundo-447615.asp>> Acesso em: abril/2015.

Ademais, o cenário europeu era favorável aos italianos. Na Alemanha os times não costumavam gastar fortunas, Real Madrid-ESP e Barcelona-ESP não eram muito regulares nas competições europeias e o *hooliganismo* tomava conta da Inglaterra. O leste europeu ainda era parte na URSS e não comercializava jogadores. Contrariamente, a Itália reestruturou seu futebol, seus clubes receberam grandes investimentos de empresários, governo e máfia italiana, muito em razão da CMF 1990 realizada naquele País, Leal (2014).

A liga italiana passa a concentrar o maior número de craques⁴⁵ jogando por lá. Uma forte evidência do sucesso mundial, é que a TV Globo resolveu transmitir os jogos aos domingos de manhã, bem antes da tradicional TV Bandeirantes, que transmitiu de 1986 até 1993. Aproximadamente 10 times tinham plenas condições de vencer o campeonato. Na segunda metade dos anos 1990 começam a surgir alguns sinais de nova decadência do futebol italiano.

⁴⁵ Mais da metade da Seleção Brasileira jogava em times italianos. Em 13 de 14 anos seguidos, o prêmio de melhor do mundo pela Revista *World Soccer* (inglesa) foi conquistado por um jogador atuando no futebol italiano. O prêmio Bola de Ouro, pela francesa France Football, em 11 de 14 anos seguidos também foram para jogadores atuando na Itália.

Em 1991, o resultado positivo no exame antidoping de Maradona fez o mundo saber de algo que já corria pelas vielas napolitanas: o craque argentino estava dominado pelo vício, e o crime organizado não estava alheio ao sucesso do futebol italiano. Outras notícias suspeitas foram aparecendo, como a contratação do atacante Gianluigi Lentini, revelação do Torino, por US\$ 26 milhões, um valor altíssimo mesmo para o Milan. A bolha econômica do futebol italiano começou a estourar. Foi um processo gradual, que somou a quebra de alguns donos de clubes, sobretudo os pequenos e médios, com a descoberta de corrupção e lavagem de dinheiro na operação de outros. Esse princípio de crise se uniu ao boom econômico da Espanha e aos primeiros efeitos econômicos da criação da Premier League na Inglaterra para minar o domínio italiano na Europa a partir da metade da década de 1990. Mas isso é história para esta quinta. Silvio Berlusconi estava no auge no começo da década de 1990. O Milan, que o empresário comprara em 1986 e ainda tentava se recuperar após o escândalo Totonero, se transformara no maior clube do planeta. A pequena TV regional milanesa que comprara em 1978 já era um grande grupo de mídia. Como fundador e líder do partido liberal Forza Italia, conseguiu ser eleito presidente do Conselho de Ministros (como o primeiro ministro é oficialmente chamado na Itália) em 1994. De repente, as coisas começaram a dar errado (..) janeiro de 1995. Ele acabara de perder o cargo de primeiro ministro por uma mudança nas alianças que o sustentavam. E a Operação Mãos Limpas chegou até seus negócios. A Fininvest, braço financeiro do grupo de Berlusconi, era alvo das investigações que tentavam descobrir esquemas de corrupção e crimes financeiros envolvendo bancos e a máfia. As práticas do empresário foram observadas com cuidado, e coisas estranhas apareceram (...). Se o homem mais poderoso da Itália usava o futebol de forma fraudulenta, é de se imaginar que a liga não era rica e sustentável como os torcedores gostariam. (LEAL, 2014, s/n).

O cenário europeu começa a mudar novamente. Em 1995, o belga Jean-Marc Bosman⁴⁶ venceu sua ação⁴⁷ contra o Liège-BEL. A partir daí, não havia mais “lei do passe” e nem “barreiras ou limitações profissionais” entre os países europeus. Na prática, isto significou por parte dos clubes, a perda daquilo que se poderia compreender como “patrimônio” ou “ativos”, pois, o comércio de jogadores era muito rentável para europeus e para a “periferia” da bola, posto que a América do Sul, dentre outras regiões são reconhecidamente fornecedoras de força de trabalho para Europa.

⁴⁶ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/trivela-15-anos-lei-bosman-se-consolidou-e-mudou-o-cenario-na-europa-por-leonardo-bertozzi/>>, <<http://www.futebolmagazine.com/o-caso-bosman-a-revolucao-do-futebol>, <<http://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/30136-30608-1-PB.pdf>> e <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=5475&revista_caderno=19> Acesso em: abril/2015

⁴⁷ Foi a corte europeia que sentenciou ganho de causa ao jogador fundamentada no livre trânsito pela comunidade e no direito de exercer livremente a profissão. O caso ficou conhecido por ter encerrado na Europa a “lei do passe” e que, após regulamentação da FIFA, repercutiu como Lei Bosman.

Paralelamente, outras ligas nacionais começam a se desenvolver de forma mais plena. O esporte na Espanha adquiriu mais investimentos, provavelmente, o legado da Olimpíada de Barcelona 1992 e o governo promoveram incentivos para o pagamento das dívidas. Na Inglaterra é fundada a Premier League no formato que se conhece hoje, bem posicionada como entretenimento televisivo, o que atraiu mais capital. Os valores que envolviam as transações de jogadores entre clubes rapidamente sofre uma alta de preços, porém, agora, com novos atores econômicos, os empresários e fundos de investimento. Basta lembrar que até a temporada 2015/2016 a English Premier League se chamava Barclays Premier League, pois o fundo de investimentos era detentor dos naming rights do campeonato e tinha seu nome estampado nas mangas de todos os clubes participantes.

Com efeito, os times pequenos da Itália não podiam mais contratar jogadores com altos salários e alguns times tradicionais faliram ou tiveram sérios problema financeiros. Ou não conseguiram manter o mesmo nível de investimentos, ou perderam seus mecenas após as investigações das finanças do futebol. Para piorar,

Erros conceituais fizeram os estádios da Copa de 1990 se tornarem antiquados rapidamente. Os projetos eram lindos por fora, mas desconfortáveis ao torcedor na parte de dentro. O público foi caindo lentamente a partir do pico de 33,8 mil em 1991/92 (naquela temporada, a média de Inglaterra e Alemanha era em torno de 21 mil). (LEAL, 2014, p. s/n).

A questão econômica é muito relevante; ela reflete uma forma para problematizar o tema e visualizar alguns dos reflexos da “gestão” desregulada do futebol mundial que, provavelmente, possui íntima relação com os aspectos de uma estrutura política para além dos estados-nações, precisamente, FIFA, multinacionais patrocinadoras e plataformas de transmissão e distribuição de conteúdo esportivo, bem como produtoras e empresas de material esportivo. A partir daí, é possível observar, sempre, que este esporte é dinâmico e, justamente por isso, tem maior possibilidade de perpetuação no tempo e no cotidiano das pessoas. Talvez pela paixão que o futebol desperta, associada à capacidade de se rearranjar no tempo e nas estruturas sociais, políticas e econômicas, é que se tornou um poderoso entretenimento global.

No Brasil, em 1987, cinco anos antes da criação da Premier League na Inglaterra, o então fundado Clube dos 13 - (C13) organiza a eternamente polêmica e controversa Copa União, em parceria com a Coca-Cola e a Rede Globo de Televisão! A CBF alegou naquele

ano não ter condições financeiras nem operacionais de organizar o campeonato nacional. A omissão da CBF abriu uma janela de oportunidade para a formação de uma liga nacional brasileira de futebol no caso algo similar com a Inglaterra, o Clube dos 13 Maiores Times do Brasil. Eram as 12 principais agrmiaçãoes do eixo sul-sudeste mais o Esporte Clube Bahia “representando” o nordeste. Anteriormente aos ingleses, o FUTBRAS teve, através de uma contingência completamente aleatória, a chance de ser o precursor do modelo de organização que poucos anos depois se consolidou pelo mundo. As únicas exceções em países de relevância futebolística, atualmente, são a Argentina com a AFA, o Uruguai com a AUF – Asociación Uruguaya de Fútbol e a nossa conhecida CBF.

Outro aspecto importante quanto à “virada mercantil” do esporte e do futebol em particular certamente é a CMF 1994. A Copa realizada nos EUA “abriu os olhos” do mundo para o “modo americano” de tratar o esporte como entretenimento. A maior parte dos investimentos foram privados. Coincidentemente, a Seleção Brasileira volta a vencer Copas na década de 90, disputando 3 finais consecutivas, sendo 2 títulos de campeã e um vice-campeonato, na França.

Quando o futebol se torna definitivamente um entretenimento atrativo para a propaganda e para publicidade, a Seleção Canarinha era o epicentro da visibilidade esportiva. Soma-se a isso todo o passivo histórico positivo em torno da história brasileira em copas, pelos títulos e pelos grandes jogadores respeitados em todo o mundo.

Os grandes torneios hoje são espetáculos globais parcialmente acessíveis à maior parcela da população, mesmo pela televisão, em função do ainda recente crescimento dos canais por assinatura e das limitações da grade dos canais gratuitos, especificamente no Brasil.

Excluindo a CMF de seleções a cada 4 anos, certamente os campeonatos de futebol mais assistidos no mundo são os da UEFA⁴⁸ Champions League – UCL que movimentam a maior fatia do mercado de entretenimento esportivo pela televisão, ao lado da milionária Premier League Inglesa. Para se ter uma ideia das cifras do “mundo da bola”, segue a lista dos 30 clubes de futebol mais ricos do planeta, com montante em Euros e, não por coincidência, todos clubes europeus⁴⁹. Recentemente houve um aumento de clubes ingleses nesta lista. A

⁴⁸ **Union of European Football Associations**, em francês: **L'Union des Associations Européennes de Football**). É o órgão administrativo e de controle do futebol europeu, subordina-se apenas à FIFA.

⁴⁹ Relatório da Deloitte Consultoria, empresa reconhecida e com elevada frequência de publicações acerca do esporte, estes são dados referentes aos balanços de 2012. Disponível em:

presença ainda maior se deve ao novo contrato de TV firmado em 2016. As cifras são bilionárias e envolvem direitos de transmissão para todo o mundo. A liga inglesa é o campeonato nacional mais assistido no mundo. Os clubes ingleses vendem camisas por todo o planeta e costumam ter atenção especial com o continente asiático e com o “mundo árabe”, existem bares temáticos, lojas oficiais e “embaixadas” por toda a parte. Esses “mercados” são atrativos pela densidade populacional, pela carência de clubes locais de 1º linha e pelo poder aquisitivo que possuem, sem deixar de lado o apreço pelo esporte e uma certa aproximação com o ocidente via “campo e bola”. Cabe ainda registrar que alguns milionários asiáticos e árabes e russos vem adquirindo a propriedade de vários clubes europeus, principalmente na Inglaterra, Itália, Espanha e França. Das 5 principais ligas européias somente a Alemã é mais fechada quanto a posse de clubes por parte do capital e de proprietários estrangeiros. Fundos de investimento não ficam de fora. Em uma das semifinais da UCL 2018, entre Liverpool-ING x Roma-ITA, havia em comum um grupo americano, detentor de ações de ambos os clubes.

Quadro 1 – Os 20 Clubes com Maiores Receitas no Mundo, 2012.

Posição	Clube	Receita Anual em Milhões €
1	Real Madrid (ESP)	549,5
2	Manchester United (ING)	518
3	Bayern de Munique (ALE)	487,5
4	Barcelona (ESP)	484,6
5	Paris Saint-Germain (FRA)	474,2
6	Manchester City (ING)	414,4
7	Chelsea (ING)	387,9
8	Arsenal (ING)	359,3
9	Liverpool (ING)	305,9
10	Juventus (ITA)	279,4
11	Borussia Dortmund (ALE)	261,5
12	Milan (ITA)	249,7
13	Tottenham (ING)	215,8
14	Schalke 04 (ALE)	213,9
15	Atlético de Madrid (ESP)	169,9
16	Napoli (ITA)	164,8
17	Inter de Milão (ITA)	164
18	Galatasaray (TUR)	161,9
19	Newcastle (ING)	155,1
20	Everton (ING)	144,1

Fonte: Consultoria Deloitte, 2013. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara⁵⁰

Um fenômeno tipicamente capitalista se reproduz quanto a riqueza dos clubes de futebol. Dificilmente há alteração no grupo do “30 mais ricos”, quando ocorre normalmente trata-se de mudanças na classificação, ou alguma exceção que apenas confirma a regra da concentração de riqueza e da baixa possibilidade de mobilidade. Quando algum novo clube passa a fazer parte dos “mais ricos” é por causa da sua recente aquisição, seja ela por parte de algum milionários de fundos de investimentos ou de grandes grupos que injetam capital, turbinando suas finanças. Os exemplos mais emblemáticos são o Chelsea-ING, o Paris Saint German-FRA o Manchester City-ING, que são denominados “novos ricos”, apesar de normalmente o capital procurar clubes que já possuem tradição, títulos e grande torcida como Milan-ITA, e Internazionale-ITA, dentre vários outros.

⁵⁰ Doutoranda do PPGCSO e Mestre em Ciências Sociais. Atualmente estuda a extinta Secretaria de Políticas para as Mulheres. Colaborou decisivamente na produção de todos os quadros, tabelas, figuras e formatação deste trabalho.

Quadro 2 – Os 30 Clubes com Maiores Receitas no Mundo, 2017.

Posição	Clube	Receita Anual em Milhões €
1	Manchester United	676,3
2	Real Madrid	674,6
3	Barcelona	648,3
4	Bayern de Munique	587,8
5	Manchester City	527,7
6	Arsenal	487,6
7	Paris Saint-Germain	486,2
8	Chelsea	428,0
9	Liverpool	424,2
10	Juventus	405,7
11	Tottenham Hotspur	355,6
12	Borussia Dortmund	332,6
13	Atlético de Madrid	272,5
14	Leicester City	271,1
15	Internazionale	262,1
16	Schalke 04	230,2
17	West Ham United	213,3
18	Southampton	212,1
19	Nápoli	200,7
20	Everton	199,2
21	Lyon	198,3
22	Milan	191,7
23	Zenit São Petersburgo	180,4
24	Roma	171,8
25	Borussia Mönchengladbach	169,3
26	Crystal Palace	164,0
27	West Bromwich Albion	160,5
28	Bournemouth	159,2
29	Stoke City	158,3
30	Benfica	157,6

Fonte: Consultoria Deloitte, 2017. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

Cerca de 40% do total arrecadado pelos 20 clubes mais ricos vem das receitas de TV, 5 equipes estão entre os 10 clubes mais ricos e **todos** os clubes que disputam a primeira divisão inglesa entraram no top 40. Situação inversa vive a Itália. Em 2001, cinco times faziam parte do top10, enquanto este ano apenas a Juventus aparece entre os 10 times mais ricos do mundo. Já para a revista norte-americana “Forbes”, os clubes mais ricos são medidos

de acordo com o patrimônio que possuem: estádio, valor da marca, elenco, dentre outros trata-se dos clubes mais valiosos.

No maior torneio europeu de clubes, a UCL, estão atuando a maior parte dos melhores e mais caros jogadores de futebol do planeta, as médias salariais são as mais altas e os clubes são verdadeiros selecionados transnacionais. Na lista dos “20 mais ricos” não figura nenhum time norte-americano, sulamericano ou brasileiro, o que se confirma quando se nota o ranking por campeonatos, ou seja, os campeonatos mais valiosos são justamente aqueles que possuem em suas rodadas os clubes mais ricos com salários mais elevados. Ainda há que se mencionar o poder econômico crescente do futebol árabe e chinês e o fortalecimento de ligas em mercados futebolísticos emergentes como Austrália, EUA, Índia, Japão, México, Rússia e Ucrânia. Adiante, a lista dos 25 maiores campeonatos de futebol, por valor estimado de jogadores⁵¹:

⁵¹ Relatório divulgado pela Pluri Consultoria, empresa brasileira reconhecida por publicações e monitoramento do esporte nacional. Dados de 2014. Acesso: abril/2015

Disponível em: <<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20Sportmetric%20-%20brasileirao%202014%20-%20Campeonatos.pdf>>. Acesso: abril/2015

Disponível em: <<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/PLURI%20Sportmetric%20-%20brasileirao%202014%20-%20Campeonatos.pdf>> Acesso: abril/2015

Tabela 1 – Os 25 Maiores Campeonatos Nacionais do Mundo, pelo Valor de Mercado dos Elencos Participantes.

Ranking			País	Campeonato	Nº Times	Valor de mercado em € Milhões		Var % - Em Euro 2014/2013	Valor Médio/ time € Milhões	Valor em R\$ Milhões
2014	2013	2012				2014	2013			2014
1	1	1	Inglaterra	Premier League	20	3.611	2.944	23%	181	11.194
2	2	2	Espanha	Primera División	20	2.593	2.294	13%	130	8.038
3	4	4	Alemanha	Bundesliga	18	2.381	1.844	29%	132	7.381
4	3	3	Itália	Serie A	20	2.177	1.856	17%	109	6.749
5	5	5	França	Ligue 1	20	1.709	1.326	29%	85	5.298
6	6	7	Rússia	Premier Liga	16	1.282	1.143	12%	80	3.974
7	7	8	Turquia	Super Lig	18	1.096	954	15%	61	3.398
8	9	9	Portugal	Super Liga	16	841	791	6%	53	2.607
9	10	11	Ucrânia	Premier Liga	15	687	641	7%	46	2.128
10	8	6	Brasil	Série A	20	672	935	-28%	34	2.083
11	11	10	Inglaterra	Championship (2ª div)	24	650	609	7%	27	2.015
12	12	13	Holanda	Eredivisie	18	621	594	5%	35	1.925
13	13	12	México	Liga MX	18	564	547	3%	31	1.748
14	14	14	Argentina	Primera División	20	514	508	1%	26	1.594
15	15	16	Bélgica	Jupiler Pro League	16	509	401	27%	32	1.578
16	24	15	Grécia	Super League	16	311	232	34%	19	964
17	18	19	Itália	Serie B (2ª div)	22	303	251	21%	14	939
18	17	24	Alemanha	2. Bundesliga (2ªdiv)	18	301	263	14%	17	933
19	16	17	Espanha	2ª División	22	297	341	-13%	14	921
20	22	18	Romênia	Liga 1	18	270	236	14%	15	837
21	19	20	Japão	J. League	18	268	244	10%	15	831
22	20	21	França	Ligue 2 (2ªdiv)	20	253	241	5%	13	784
23	25	30	EUA	MLS	19	238	175	36%	13	738
24	23	22	Colômbia	Liga Postobon	18	220	234	-6%	12	680
25	43	60	China	Super League	16	213	138	55%	13	662
TOTAL					466	22.581	19.742	14%	48	70.000

(1) Considerando valores do início de cada campeonato. Taxa Euro/R\$: 3,10.

Fonte: PLURI Sportmetric, ano, 2014. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

Abaixo dados mais atuais, inclusos torneios continentais e copas nacionais:

Tabela 2 – Os 25 Maiores Campeonatos Nacionais do Mundo (e os brasileiros na lista dos 60 maiores), pelo Valor de Mercado dos Elencos Participantes, 2017.

Ranking	Campeonato	Localização/Modalidade	Valor de Mercado em Milhões (Reais)
1	UEFA Champions	Europa/Copa Continental	R\$ 17,6 bilhões
2	Europa League	Europa/Copa Continental	R\$ 16,6 bilhões
3	League Cup	Inglaterra/Copa Nacional	R\$ 11,3 bilhões
4	Premier League	Inglaterra/Compeonato Nacional	R\$ 9 bilhões
5	Copa del Rey	Espanha/Copa Nacional	R\$ 8 bilhões
6	Espanha Primera División	Espanha/Campeonato Nacional	R\$ 7,2 bilhões
7	Coppa Italia	Itália/Copa Nacional	R\$ 6,8 bilhões
8	DFB Pokkal	Alemanha/Copa Nacional	R\$ 6 bilhões
9	Serie A	Itália/Campeonato Nacional	R\$ 5,8 bilhões
10	Bundesliga	Alemanha/Campeonato Nacional	R\$ 5,2 bilhões
11	Coupe de la Ligue	França/Copa Nacional	R\$ 4 bilhões
12	Ligue 1	França/Campeonato Nacional	R\$ 3,8 bilhões
13	Kubok Rossii	Rússia/Copa Nacional	R\$ 3,4 bilhões
14	Türkiye Kupasi	Turquia/Copa Nacional	R\$ 3,146 bilhões
15	Premier Liga	Rússia/Campeonato Nacional	R\$ 3,143 bilhões
16	Libertadores da América	América do Sul/Copa Continental	R\$ 3 bilhões
17	Brasileiro Série A	Brasil/Campeonato Nacional	R\$ 2,8 bilhões
18	Super Lig	Turquia/Campeonato Nacional	R\$ 2,49 bilhões
19	Taça de Portugal	Portugal/Campeonato Nacional	R\$ 2,47 bilhões
20	Taça da Liga	Portugal/Copa Nacional	R\$ 2,3 bilhões
21	Copa Sulamericana	América do Sul/Copa Continental	R\$ 2,178 bilhões
22	Super Liga	Portugal/Campeonato Nacional	R\$ 2,175 bilhões
23	Kubok Ukrainy	Ucrânia/Copa Nacional	R\$ 2 bilhões
24	KNVB Beker	Holanda/Copa Nacional	R\$ 1,86 bilhões
25	Copa do Brasil	Brasil/Copa Nacional	R\$ 1,85 bilhões
Total			R\$ 134,488 bilhões
...
32	Campeonato Paulista	Brasil/Campeonato Estadual	R\$ 1,25 bilhões
41	Campeonato Carioca	Brasil/Campeonato Estadual	R\$ 817 milhões
57	- Campeonato Gaúcho	Brasil/Campeonato Estadual	R\$ 582 milhões
59	Brasileiro Série B	Brasil/Campeonato Nacional	R\$ 569 milhões

Fonte: PLURI Sportmetric, ano, 2017. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

O acelerado processo de mercantilização do esporte no mundo é um tanto inevitável e é preciso primeiro que o esporte sobreviva economicamente, mesmo na periferia do sistema. Aqui surge uma questão secundária: no Brasil, os clubes precisam rever seus modelos de gestão.

Para efeito desta pesquisa, entende-se que o modelo de gestão atual do FUTBRAS, seja ele qual for, é fortemente relacionado com a forma com que sua EPEB se manifesta, com modo como atuam seus principais dirigentes, que aparentam perpetuar uma dinâmica de ação ligada às amarras históricas, sociais e econômicas arraigadas na história brasileira.

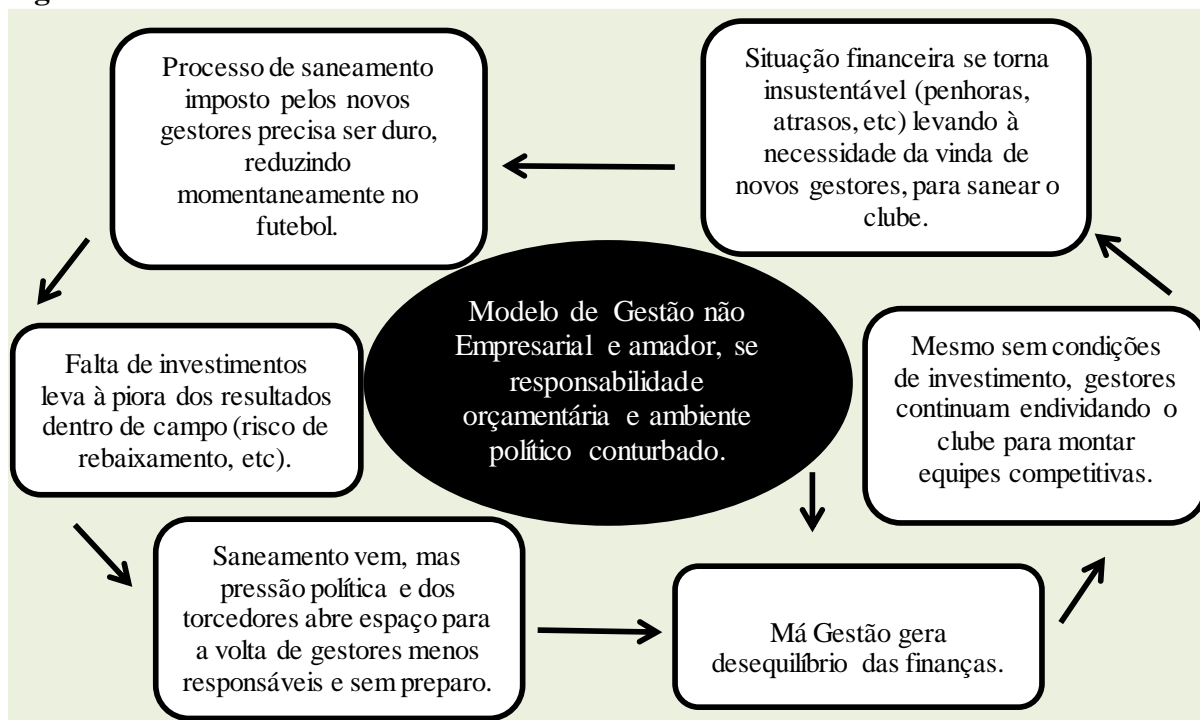
Desta forma, a dinâmica política da “gestão” parece impedir uma modernização mais contundente acerca das finanças e controle fiscal dos CBdeF um dos maiores indícios são os resultados econômicos dos últimos anos. Dos 13 principais clubes do Brasil o (C-13), apenas o C.R. Flamengo fechou o ano de 2014 com superávit, conforme mostram os balanços financeiros que passaram a ser divulgados, obrigatoriamente, por conta da LRFE e do PROFUT aos CBdeF.^{52 53} Até 2017, o C.R. Flamengo é o clube brasileiro com maior faturamento, maior receita líquida e a maior redução de endividamento do País. Construiu 2 centros de treinamentos de excelência no esporte, projeta construir um estádio próprio. A partir da gestão iniciada em 2013 o Flamengo passou a ser um local de trabalho bastante desejado pelos profissionais do setor. O clube também vem democratizando paulatinamente sua administração e seu colégio eleitoral, além de criar amarras mais rígidas quanto à responsabilidade financeira da gestão, à transparência das contas e à regulação e integração dos diversos departamentos do clube.

Fato concreto é que os CBdeF não são saudáveis economicamente e, em alguma medida, a EPEB, sua dinâmica e seus principais decisores são atores centrais neste contexto e estão relacionados diretamente com tal diagnóstico. Portanto, acredita-se que o esquema do círculo vicioso é muito expressivo da realidade do FUTBRAS: *Um modelo de gestão não empresarial e amador, sem responsabilidade orçamentária e fiscal em ambientes políticos extremamente conturbados.*

⁵² Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/503972_deu-no-ny-times-financas-do-futebol-brasileiro-estao-uma-bagunca> Acesso em: abril/2015

⁵³ A situação financeira dos CBdeF é tão alarmante que foi objeto de publicação recente no New York Times, cujo título foi: “as finanças dos clubes estão “uma bagunça”.

Figura 2 – O Círculo Vicioso de um Clube em Crise



Fonte: Emerson Gonçalves, Deloitte e Pluri Consultoria, ano, 2010. Elaboração: Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

Dados de 2014⁵⁴, divulgados pela Pluri Consultoria⁵⁵, permitem a comparação entre Brasil e outros países:

- Os jogadores participantes dos 25 campeonatos nacionais mais valiosos do mundo valem € 22,6 bilhões (R\$ 70 bilhões), valor 14% superior ao da temporada passada. A base de cálculo considera os valores dos elencos no início da temporada vigente;
- A Premier League inglesa permanece com folga na primeira colocação. Os 20 times participantes da competição tem valor de mercado de € 3,6 bilhões (R\$ 11,2 bilhões). Em seguida, tem-se a 1ª División Espanhola, com € 2,6 bilhões (R\$ 8,0 bilhões), e a Bundesliga, (agora 3ª colocada, superando a Serie A Italiana), com € 2,2 bilhões (R\$ 6,7 bilhões);
- O Campeonato Brasileiro Série A caiu para a 10ª posição no ranking em 2014, contra 8ª em 2013 e 6ª em 2012. O valor de mercado do “Brasileirão” atingiu € 672 milhões (R\$ 2,1

⁵⁴ Dados referentes a 2014.

Disponível em: <<http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/painel%20PLURI%202014%20%20-%2025%20elencos%20valiosos%20br.pdf>> Acesso em: abril/2015.

⁵⁵ Reconhecida **empresa brasileira de consultoria e marketing esportivo, publica relatórios** de gestão com frequência, bem como desenvolve metodologia para relacionar aspectos de governança e resultados desportivos das entidades.

bilhões), uma queda de 28% em relação a 2013, retornando ao nível de 2008. Em 2014 fomos ultrapassados por Ucrânia e Portugal;

- Os 25 times mais valiosos do Brasil fecharam 2013 com valor de mercado total de seus elencos em € 856,6 Milhões, o equivalente a R\$ 2,87 bilhões. O valor é o menor dos últimos 4 anos e 0,6% inferior ao de 2012, que foi de € 862 milhões;
- Se considerarmos o valor médio por time participante, o Brasileirão cai ainda mais, para a 11ª posição, atrás também do campeonato holandês;
- Os campeonatos da China (+55%), EUA (+36%) e Grécia (+34%) foram os que mais cresceram em valor de mercado na temporada. Há 2 anos os chineses ocupavam o 60º lugar, e este ano entraram pela primeira vez entre os TOP 25;
- Todos os 7 Campeonatos com maior valor de mercado apresentaram crescimento de 2 dígitos na temporada atual em relação à anterior. É um reflexo do maior poderio econômico destes mercados e aponta por uma crescente concentração de interesse internacional;

Nos últimos anos, as receitas dos CBdeF tiveram aumento significativo, fruto da renegociação de cada clube individualmente com a TV Globo acerca dos direitos de transmissão dos jogos. Por todo o mundo, os direitos dos jogos são vendidos à TV, porém, os critérios de repartição das cotas é um ponto polêmico. No Brasil, como na Espanha, há uma repartição mais desigual ao considerar as audiências dos jogos e o tamanho das torcidas; logo, os clubes com maior torcida ficam com a maior parte das cotas e a diferença para os demais é elevada quando comparada a outros países, como Alemanha e Inglaterra. Tal desigualdade das cotas em médio prazo produz um desequilíbrio técnico do campeonato que, a longo prazo, deprecia seu valor de mercado enquanto entretenimento. A seguir o salto de receitas dos CBdeF a partir de 2011.⁵⁶

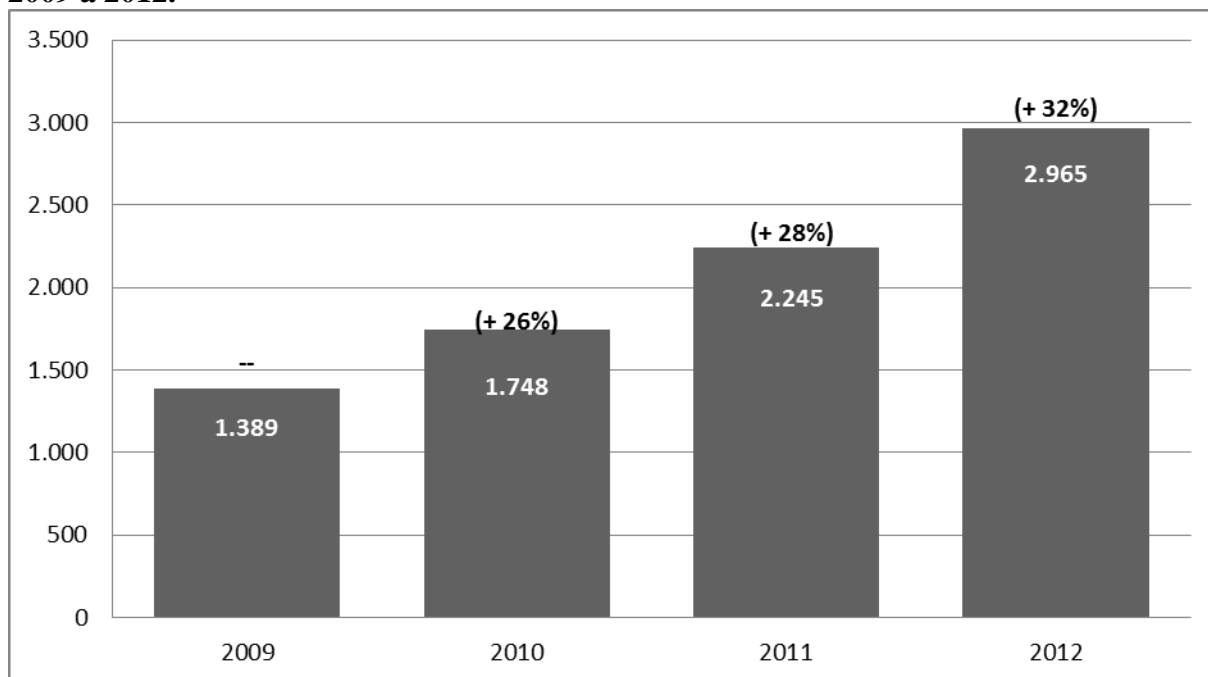
⁵⁶ Relatório parcialmente divulgado de estudo realizado pelo Itaú BBA. Disponível em: <globoesporte.com/olharcrônicoesportivo> Acesso em: abril/2015

Tabela 3 – Receita dos clubes com direitos de TV (R\$ Milhões)

Clubes	2010	2011	2012	2013	2014	Total
Corinthians	55	113	154	102,5	108,7	533,2
Flamengo	44	94	105	110,9	119,5	473,4
Santos	32	60	89	43,4	61,7	286,1
São Paulo	49	67	112	78,9	84,7	391,6
Atlético – MG	30	40	88	71,3	80,4	309,7
Grêmio	27	47	70	55,4	59,7	259,1
Vasco	34	66	57	66,1	72,9	296
Cruzeiro	29	55	52	60,1	66,3	262,4
Internacional	46	51	89	54,2	58,3	298,5
Bahia	6	15	29	-	-	
Palmeiras	45	47	74	76,3	80,6	322,9
Fluminense	27	29	53	57,5	61,3	227,8
Figueirense	1	9	17	-	-	27
Náutico	4	5	25	-	-	34
Coritiba	16	29	24	-	-	69
Criciúma	5	15	14	-	-	347
Botafogo	25	22	47	46,2	48,6	188,8
Goiás	13	8	37	-	-	58
Atlético - GO	0	0	16	-	-	16
Atlético - PR	13	12	31	-	-	56
Ponte Preta	5	7	18	-	-	30
Portuguesa	8	11	19	-	-	38
Vitória	16	9	34	-	-	59
Sport	0	40	73	-	-	113
Total	530	851	1.326	822,8	902,7	4696,5
						4.433

Fonte: Emerson Gonçalves, 2015. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara.

Gráfico 1 – Evolução das Receitas Brutas dos principais CBdeF (em Bilhões de Reais)*, 2009 a 2012.



*Refere-se aos 24 clubes da análise.

Fonte: GloboEsporte.com – Emerson Gonçalves, ano. 2013 Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

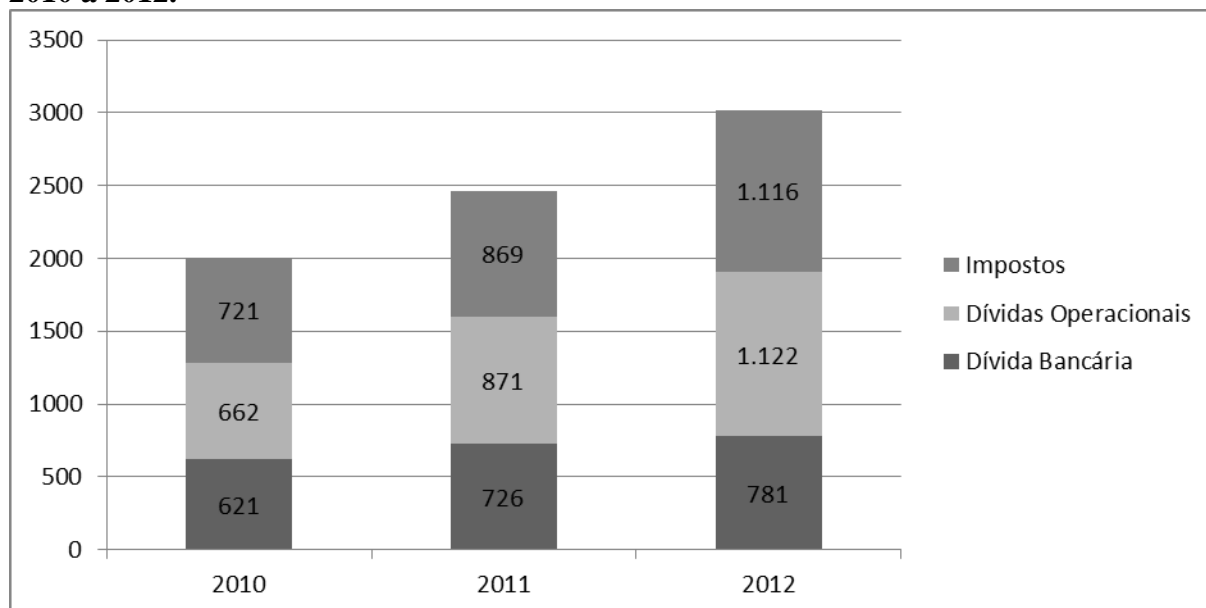
Segundo relatório do Banco Itaú BBA⁵⁷ e ⁵⁸, 2011 foi positivo no que se refere às receitas dos clubes: houve “[...]crescimento médio de **29,7%** sobre 2010. Destaques para **Santos** (+62%), **Vasco** (+63%), **Flamengo**(+43%) e **Corinthians** (+36%). Alguns clubes tiveram desempenho bem abaixo dessa média, como Grêmio (+3%), Atlético Mineiro (+8%) e São Paulo (+15%)[...]” O aumento bruto das receitas dos clubes somadas foi de 500 milhões de reais. (ITAÚ BBA, 2013)

Porém, quanto às dívidas dos CBdeF:

⁵⁷ O Grupo Itaú também divulgou algumas análises financeiras dos clubes, talvez por algum interesse, já que é um dos patrocinadores da CBF, ou até mesmo como uma cortesia aos clubes por pedido da CBF. Em tempo: o Itaú possui inserções nos horários de transmissões de futebol na TV Globo, ou seja, parte da receita da TV Globo vai para os clubes através dos repasses da TV por conta dos direitos de transmissão. Em suma, o Itaú é um dos financiadores do futebol no Brasil, porém, não patrocina diretamente nenhum clube, mas, todos ao mesmo tempo e estampa sua marca em uniformes de treino da Seleção Brasileira e nos banners durante as coletivas de jogadores, comissão técnica e dirigentes, da Seleção sub-15 até a profissional.

⁵⁸ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/11/04/nao-falta-dinheiro-parte-i-da-analise-itaubba/>> Acesso em: abril/2015

Gráfico 2 – Total de Dívidas dos Principais Clubes Brasileiros (em Bilhões de Reais), 2010 a 2012.



Fonte: GloboEsporte.com – Emerson Gonçalves, ano. 2013 Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

Somando-se o total de dívidas das 3 naturezas, temos no ano de 2010 um total de 2.004 bilhões, em 2011, 2.466 bilhões e em 2012, 3.019 bilhões de reais. Estes valores totais anuais são a soma, por ano, dos impostos, dívidas operacionais e dívida bancária. A cada ano a dívida cresce mais, pelo menos desde o início dos anos 1990⁵⁹.

De acordo com dados e informações ainda incompletas, a evolução permanece até 2014, porém, ainda não há divulgação oficial de todos os balanços de todos os clubes que permita comparação e análise no mesmo patamar da supracitada. Segundo avaliações recentes do mercado financeiro há pontos negativos e que inibem mais investimentos no setor:

- **Liquidez ruim:** todos os clubes analisados apresentam Capital Circulante Líquido negativo (diferença contábil entre os recebimentos e os pagamentos de curto prazo), reflexo da incapacidade em viabilizar recursos de Longo Prazo para financiar compra de atletas;
- **Custos e despesas elevados;** a pressão pela conquista de títulos e a concorrência para contratar atletas, resultam em salários incompatíveis com a realidade brasileira;
- **Incapacidade dos clubes em reter talentos:** necessidade recorrente de negociar atletas para o exterior como forma de obter caixa;

⁵⁹ A título de referência comparativa, quando Romário, recém-campeão mundial em 1994, veio do Barcelona para o Flamengo, para jogar durante o ano do centenário do clube, 1995, foi amplamente veiculado que o jogador custou em torno de 4 milhões de dólares, a lembrar, 4 milhões de reais à época. A dívida do clube que já era a maior do país girava em torno de 35 milhões de reais e a receita anual era de 18 milhões de reais.

- **Péssima bancabilidade e dificuldades para obter linhas de crédito de longo prazo;** como consequência, as dívidas bancárias são fortemente concentradas em bancos de pequeno e médio porte, também chamados de segunda linha pelo mercado financeiro;

- **Necessidade de rolagem das dívidas bancárias, pois o fluxo de caixa antes dos financiamentos é negativo;** também podemos chamá-lo, com alguma liberdade, de Fluxo de Caixa Operacional e significa, simplesmente, que as operações não geram receita suficiente para pagar as dívidas;

- **Passivo tributário gigantesco:** mesmo com a loteria Timemania é improvável que os clubes consigam quitar essas dívidas num futuro próximo.⁶⁰

Tabela 4 – Endividamento líquido dos clubes 2016/2017

Raking 2017	Clubes	Endividamento líquido 2017	Endividamento líquido 2016
1	Botafogo	719.192	750.768
2	Internacional	700.539	660.529
3	Fluminense	560.654	501.979
4	Atlético MG	538.107	518.740
5	Vasco da Gama	505.936	456.846
6	Palmeiras	461.959	394.775
7	Corinthians	448.427	425.875
8	Grêmio	392.579	397.375
9	Santos	360.731	356.572
10	Flamengo	334.680	435.947
11	Cruzeiro	313.550	363.092
12	São Paulo	295.364	335.241
13	Atlético PR	288.551	264.537
14	Coritiba	246.097	242.617
15	Bahia	170.468	166.426
16	Sport	164.911	109.557
17	Ponte Preta	148.295	144.054

⁶⁰ 19Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/os-24-clubes-de-futebol-mais-endividados-do-brasi201>> Acesso em: abril/2015.

18	Figueirense	88.908	63.648
19	Vitória	60.590	-
20	América MG	57.651	59.643
21	Goiás	42.048	42.364
22	Chapecoense	-	-

Fonte: Consultoria BDO. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

A dívida total dos CBdeF em 2012 foi de aproximadamente 4 bilhões de reais para cerca de R\$ 4,7 bilhões em 2014, um aumento de aproximadamente 17% segundo levantamento de outra Consultoria, a BDO Brazil⁶¹, desta vez considerando dívidas com setor público e privado.⁶² Porém, com uma margem razoável de erro, pois, os clubes ainda não padronizaram a composição de seus balanços, se restringem a divulgar em seus sites, por uma exigência recente do Estatuto do Torcedor⁶³. A MP PROFUT (abordada ainda neste item), em tramite parlamentar, e a LRFE foram concebidas justamente para aparar arestas e “brechas” legais deixadas pelo Estatuto do Torcedor, pela Lei Zico e pela Lei Pelé e, almejam inaugurar um ponto de virada na trajetória regulatória do esporte e do futebol em específico, equalizando dívidas dos clubes com a União e proporcionando novos mecanismos de controle do endividamento.

É importante registrar dois fatos recentes que em certa medida podem demonstrar por um lado, como o futebol nacional “afugenta” o capital dos investidores e por outro, que há dúvidas quanto à credibilidade do FUTBRAS enquanto “produto comercial”. A manchete de 11 de dezembro de 2014, apenas 5 meses da CMF2014 realizada no Brasil foi: “Ronaldo Fenômeno vira dono de clube nos EUA”⁶⁴.

⁶¹ BDO Brazil é empresa de consultoria reconhecida e com frequência de publicações de estudos em relação ao esporte nacional e internacional.

⁶² Disponível em: <<http://www.bdobrazil.com.br/pt/esporte.html>> e divulgado por <<http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2013/05/bastidores/dividas-dos-maiores-clubes-brasileiros-aumentaram-17-em-2012.html>> Acesso em: abril/2015.

⁶³ Lei que tenta proteger os direitos do torcedor. Alguns itens são cumpridos pelos clubes, outros nem tanto. Até o momento não obteve o resultado esperado.

⁶⁴ Disponível em: <<http://www.valor.com.br/empresas/3813648/ronaldo-vira-dono-de-time-de-futebol-nos-eua>> Acesso em: abril/2015.

Mesmo fora de campo, Ronaldo garante que está comprometido com o time. “Eu vou estar muito envolvido com a gestão da equipe e em transformar os Strikers em uma potência global. Não há dúvidas de que o esporte está crescendo exponencialmente nos EUA”, comentou Ronaldo. Coincidentemente, o time é do mesmo Estado que o Orlando City, do meia-atacante Kaká. Mas, enquanto o Orlando vai disputar a MLS (Major League Soccer), a principal liga do país, os Strikers estão na NASL (North American Soccer League). (VALOR, 2014)

O segundo episódio trata de outro empresário brasileiro que “desembarca” com seu capital naquele País, em 18 de fevereiro de 2013: “Empresário brasileiro compra possível franquia da MLS”.⁶⁵ Aposta que parece arriscada em um primeiro momento, porém, certamente mais segura do que investir em clubes brasileiros, tamanha a interferência de variáveis “extracampo” nos resultados do campeonato e as constantes mudanças de regulamento, bem como a influência da CBF e dos presidentes de Federações Estaduais de Futebol (item 3), que tornam o grau de previsibilidade do setor ainda menor, e contrariam um dos principais critérios: padrão dos investimentos, proporcional ao menor grau de risco.

Ex-presidente de um conglomerado de empresas, Flávio Augusto da Silva se tornou um dos donos do Orlando City SC, clube que almeja a entrada na liga dos Estados Unidos. Segundo a equipe, o empresário realizou um “investimento significativo”, que permitirá a construção de um complexo esportivo e a futura aquisição de uma franquia na MLS. “Todos os anos, centenas de milhares de brasileiros visitam Orlando. É o nosso destino número um nos Estados Unidos e, além de famosos pela simpatia e pelo poder de compra, também somos apaixonados pelo futebol. Mais que isso, somos um país de 200 milhões de fanáticos pelo futebol. É uma grande honra me tornar uma parte vibrante deste clube, que está sendo construído para fazer história nesse país e para dar muito orgulho à cidade”, declarou Silva. Até a última semana, Flávio Augusto presidiu o Ometz Group, holding que concentra 16 empresas, entre elas a escola de línguas Wise Up – patrocinadora da Copa do Mundo de 2014. Dono do clube ao lado de outros dois empresários, o brasileiro dá maiores garantias sobre um possível convite do Orlando City à MLS – entre os requisitos básicos estão um grupo de investidores estáveis e um estádio com capacidade mínima para 18 mil espectadores. Além disso, o clube apresentou na última semana um estudo independente sobre o impacto econômico que uma franquia poderia trazer à região, com expectativa de gerar US\$ 1,3 bilhões em 30 anos. Governador da Flórida, Rick Scott se posicionou ao lado da iniciativa, enquanto o comissário da MLS, Don Graber, declarou que “é uma questão de tempo a criação de uma franquia na região”. (TRIVELA/UOL, 2013)

⁶⁵ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/empresario-brasileiro-compra-clubes-que-almeja-entrada-na-mls/>>
Acesso em: abril/2015

Porém, ainda há coisas positivas a serem ditas, pelo menos no “campo e bola”. A nacionalidade de jogadores que mais marcam gols no torneio é a brasileira. O cenário aponta que ainda há abundância de capital humano, pois o Brasil ainda possui a maior nacionalidade não europeia a ter jogadores inscritos na UCL e supera a maioria dos países europeus (UEFA⁶⁶, 2014). Até 2017 não houve alteração significativa quanto ao ranking da tabela abaixo, ademais, por imprecisão e credibilidade dos dados obtidos optou-se não acrescentar dados sobre os anos subsequentes.

Um ranking que considera o número de jogadores estrangeiros atuando no BIG 5 (Ligas Nacionais da Inglaterra, Alemanha, Espanha, Itália e França) mostra a liquidez da força de trabalho brasileira no setor⁶⁷:

Tabela 5 – Nacionalidade dos Jogadores Estrangeiros Atuando na Europa e Fora de seu País de Origem, 2014.

País de Origem	Número de Jogadores Estrangeiros	Varição em Relação a 2013
Brasil	123	-8
França	107	+6
Argentina	106	-8
Uruguai	37	+7
Suíça	36	-1
Holanda	34	+1
Portugal	30	-1
Espanha	30	+12
Sérvia	26	-9
República Tcheca	25	+2
Dinamarca	24	+7
Costa do Marfim	23	0

Fonte: Review of the European Football Players’ Labour Market, 2014. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

⁶⁶ A *Union of European Football Associations* é o órgão continental dirigente do Futebol profissional na Europa, também rege o Futsal e o Futebol de Areia.

⁶⁷ Para muitos comentaristas esportivos, atualmente o Brasil tem apenas Neymar com status de grande estrela mundial e com potencial para vir a se tornar “melhor do mundo”, porém, o jogador brasileiro ainda é muito bem aceito no mercado europeu e mundial. Em tempo: o último brasileiro eleito melhor do mundo foi Kaká em 2007, campeão da UCL e do Mundial de Clubes FIFA – (MCF) pelo italiano AC Milan.

Está previsto em contrato um novo salto das cifras das cotas de TV, que passaram a vigorar a partir do ano de 2016. Dentre profissionais do futebol, jornalistas, analistas, comentaristas, dirigentes dos CBdeF, ex-jogadores e parcela significativa dos torcedores, há o entendimento de que a diferença de receita entre os dois clubes de maior torcida no País e o restante vai se ampliar ainda mais. A princípio os mais beneficiados pelo contrato de venda dos direitos de transmissão dos jogos são o C.R. Flamengo e o S. C. Corinthians Paulista, cujas receitas geraram uma disparidade semelhante a que ocorre na Espanha (Real Madrid e Barcelona), daí, a noção de “espanholização” do FUTBRAS. Pois entre os clubes do BIG 5, é na Espanha que se verifica a maior diferença entre as cotas de TV, entre os que recebem mais e os que recebem menos dinheiro. Obviamente que o elevado número de jogadores brasileiros comercializados também é em larga medida resultado da situação econômica dos CBdeF, pois, além da visibilidade mundial, os clubes da Europa oferecem melhores salários, menos tempo nas concentrações, melhores centros de treinamentos e melhor qualidade de vida às famílias dos profissionais.

No Brasil, o termo espanholização ganhou força a partir de 2011, quando a Rede Globo passou a negociar individualmente os contratos de TV e privilegiou os clubes com maior torcida, sobretudo Corinthians e Flamengo, que em 2013 receberam 20% de toda receita de TV do Brasil (R\$ 213 milhões). Para mostrar a concentração das receitas de TV no Campeonato Brasileiro, o Itaú BBA separou os 23 clubes com maior receita em quatro grupos que receberam valores similares da Rede Globo nos últimos anos, e a constatação é preocupante: o abismo só aumentou. Em 2011, o Grupo 1, formado por São Paulo, Corinthians, Flamengo, Internacional e Atlético-MG tiveram receitas de R\$ 980 milhões no total, R\$ 257 milhões a mais do que recebeu o Grupo 2 (R\$ 722 milhões), formado por Santos, Cruzeiro, Palmeiras, Grêmio e Vasco. Em apenas dois anos, essa distância dobrou, alcançando R\$ 577 milhões. Isto ocorre porque a emissora carioca aumentou o repasse ao Grupo 1 em um ritmo muito superior ao do visto pelo Grupo 2. Entre 2011 e 2013, o repasse ao primeiro escalão aumentou 43%, enquanto o segundo cresceu apenas 22%. A distância para o grupo formado por Botafogo, Fluminense, Coritiba, Atlético-PR e Bahia é ainda maior: de R\$ 679 milhões, em 2011, para R\$ 877 milhões em 2013. Na média, cada clube do primeiro escalão teve receitas de R\$ 281 milhões, contra R\$ 106 milhões do terceiro. Essa distribuição de receitas de TV tem impacto direto nos resultados esportivos dos clubes, segundo o banco. Para efeito de comparação, só a diferença de receitas de TV de Corinthians (R\$ 103 milhões) e Palmeiras (R\$ 72 milhões) é suficiente para que o alvinegro tenha R\$ 2,3 milhões a mais do que o rival por mês. O valor seria próximo do necessário para pagar o salário de três jogadores do nível de Alexandre Pato (R\$ 800 mil mensais). Se comparado com o Internacional, décimo clube que mais recebe cotas de TV, a diferença é ainda pior: R\$ 50 milhões por ano, ou 3,8 milhões mensais. O abismo entre o clube que mais recebeu, Flamengo

(R\$ 110 milhões), e o que menos recebeu, Ponte Preta (R\$ 19 milhões), é de 5,8 vezes. Para o banco, os clubes brasileiros deveriam mirar a Bundesliga alemã, onde o Bayern de Munique recebe apenas o dobro do clube pior colocado da liga, o Greuther Fürth. (ITAÚ BBA, 2014)⁶⁸

Cabe lembrar que há outras fontes de receitas possíveis, as bilheterias dos jogos, o consumo dentro dos estádios, as lojas com artigos oficiais dos clubes, o licenciamento de produtos variados, as verbas de publicidade e propaganda e o recente programa de “sócio torcedor” em que alguns clubes já apresentam resultados significativos. O ranking criado pela ação publicitária “Movimento por um Futebol Melhor⁶⁹” é atualizado diariamente e apresenta no meio do ano de 2018, mais de 60 clubes rankiados. Para demonstração utilizou-se apenas os 30 primeiros colocados em números de sócios oficialmente registrados e adimplentes:

⁶⁸Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Diferenca-receitas-TV-brasileiro-espanholizacao_0_1225677421.html#ixzz3YvoVakLM> Acesso em: abril/2015.

⁶⁹ Foi fundado em 14 de janeiro de 2013. Trata-se de uma ação de publicidade e propaganda que capta diversas empresas para conveniar-se aos Programas de Sócio-Torcedor da maioria dos clubes de futebol no Brasil. As empresas (supermercados, restaurantes, lojas em geral...) cujas marcas passam a ser vinculadas aos clubes, oferecem descontos especiais aos clientes que forem sócio-torcedores dos clubes cadastrados. Seu site é o www.futebolmelhor.com.br

Quadro 3 – Número de Sócios-Torcedores por Clube, 2015.

Posição	Clube	Nº de sócios-torcedores
1º	Internacional / RS	136.980
2º	Palmeiras / SP	118.595
3º	Corinthians / SP	98.716
4º	Grêmio / RS	82.511
5º	Cruzeiro / MG	69.759
6º	Santos / SP	57.689
7º	São Paulo / SP	55.063
8º	Flamengo / RJ	53.387
9º	Atlético / MG	40.833
10º	Fluminense / RJ	24.625
11º	Bahia / BA	24.021
12º	Sport Recife / PE	18.685
13º	Vasco da Gama / RJ	16.299
14º	Botafogo / RJ	11.624
15º	Chapecoense / SC	11.254
16º	Ponte Preta / SP	10.584
17º	Joinville / SC	10.537
18º	Grêmio Osasco / SP	10.119
19º	Ceará / CE	10.031
20º	G.E. Brasil / RS	8.903
21º	Avaí / SC	8.291
22º	Vitória / BA	7.983
23º	Juventus / SP	6.751
24º	Remo / PA	5.459
25º	Santo André / SP	5.409
26º	Fortaleza / CE	5.111
27º	Juventude / RS	3.605
28º	Náutico / PE	3.517
29º	Portuguesa / SP	3.433
30º	Guarani / SP	3.051

Fonte: Movimento por um Futebol Melhor. Disponível: <<http://www.futebolmelhor.com.br/>> Acesso em abril/2015. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

É importante mencionar uma variável muito relevante quanto ao número de sócios ativos, principalmente no caso do FUTBRAS. Os títulos conquistados determinam quase que diretamente o volume de adesão dos torcedores aos planos de sócio e a presença nas arquibancadas. Os times que conquistaram títulos relevantes entre 2015 e 2018 obtiveram forte alta de adesão aos planos de sócio torcedor, já os clubes sem conquistas relevantes no período tiveram seu número de contribuintes reduzido.

Quadro 4 – Número de Sócios-Torcedores por Clube, 2018.

Posição	Clube	Nº de sócios-torcedores
1º	São Paulo	150.707
2º	Grêmio	142.915
3º	Palmeiras	123.551
4º	Corinthians	122.541
5º	Internacional	112.756
6º	Atlético MG	109.961
7º	Cruzeiro	78.890
8º	Sport	43.720
9º	Flamengo	40.056
10º	Fluminense	37.095
11º	Botafogo	36.712
12º	Coritiba	30.279
13º	Vasco da Gama	28.435
14º	Santos	25.840
15º	Bahia	22.376
16º	Remo	21.648
17º	Ponte Preta	21.393
18º	Ceará	21.149
19º	Santo André	18.060
20º	Fortaleza	13.847
21º	Grêmio Osasco	9.932
22º	CSA	9.244
23º	Vitória	9.229
24º	Grêmio Brasil	9.175
25º	Chapecoense	9.026
26º	Figueirense	9.026
27º	Vila Nova GO	7.833
28º	Juventus	6.726
29º	Juventude	6.407
30º	Avaí	6.301

Fonte: Movimento por um Futebol Melhor. Disponível: <<http://www.futebolmelhor.com.br/>> Acesso em agosto/2018. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

Para efeito deste trabalho, entende-se que a maior evidência de um modelo problemático de gestão é refletida pela má gestão financeira que tem origem não apenas em “gestão temerária”, mas particular e principalmente na EPEB e em seu *corpo dirigente*. As dívidas da maioria dos CBdeF subiu na mesma ou em maior proporção às receitas nos últimos anos.

De 2011 para 2014, o Cruzeiro, na 82º posição, era o melhor clube brasileiro classificado no ranking dos mais ricos do mundo, que considerava o valor de mercado dos clubes⁷⁰. O Corinthians é o 86º mais valioso, seguido de Internacional, 99º, e do São Paulo, 100º. Os outros 96 clubes de futebol entre os 100 mais valiosos eram europeus, o que explica em grande medida o sucesso da UCL. Já em 2018, apenas C.R. Flamengo e S.E. Palmeiras figuram entre os 100 mais ricos.

As dívidas fiscais dos 40 principais clubes brasileiros somadas, segundo o Governo Federal⁷¹, giram em torno dos 4 bilhões, sendo que aproximadamente mais de 40% deste montante diz respeito aos “12 grandes clubes do Brasil” – (GC-12). (BRASIL, 2015). A dívida dos clubes também cresceu no período pós-2011, com exceção do Flamengo que nos últimos dois anos vem reduzindo drasticamente sua dívida “... sem nenhuma venda significativa, (...) conseguiu em 2014 o maior lucro da história do futebol brasileiro. (...), teve um superávit de R\$ 64,311 milhões na última temporada (2014) e deixou para trás o Santos (...), que fechou 2005 com um faturamento de R\$ 63,167 milhões (...). A venda de Robinho para o Real Madrid foi 69,1% de toda a receita daquele ano”. (ESPN.com.br, 2015)⁷². Em 2014, nenhum outro clube brasileiro fechou seu balanço sequer com superávit. (ESPN, 2015)

Adiante, ainda nesta seção, verifica-se os caminhos para solução do caos financeiro por que passam os CBdeF. Antes disso, mais uma tabela demonstra a fragilidade econômica e financeira do FUTBRAS. Trata-se das taxas de ocupação nos estádios brasileiros comparados com campeonatos pelo resto do mundo.

Apesar da leve alta de 2% no BR2014⁷³, cuja taxa de ocupação foi de 40%, número oficial divulgado pela CBF e pela TV Globo, a média de público em estádios brasileiros é historicamente baixa e o País permanece caindo de posição no ranking mundial⁷⁴ (2013):

⁷⁰ Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/platb/olharcronicoesportivo/2013/12/19/100-times-mais-valiosos-do-mundo-em-2013/>> Acesso em: abril/2015

⁷¹ Disponível em: <<http://www12.senado.leg.br/noticias/videos/2015/04/comissao-que-analisa-mp-da-divida-dos-clubes-de-futebol-deve-ser-instalada-nesta-quinta>> Acesso em: abril/2015

⁷² Disponível em: <<http://espn.uol.com.br/noticia/501393-flamengo-tem-o-maior-lucro-da-historia-do-futebol-brasileiro>> Acesso em abril/2015.

⁷³ Historicamente no Brasil, quando a Seleção Brasileira vai mal na Copa do Mundo ocorre um aumento efêmero da média de público nos campeonatos de clubes no País. Outro fator considerável foi o desejo de conhecer os novos estádios, pois, a maioria dos brasileiros não teve acesso à CMF2014. Soma-se a isso o inevitável incentivo que foi ao FUTBRAS a realização da CMF2014, principalmente para as crianças e jovens, o “futebol ficou na moda” independente da tragédia de 08 de julho de 2014.

⁷⁴ Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2013/07/10/as-ligas-de-futebol-mais-populares-do-mundo-na-temporada-20122013/>> Acesso em: abril/2015

Tabela 6 – Média de Público nos Campeonatos Nacionais pelo Mundo, 2011 a 2013.

Ranking 2013	Ranking 2012	País	Campeonato	Média de Público 2013/2012	% de Ocupação médio	Média de Público 2012/2011	Variação % no ano
1	1	Alemanha	1. Bundesliga	42.646	95%	45.083	-5%
2	2	Inglaterra	Premier League	35.921	95%	34.604	4%
3	3	Espanha	Primera División	28.616	83%	28.400	1%
4	4	México	Liga MX Apertura	24.245	53%	25.343	-4%
5	5	Itália	Serie A	23.053	62%	21.921	5%
6	6	Holanda	Eredivise	19.737	90%	19.458	1%
7	7	França	Ligue 1	19.191	68%	18.863	2%
8	8	EUA	Major League Soccer	18.845	91%	18.700	1&
9	10	China	Chines e Super League	18.740	44%	17.675	6%
10	9	Inglaterra	Championship - 2ª div	17.660	67%	17.899	-1%
11	-	Argentina	Torneo Inicial / Final	17.548	47%	-	-
12	11	Alemanha	2. Bundesliga	17.271	70%	17.212	0%
13	12	Japão	J. League Division 1	16.434	60%	16.572	-1%
14	-	Turquia	Süper Lig	14.215	49%	-	-
15	15	Rússia	Premier Liga	13.096	63%	12.936	1%
16	18	Ucrânia	Premier Liga	13.005	53%	11.284	15%
17	21	Austrália	A-League	12.990	32%	10.144	28%
18	13	Brasil	Campeonato Brasileiro (Série A)	12.971	38%	14.897	-13%
19	16	Suíça	Raiffeisen Super League	12.060	58%	12.253	-2%
20	17	Bélgica	Jupiler Pro League	11.934	64%	11.853	1%

Fonte: Deloitte Consultoria, 2014. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

Atenção para as 2º divisões inglesa e alemã, respectivamente 8º e 6º em taxa de ocupação, superando inúmeros campeonatos de primeira divisão em países tradicionais no esporte. Os EUA, apesar de estádios com baixa capacidade, já são o terceiro em ocupação e o Japão, o 11º, o que pode indicar uma demanda em expansão. A recente China já é a 9º em números absolutos, porém com estádios maiores que os japoneses e bem maiores que os EUA⁷⁵. O “país do futebol” só vence em ocupação a Austrália, que apresenta crescimento

⁷⁵ Há um fator relevante quanto à diferença de capacidade entre os estádios estadunidenses e japoneses. **Apesar dos dois países terem sediado CMFs, 1994 e 2002, respectivamente.** Na CMF 1994 a maioria dos estádios utilizados foi de Football Americano. Atualmente para um time se tornar uma franquia, seja da MLS ou da NASL, um dos pré-requisitos obrigatórios é a construção de um estádio de porte pequeno, exclusivo para este fim, por sinal, é como funciona em qualquer liga esportiva profissional naquele país. No Japão, além da J League

acelerado de público no último ciclo de 4 anos (CMF2010-2014)⁷⁶. O pior indicador no caso brasileiro é o de público absoluto, pois, a média anual de 12.971 frequentadores gera o menor coeficiente, exceção a China e EUA, quando relacionado ao número de habitantes, e talvez até ao Japão, países recém-inseridos de forma efetiva ao “mundo da bola”.⁷⁷

Tabela 7 – Taxa de Ocupação dos Estádios pelo Mundo, 2011 a 2013.

Ranking 2013	Ranking 2012	País	Campeonato	% de ocupação médio 2013/2012	% de ocupação médio 2012/2011
1	2	Alemanha	1. Bundesliga	95%	93%
2	1	Inglaterra	Premier League	95%	97%
3	3	EUA	Major League Soccer	91%	88%
4	4	Holanda	Eredivisie	90%	90%
5	5	Espanha	Primera División	83%	74%
6	10	Alemanha	2. Bundesliga (2ª div)	70%	59%
7	-	Chipre	Meisterrunde	69%	-
8	-	Suécia	Allsvenskan	68%	-
9	7	França	Ligue 1	68%	70%
10	8	Inglaterra	Championship (2ª div)	67%	68%
11	-	Áustria	Bundesliga	67%	-
12	6	Bélgica	Jupiler Pro League	64%	73%
13	15	Rússia	Premier Liga	63%	48%
14	13	Itália	Serie A	62%	51%
15	12	Japão	J. League	60%	52%
16	11	Suíça	Raiffeisen Super League	58%	53%
17	-	Inglaterra	League One (3ª div)	58%	-
18	-	Noruega	Trippeligaen	58%	-
19	-	Escócia	Premier League	57%	-
20	9	México	Liga M X Apertura	53%	62%
31	19	Brasil	Campeonato Brasileiro (Série A)	38,40%	44%

Fonte: Emerson Gonçalves, Pluri Consultoria, ano 2014. Elaboração: Ms. Juliane Rocha Lara

ser mais antiga e sem interrupções de suas atividades desde que Zico passou por lá e instituiu o futebol profissional, os estádios japoneses atualmente utilizados são aqueles construídos para CMF 2002, o que implicou em capacidade média bem superior a dos EUA, pois, foram construídos sob o “Padrão FIFA” da época.

⁷⁶ Os **estádios** brasileiros são em **geral 4 vezes maiores** que os australianos, **mesmo com as obras para CMF2014**, que em geral, **reduziram significativamente a capacidade dos estádios brasileiros**, principalmente devido aos novos padrões de segurança.

⁷⁷ Populações segundo OECD: Brasil

A colocação do Brasil quando o ranking considera apenas a média de ocupação dos estádios é impactante. O “País do Futebol” fica em **31º**. O público do Campeonato Brasileiro Série A fica atrás de surpresas como Chipre, Suécia, Áustria, Bélgica, Rússia, Suíça, Noruega e Escócia, cofundadora do jogo em sua versão moderna, todos, exceção este último, países sem tradição de vitórias expressivas e rara presença nos principais campeonatos.

Cabe fazer a ressalva de que a comparação acerca das taxas de ocupação dos estádios é um tanto comprometida devido à heterogeneidade da capacidade. Porém, como este tópico trata o futebol como setor da economia, cabe questionar por que no Brasil há estádios desproporcionais à sua demanda média? Será que nos países que possuem estádios pequenos, porém, com taxas elevadas de ocupação, há uma melhor adequação entre oferta e demanda? Tal possibilidade permite ensejar, que nestes casos, deve haver pelo menos um bom equilíbrio entre demanda e oferta⁷⁸. Ademais, parece haver no FUTBRAS um desajuste para cima nos preços em relação ao “mercado interno de entretenimento”, pois, seria este outro forte motivo para baixa procura. A qualidade do entretenimento certamente é outra variável importante. Qual seria a “qualidade” do produto FUTBRAS como entretenimento? Haveria, ainda, uma incompatibilidade entre preço e poder aquisitivo do torcedor? Acrescenta-se por fim, questões de segurança, mobilidade urbana, horários dos jogos, etc.

Um exemplo categoricamente oposto é o do Futebol Inglês. A começar pelo site da Premier League. Com versões oficiais em indonésio, espanhol, chinês, japonês ou coreano, e logicamente, em inglês, além do nosso português e mais 2 outros idiomas⁷⁹ não identificados. Trata-se do campeonato nacional mais assistido no mundo⁸⁰. “[...] O novo bilionário contrato da Premier League, em que os clubes irão receber 5,1 bilhões de libras, ou cerca de R\$ 22,4 bilhões/3 anos [...]. O lanterna da Premier League irá receber o equivalente a R\$ 435 milhões/ano pelos direitos de transmissão,⁸¹ [...] mais que a receita total de Corinthians ou

⁷⁸ Como alerta o caro orientador deste trabalho, “segundo Keynes, **oferta não gera demanda!**...”.

⁷⁹ O primeiro, provavelmente, árabe ou indiano, e o outro, asiático, devido à elevada audiência nestas localidades.

⁸⁰ Na Premier League, a divisão do dinheiro da TV é feita da seguinte forma: 50% é distribuído de forma igualitária, 25% de acordo com a classificação no campeonato e os outros 25% levando em conta a audiência de cada time nas transmissões.

⁸¹ Na Europa, o lanterna do Campeonato Inglês também será milionário quando comparados a gigantes do continente. Contra os R\$ 435 milhões que o último colocado da Premier League vai receber em 2016/2017, o gigante Bayern de Munique, segundo levantamento da consultoria Deloitte, recebeu R\$ 402 milhões de direitos de TV na última temporada, e isso contando todas as competições, incluindo a Bundesliga e a Champions League. O novo contrato da Premier League, no entanto, não fará seu campeão alcançar Real Madrid e Barcelona. Na última temporada, o primeiro recebeu R\$ 708 milhões da TV e o segundo R\$ 706 milhões.

Flamengo [...]”, Espn⁸² (2015), dois clubes que mais arrecadam por todos os campeonatos que disputam. Os estádios estão sempre lotados, os ingressos são os mais caros do mundo, as cotas de TV batem recordes e as filas de espera para compra do carnê anual, equivalente ao nosso sócio torcedor, é enorme. Vários clubes planejam ou já iniciaram novamente a ampliação de seus estádios.

A Alemanha é outro país frequentemente apontado pelos especialistas do esporte como uma potência em termos organizacionais. Atualmente sua liga é a 2º mais reconhecida juntamente com a Espanha. Porém, também existem mazelas causadas pela mercantilização acelerada do esporte no país atual campeão do mundo de futebol.

Na Copa do Mundo FIFA 2006 - (CMF2006) ali realizada, apenas uma das sedes (Leipzig) fazia parte da ex-Alemanha Oriental. (FIFA, 2014). Em 2015, a primeira e segunda divisões do campeonato nacional de clubes de futebol, a Bundesliga 1 e 2, não possuía nenhum clube “oriental”, todos foram engolidos pelo poder econômico do “ocidente”, após a reunificação do Estado Alemão e conseqüentemente dos campeonatos de futebol. (Stein, 2014)⁸³. A exceção na primeira divisão atualmente é o RB Leipzig.

O Dynamo Dresden, principal clube “oriental” até a queda do Muro de Berlin, estava na 3º divisão alemã (Bundesliga, 2014)⁸⁴. Trata-se de algo análogo, com o devido alerta sobre diferenças importantes na estrutura da própria organização do esporte, ao que acontece com o futebol no Norte, Nordeste e Centro-Oeste brasileiros. Este fato parece não fazer jus ao conhecido e reconhecido cooperativismo e coordenação econômica alemã. Outro exemplo relevante: a Lei Geral da Copa na Rússia, em 2018, foi aprovada em 2011, até mesmo antes da Lei Geral da Copa no Brasil 2014, esta aprovada em 2012. Será que este fato foi uma demonstração de organização russa ou de uma democracia relativamente fraca do ponto de

⁸² Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/483433_tv-vai-fazer-lanterna-do-ingles-mais-rico-que-o-mais-rico-do-brasil>, <http://www.lancenet.com.br/minuto/Premier-League-TV-bilhoes-temporadas_0_1301269983.html>, <<http://esporteinterativo.com.br/melhor-futebol-do-mundo/premier-league-renova-contratos-de-tv-por-cifra-recorde-de-us-78-bi/>> e <<http://esportes.r7.com/futebol/fotos/contrato-bilionario-do-campeonato-ingles-gera-temor-na-europa-entenda-22022015>> Acesso em: abril/2015.

⁸³ O declínio do futebol na Alemanha Oriental era evidente na década de 1980. Os privilégios do **Dynamo Berlim** diminuíram drasticamente a competitividade da **Oberliga**, especialmente diante da abertura do clube para recrutar promessas ao redor do país. Entretanto, a crise vivida no regime comunista também se combinou com a queda do time protegido pela Stasi. E o título do Dynamo Dresden em 1988/89 foi emblemático não apenas ao encerrar o decacampeonato dos berlinenses, como também por deixar em evidência a última geração de talentos formada na República Democrática da Alemanha. Daquele time saíram alguns dos futuros campeões do mundo em 1990 e campeões europeus de seleções em 1996, primeiros títulos título da Alemanha reunificada. Em 2014 foi a vez do título da **primeira geração nascida pós-muro de Berlin**.

⁸⁴ Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/por-que-25-anos-da-queda-muro-de-berlim-o-futebol-da-alemanha-oriental-ainda-nao-reergueu/>> Acesso em: abril/2015.

vista da pluralidade dos atores e das ideias e posições acerca do tema? São indagações importantes a título de comparação relativizada para tentar demonstrar que, no limite, não há um modelo perfeito para gerir o futebol, porém existem lições a serem aprendidas e/ou adaptadas ao cenário brasileiro. Desta maneira, já que não há um modelo ideal de gestão *a priori*, a hipótese que concede relevância decisiva a EPEB se reforça, ao contrário daquilo que se pensa em um primeiro momento, ou seja, as “questões de gestão”.

Talvez tais questões encontrem eco na falta de *regulação* em torno da “economia do futebol mundial”, o que parece ser um problema endêmico. O estudo do esporte mundial não é objeto central neste trabalho, porém casos específicos serão utilizados oportunamente para fins de comparação com o caso brasileiro. O “produto FUTBRAS” e o esporte nacional são “maltratados” economicamente, basta verificar a condição financeira atual dos clubes brasileiros de futebol e de diversas outras modalidades esportivas.

Um dos poucos legados positivos da CMF2014 no Brasil tramitou e foi aprovada no Congresso Nacional. A Medida Provisória 671 – (MPPROFUT - MP671)⁸⁵ surgiu a partir de muita negociação entre clubes e setores públicos. Associada ao MPPROFUT ainda houve a construção em torno do Projeto de Lei que, de forma significativa, tentava pela primeira vez produzir alguma regulação mais precisa e rigorosa sobre as finanças das instituições esportivas brasileiras, a Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte – (LRFE).

⁸⁵ Um dos legados da CMF2014 formulado e concedido pelo Governo Federal, promoveu um debate acerca da Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte (LRFE). Diversos segmentos convidados participam ativamente da construção do projeto de lei, dentre eles, técnicos do Ministério da Fazenda e da Receita Federal, jornalistas esportivos, o Bom Senso Futebol Clube (BSF), movimento organizado por atletas, dirigentes de clubes, dentre outros. Aos 19 de março de 2015 se deu a assinatura da Medida Provisória (MP) que trata da *renegociação da dívida dos clubes com o Governo Federal*. Técnicos da Receita Federal e do Ministério da Fazenda estimam que o total da histórica e corriqueira inadimplência de impostos federais dos principais clubes do país (séries A e B do Brasileirão) junto à União gira na casa dos **4 bilhões de reais**, números divulgados pela Casa Civil e amplamente repercutidos pela grande imprensa. A MP PROFUT – Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro foi objeto da MP publicada em 20 de março de 2015, no Diário Oficial da União e possui inspiração no projeto da LRFE. A MP antecipa um *marco regulatório* importante na trajetória do esporte nacional.

3.2 – GESTÃO ESPORTIVA NO FUTBRAS E A CENTRALIDADE DA EPEB

Para entender como se materializa o *modus operandi* da EPEB é necessário perceber dois aspectos relacionados entre si, que legitimam a gestão predatória do esporte nacional. Trata-se da regulação estatutária e principalmente dos colégios eleitorais das confederações esportivas, federações e clubes esportivos.

3.2.1 – A REGULAÇÃO INCIPIENTE

Aparentemente a tentativa do governo através do “Programa de Modernização do Futebol Brasileiro”, MP PROFUT, é estabelecer um marco regulatório importante no que tange à governança das entidades esportivas brasileiras, quanto à transparência contábil e à responsabilidade fiscal. Em alguns dos artigos nota-se a tentativa de democratizar a estrutura política interna das entidades, limitando mandatos e preconizando o princípio da alternância de poder. Cabe ressaltar que nada disso é obrigatório para nenhum clube, porém, para fazer jus ao generoso refinanciamento da dívida fiscal o clube interessado deverá oferecer como contrapartida tais adequações em suas gestões, em suma, em suas estruturas políticas internas.

A dissertação de mestrado “Política e Esporte: a Copa do Mundo no Brasil”, da mesma autoria desta tese, se encerra destacando o restrito legado da realização da Copa para o esporte brasileiro. Além dos novos estádios, é urgente a necessidade de uma política nacional de esportes efetiva, que permita a prosperidade econômica do setor e a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Ao que parece, o maior legado até o momento, entre uma Copa do Mundo e uma Olimpíada no Brasil, é a MP PROFUT e toda a discussão em torno da LRFE.

3.2.2 – A FRAGILIDADE DA GESTÃO ESPORTIVA

O tema da dívida e dos impostos coloca luz sobre um debate recorrente no FUTBRAS, pelo menos desde o final dos anos 1970, ora com mais vigor, ora menos. Trata-se da discussão sobre a qualidade do futebol brasileiro. Nos últimos anos o debate foi acrescido de discussões econômicas emaranhadas de “aspectos gerenciais ou de gestão”, tanto por parte dos profissionais da área, quanto por torcedores que discutem fervorosamente qual time estabeleceu melhor parceria para utilização dos novos estádios, qual clube recebe mais dinheiro das cotas de TV, que diretoria fechou o melhor contrato com fornecedor de material esportivo, ou ainda, qual clube paga melhores salários, e, obviamente, qual time possui maior número de sócios torcedores.

Os “aspectos gerenciais ou de gestão” do esporte nacional e do futebol brasileiro são consequência direta da configuração da EPEB. Além da relação de clientela assentada em um arranjo cartorial em que o atraso é o um forte elemento apropriado pela modernização em curso. A instabilidade, a imprevisibilidade e a excessiva flexibilidade das regras estatutárias, associadas a um elevado poder discricionário dos presidentes de entidades, bem como a informalidade, a baixa regulação e o personalismo paroquial característico da cartolagem brasileira no comando de clubes institucionalmente fracos, explicam como o modo brasileiro de gerenciar e gerir o esporte é determinante nas variadas possibilidades de corrupção, na organização, na relação com as mídias, com a imprensa e com empresas de material esportivo, na realização dos campeonatos de futebol, na apropriação indevida de símbolos nacionais, na gestão da Seleção Brasileira de Futebol e, principalmente, no acesso dos torcedores e simpatizantes do esporte, nos resultados dentro de campo, e na ausência de projetos sociais efetivos que se estendam a população.

Em síntese, atualmente a gestão dos CBdeF é fortemente imediatista, sem projetos e planejamento de médio e longo prazo, sendo objeto de mandos e desmandos de seus presidentes e diretores, fortemente calcada quase unilateralmente nos resultados do “campo e bola”, em detrimento da sustentabilidade financeira, das responsabilidades fiscais e racionalização tecnoburocrática da gestão. De maneira generalizada o único avanço nas plataformas políticas de campanhas eleitorais nos CBdeF se restringem a melhorias na infraestrutura, além das promessas de títulos e contratações, muitas vezes fora da realidade financeira dos clubes. Não há transparência das gestões nem dos balanços financeiros, nem

mesmo sequer nos processos eleitorais, cuja representatividade dos eleitos é baixíssima, com variações pouco significativas de clube para clube.

3.2.3 – OS COLÉGIOS ELEITORAIS

O episódio foi amplamente divulgado pela imprensa, apesar da cínica tentativa de ocultação da CBF e seus dirigentes. Nas palavras do jornalista Luiz Antonio Proserpi⁸⁶ em sua coluna:

Clubes brasileiros perderam o pouco poder que tinham nas decisões da CBF. Perderam por omissão. Sem a participação dos 20 clubes da Série A e com a presença apenas dos presidentes das 27 federações estaduais, a entidade presidida por Marco Polo Del Nero, mudou seus estatutos e alterou a composição dos votos do colégio eleitoral na escolha do presidente da CBF. As 27 federações têm agora total poder para eleger quem será o sucessor de Del Nero. A manobra, quase um golpe, aconteceu nesta quinta-feira (23/3), dia do jogo entre Uruguai e Brasil pelas Eliminatórias da Copa de 2018. Em uma assembléia sem a participação dos clubes e apenas com a presença das 27 federações, foi feita a mudança dos estatutos. Antes da mudança, o presidente da CBF era eleito com os votos das 27 federações, 20 dos clubes da Série A e mais 20 dos clubes da Série B, todos com mesmo peso. Portanto, se houvesse união dos clubes, eles teriam 40 votos contra 27 das federações estaduais e elegeriam o presidente da entidade. Com a alteração dos estatutos, os votos das 27 federações estaduais passam a ter peso 3, assim elas têm direito a 81 votos. Os 20 clubes da Série A ganham peso 2 – 40 votos. E os 20 clubes da Série B, peso 1 – 20 votos. Somando os votos dos 40 clubes (Série A+B), eles teriam apenas 60. Ou seja, 21 a menos que as federações. Portanto os clubes não têm mais como eleger o presidente da CBF sem abocanhar votos de algumas federações. Em compensação as federações têm poder total para escolher o sucessor de Del Nero. Como as federações são parte do sistema que sustenta a hierarquia da CBF e ainda recebem mensalidades de R\$ 50 mil cada uma da entidade maior, não há como um candidato fora da órbita delas e do atual comando da CBF vencer as eleições. Outro obstáculo para uma candidatura alternativa é a cláusula de barreira imposta pela CBF que não sofreu alterações na mudança dos estatutos: o candidato deve ser indicado por pelo menos cinco federações estaduais e oito clubes. O que, convenhamos, inviabiliza qualquer candidato de oposição a se candidatar. - **POR TRÁS DO GOLPE** - Marco Polo Del Nero foi eleito presidente da CBF em abril de 2014, com 44 dos 47 votos possíveis, na sucessão a José Maria Marin. Ganhou um mandato de 2015 a 2019 e direito a uma reeleição para mais quatro anos de governo depois de 2023 – pode ficar até 2027 na presidência da CBF. Assumiu em abril de 2015. Naquele ano, Marin foi preso no escândalo da Fifa e ainda cumpre cárcere domiciliar até hoje nos Estados Unidos. Del Nero também foi envolvido nas investigações da Justiça Americana acusado de corrupção e outras denúncias. Estava em Zurique quando levaram Marin algemado. Voltou às pressas ao Brasil e não mais arredou pé do País com medo de ser

⁸⁶ Disponível em: <http://chuteirafc.cartacapital.com.br/entenda-o-golpe-da-cbf-nos-clubes/>

Acesso em: julho de 2018.

preso. Marin e Del Nero, donos do poder na CBF. Mas pode ser banido do futebol pela Fifa, que ainda não encerrou seu processo de expurgo de dirigentes envolvidos em escândalos de corrupção. Conselho de Ética da entidade não deu por finalizado o processo que analisa Del Nero. Se Del Nero for banido pela Fifa ou denunciado e preso pela Justiça Americana, uma nova eleição terá de ser feita para se escolher novo presidente da CBF. No caso de seu afastamento temporário, assume o vice-presidente mais velho da entidade, o Coronel Nunes, da Federação do Pará. Com a mudança do estatuto nesta quinta-feira, Del Nero e seus pares não correm mais risco de ser varridos do poder na CBF. Desunidos e sempre a beijar mão do cartola, clubes perdem prestígio nas decisões mais importantes da gestão do futebol brasileiro. Segue o jogo.

Um breve resumo de como ficou arranjo eleitoral da CBF e Federações é expresso em outra coluna, pelo jornalista Rafael Iandoli⁸⁷:

Ainda assim, tais reinados demonstram o largo poder de influência que presidentes de federações têm sobre os presidentes dos clubes, ao conseguirem acordos políticos que os perpetuam no cargo. As federações locais também são a fonte de dinheiro para os clubes, dos campeonatos estaduais e de repasses da CBF. A principal opção para os clubes superarem as imposições das federações estaduais e da CBF e assumirem o controle dos campeonatos e da arrecadação seria com a união em torno de ligas de times. É assim, por exemplo, que acontece na Inglaterra, um dos modelos de gestão mais citados no mundo. Por lá, são os clubes que organizam o campeonato nacional e negociam cotas de contratos de TV, patrocínios do torneio, bilheteria, entre outras fontes de renda. Com poder para negociar e sem precisar dividir os lucros com a federação, os times lucram mais. Times mais fortes, por sua vez, valorizam o torneio. Alemanha, Espanha, Itália, EUA, França e Portugal são outros países onde os campeonatos nacionais são geridos pelos clubes. No Brasil os clubes não conseguem superar a influência e o poder que os presidentes de federações e da CBF têm em suas políticas internas. Por terem o controle dos contratos que definem algumas das principais fontes de renda dos times, as federações têm grande poder de barganha com presidentes de clubes, evitando dissidências. Em 2016, o ex-jogador Raí falou à Rádio Estadão sobre a relação de dependência. "A CBF sempre teve mais força que os clubes e acaba impondo suas vontades. Ela tem mais força econômica, estabilidade financeira, e os clubes ficam dependentes do dinheiro da televisão", disse. Iniciativas de ligas no Brasil. A criação da Primeira Liga, um torneio organizado por clubes do sul e sudeste (com exceção dos paulistas) segue essa lógica, mas tem suas limitações. Sem conquistar sequer os clubes de São Paulo, a Primeira Liga, que surgiu com a intenção de, no médio prazo, substituir o Brasileirão da CBF, perde prestígio a cada ano. Em 2017, por exemplo, alguns times da primeira divisão nacional disputaram boa parte do torneio com as equipes reservas. [...] Em

⁸⁷ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/12/06/Qual-o-papel-dos-presidentes-de-clubes-na-governan%C3%A7a-do-futebol>

Acesso em: julho de 2018.

2010, a Copa do Nordeste, uma das principais competições regionais do Brasil, foi organizada por uma liga de clubes, após a CBF cancelar o torneio por falta de datas. Três anos depois, a entidade nacional reassumiu o comando.

Mais uma vez a *Cartolagem Brasileira* encontra uma maneira rápida, relativamente fácil e até o momento muito eficiente de manter o controle do FUTBRAS. O *preço do carimbo* continua elevado e colaborando decisivamente para quase todo tipo de atraso que envolve o FUTBRAS.

3.2.4 – O INTERCÂMBIO EPEB - POLÍTICA CONVENCIONAL

São inúmeros os casos de políticos eleitos oriundos do futebol e dos esportes em geral, ex-jogadores e principalmente ex-dirigentes. Não se trata de um fenômeno singular brasileiro. Sem esforço algum, muitos se lembram que Silvio Berlusconi foi Primeiro-Ministro Italiano por quase uma década, somando-se todas as vezes em que exerceu o cargo. Era presidente-proprietário do A. C. Milan-ITA antes, durante e após o exercício do cargo! Mais recentemente, fato um pouco menos conhecido fora do mundo do futebol, Mauricio Macri presidiu o C.A. Boca Juniors – ARG na fase mais vitoriosa da história do clube, entre 1995 e 2007, fundou um partido político e se tornou presidente daquele país.

No Brasil são infindáveis os casos, porém, apenas como ilustração, segue uma breve lista aleatória. São eles, **Andrés Sanchez (Corinthians)**: Presidiu o Corinthians entre 2007 a 2011, levando a equipe de um rebaixamento para a Série B ao título Brasileiros. Embora não tenha sido o presidente na conquista da Libertadores, boa parte do êxito se deve a estrutura por ele montada. Foi eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo nas eleições de 5 de outubro de 2014; **Bebeto Tetra** (campeão CMF1994) eleito deputado estadual em 2010 e reeleito em 2018; **Eurico Miranda (Vasco)**: Em 1990, Eurico decidiu se candidatar a deputado federal, apesar de já ter o cargo de vice-presidente do Vasco da Gama. Não conseguiu ser eleito, mas nas eleições de 1994 voltou a se candidatar e conseguiu ser eleito para deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro. Em 1998 foi novamente eleito, mas em 2001 foi pedida a cassação do seu mandato por efetuar uma operação de câmbio não autorizada. Eurico foi acusado de promover evasão de divisas do país. Apesar disso, Eurico voltou a concorrer nas eleições de 2002, porém não foi eleito, perdendo assim a imunidade parlamentar. No Vasco, ele comandou o clube entre 2001 a 2008, quando perdeu o cargo por suspeita de fraude; **Evandro Leitão (Ceará)**: Deputado Estadual eleito em 2014, Leitão reassumiu o Ceará após se afastar para campanha eleitoral, garantindo que seu mandato não o atrapalharia a comandar o “Vovô”; **Fernando Bezerra (Santa Cruz)**: Torcedor tricolor, presidiu entre 2008 e 2010 o Santa Cruz Futebol Clube, agremiação do Recife, sendo responsável pela reestruturação física do Estádio do Arruda, que estava interdito, e a conquista de novos patrocinadores para a agremiação. Como político, foi Deputado Estadual (1983 a 1986) e prefeito de Petrolina (1993 a 1996; 2001 a 2004; e 2005 a 2007); **Fernando Collor de Mello (CSA)**: Assumiu a presidência do CSA e contratou Luiz Felipe Scolari como

treinador da equipe que se sagrou campeã estadual em 1982, naquela que foi a primeira experiência do gaúcho como técnico de futebol. Como político, Collor foi prefeito de Maceió e Deputado Federal por Alagoas, durante o Regime Militar. Em 1986, foi eleito governador do seu estado natal e, em 1990, Presidente da República; **Laudo Natel (São Paulo)**: Foi diretor financeiro e presidente do São Paulo Futebol Clube, do qual é patrono graças à sua atuação na prospecção de recursos para viabilizar a construção do estádio do Morumbi, tendo sido duas vezes governador de São Paulo. A primeira, entre 6 de junho de 1966 e 31 de janeiro de 1967, quando, como vice-governador, substituiu o então governador Ademar de Barros, cassado pelo governo militar brasileiro. A segunda, entre 15 de março de 1971 e 15 de março de 1975, quando foi eleito de maneira indireta, pelo colégio eleitoral; **Leila do Vôlei**, eleita senadora em 2018; **Roberto Dinamite (Vasco)**: Presidente do Vasco desde 2008, Roberto Dinamite não repetiu como cartola o sucesso que teve como jogador. Entrou na política em 1992, elegendando-se vereador da cidade do Rio de Janeiro pelo PSDB. Em 1994 elegeu-se deputado estadual, cargo este onde se reelegeria em 1998, 2002, 2006 e 2010. **Romário (Campeão CMF1994)**: eleito deputado federal em 2010 e Senador em 2014, em 2018 disputou o Governo do Estado do Rio de Janeiro, sem êxito e, por fim, **Zezé Perrella (cartola Cruzeiro)**: eleito deputado federal 1999, em 2002 senador, deputado estadual em 2006 e em 2011 senador novamente, na época suspeito por crime de lavagem de dinheiro na venda do zagueiro Luisão. Em 2013, seu nome esteve vinculado à apreensão de 445 kg de pasta base de cocaína dentro de um helicóptero de propriedade da família Perrella, quando a aeronave aterrissava em uma fazenda em Afonso Cláudio, no Espírito Santo, em 24 de novembro daquele ano.

Na grande imprensa e entre os profissionais do futebol com mais presença nos veículos de comunicação, nos botecos ou na entrada dos estádios, nota-se a síntese do diagnóstico contemporâneo, na ressaca dos “7x1” a trágica derrota brasileira diante da Alemanha na CMF 2014: a necessidade de uma “gestão moderna” do esporte e, em particular, no futebol. Aos olhos das Ciências Sociais, problemas de gestão não estão desconectados de outros aspectos da vida social, refletindo a vida política, as interpretações sobre o mundo, a trajetória das instituições, os interesses dos atores, as leis, a história social, política e econômica e os arranjos entre os atores, instituições públicas e privadas, bem como sua regulação. Certamente, estes são elementos importantes de uma análise que contempla aspectos econômicos, mas culmina por abordar aspectos típicos da Ciência Política, da

História e da Sociologia. Obviamente que tudo aquilo que ocorre “fora de campo” torna-se variável importante para os resultados obtidos “dentro do campo”, estabelecer as complexas e inúmeras relações causais entre estas duas facetas do esporte extrapolaria a maioria dos estudos acadêmicos “mais individualizados”. De certo, uma boa gestão não garante vitórias e conquistas, mas, aumenta e muito as chances de êxito. A boa gestão praticamente garante a perpetuação da prática do esporte e a boa saúde das instituições esportivas.

CONCLUSÃO

Tendo em vista que a corrupção no esporte nacional e mundial veio à tona nos últimos anos de uma maneira bem mais evidente e rica em episódios policiais, é importante destacar alguns breves pontos, na tentativa de evitar plausíveis equívocos.

O tema da corrupção no esporte reflete uma prática recorrente em diversas atividades humanas, trata-se de um fenômeno social bem maior que o próprio esporte e que se sobrepõe às fronteiras nacionais ou às distinções entre o setor público, o setor privado e as organizações não governamentais. A corrupção no esporte não é objeto de estudo aqui e apenas aparece devido à sua ampla influência na vida cotidiana global e, claro, nacional. O esporte no mundo é alvo de corrupção. No caso específico deste trabalho, é recomendável que a corrupção seja compreendida como um sintoma decorrente da forma com que a *EPEB* opera, gerencia e controla o esporte nacional, especificamente o futebol. Neste trabalho a corrupção possui papel coadjuvante.

A *rede do gol* é constituída pelos atores coletivos e individuais que possuem relevante influência no “núcleo duro” da *EPEB*, são aqueles que ocupam cargos estratégicos nos clubes e federações e posições na própria *estrutura política esportiva brasileira*; há ainda, um subgrupo mais restrito dos que *presidem e dirigem as entidades esportivas*. No *FUTBRAS* há um grupo de pessoas atuando “por dentro” e no “em torno” da *EPEB*. Não se deve perder a percepção de que são sempre indivíduos e grupos de indivíduos que constituem, definem e tomam as decisões nas instituições e/ou em nome delas. Estes, eventualmente, possuem contatos valiosos no Congresso Nacional e nos 3 Poderes da República poder executivo e no legislativo, nas prefeituras, nas assembleias estaduais e nas câmaras de vereadores. Porém, tais relações extrapolariam as pretensões deste trabalho. É certo que há uma intensa relação entre os chamados políticos do esporte e políticos convencionais, insistentemente e de maneira corriqueira há também um grande intercâmbio entre essas posições. É comum dirigentes de clube serem candidatos a cargos eletivos, principalmente no legislativo regional e nacional, bem como, políticos que, por ventura ou pontualmente, perdem espaço na política convencional em determinado “ciclo eleitoral” e se voltam à política esportiva. Em tempo, há diversos exemplos no Brasil e no mundo.

Apesar do cálculo individual incansável dos atores, as garantias de resultados ótimos, a partir das ações guiadas pela racionalidade são restritas. No caso do futebol a variável

“vitória no campo e bola” pesa muito e derruba quase todo cálculo estratégico. Reconhecidamente ruins, dirigentes são ovacionados após um eventual título e, inversamente, boas administrações são exorcizadas pela falta deles. Se o “imponderável” dos lances de cada partida for considerado, tendo por consequência os resultados dos jogos e campeonatos, qualquer previsibilidade se torna um hercúleo desafio! Desta forma, ainda mais difícil projetar cenários na política esportiva ou até mesmo planejar ações, cronogramas e planos de metas. Apesar da enorme dificuldade, já há alguns clubes tentando privilegiar administrações mais técnicas e profissionais. Questões de regulação e principalmente dos estatutos internos dos clubes e entidades são poderosos obstáculos.

Com efeito, a *cartolagem* e o *preço do carimbo*, imposto principalmente pelas federações estaduais - exclusivamente brasileiras - e confederações do desporto nacional e, em específico, do futebol, são importantes na tentativa de deixar explícito o que envolve a lógica do “núcleo duro” da EPEB e tentar demonstrar um pouco de como *cartorialismo* e *clientelismo* se combinam e sustentam uma *rede* de arranjos e de relações sociais interessadas que permeiam o esporte nacional e, em medida relevante, internacional.

É através na *clientela*, apoiada em um *mecanismo cartorial*, que a *EPEB* perpetua um modo de operar neste complexo arranjo de interações constitutivas da gestão predatória pela qual passa a maior parte dos clubes de futebol no Brasil, em subserviência elevada às federações estaduais e à CBF. As federações estaduais, a CBF e o empresariado ligado ao futebol no Brasil vivem da falência financeira, da gestão sem formação técnica e do predominante atraso do esporte brasileiro. A *EPEB* é a principal responsável pela “pequena política” praticada internamente nos *CBdeF*, que envolve a disputa suja pelo poder, a troca promíscua de votos por cargos e empregos e as vantagens individualizadas que por ventura se oferecem aos envolvidos. O arranjo institucional do esporte brasileiro é mais uma das inúmeras manifestações de *paroquialismo* extremamente nocivo ao país.

A *Estrutura Política Esportiva Brasileira* abrange a grande variedade de modalidades praticadas em território nacional, em que o futebol possui apenas maior destaque tamanha sua variedade na qual o futebol se destaca pela imensa popularidade. Contudo, entende-se que a proposta de modelo analítico que expressa pode dar conta de utilizar suas categorias nas mais variadas modalidades esportivas, tanto praticadas no Brasil, como em inúmeros casos internacionais.

A necessidade financeira dos CBdeF parece estar ensaiando alguma democratização dos seus colégios eleitorais, tema delicado para os Cartolas e que apresenta a típica morosidade quanto à construção de uma solução mais impactante e definitiva.

O esporte brasileiro de alto rendimento quase sempre foi objeto de investimentos públicos significativos, principalmente, o Futebol de Campo. Atualmente, as costumeiras práticas e formas de financiamento do esporte no Brasil não se alteraram significativamente, e, lentamente, parecem caminhar para uma maior profissionalização.

Na história do esporte nacional é recorrente a carência de políticas públicas em sentido amplo. Não há utilização do esporte na saúde preventiva e, para o lazer e entretenimento, são heroicas as iniciativas amadoras. O Estado Brasileiro não promove práticas esportivas populares em larga escala para nenhuma faixa etária. As instalações esportivas populares são em baixo número, a disponibilidade de professores e instrutores perto de zero. No “País do Futebol” a atividade esportiva é descolada da Educação e não há o mínimo de alinhamento para que funcione como instrumento educativo efetivo. Predominantemente, a atividade esportiva é conflitante com os currículos escolares. O esporte no Brasil não é utilizado como ferramenta de inclusão social e nem de construção da cidadania. O esporte escolar é incipiente e o esporte universitário irrelevante no caso brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALABARCES, Pablo. **Cidadania e Narrativas Nacionais do Futebol Argentino Contemporâneo** IN: ECO - Pós vl 5, n 1, 2002, pp. 27-36.

Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/viewFile/1154/1095> Acesso em: abril/2015.

_____ **Fútbologías: Fútbol, Identidad y Violencia em América Latina**. Ed. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. 2003.

Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20100919010923/alabarces.pdf>> Acesso em: abril/2015.

ALMEIDA, Acir e LOPEZ, Feliz. **Legisladores, Captadores e Assistencialistas; a representação política no nível local**. Rio de Janeiro, 2012.

ALVITO, M. **A história do futebol inglês**. 2008. In: blog.

Disponível em:

<<http://cc.bingj.com/cache.aspx?q=www.historiafutebolingles.blogspot.com%2f&d=4967607147233412&mkt=pt-BR&setlang=pt-BR&w=547a19b8,c8ed83dd>> Acesso em: abril/2015.

AZEVEDO, Carlos & REBELO, Aldo. **A corrupção no futebol brasileiro**. 2002.

Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5923/5436>> Acesso em: abril/2015.

BEZERRA, Marcos Otávio. **Em nome das bases: política, favor e dependência pessoal**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção crítica social do julgamento**. Zouk, Porto Alegre, 2006.

_____ **Programa para uma Sociologia do Esporte**. In: Coisas Ditas. (1978 e 1983) São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARRAVETTA, Elio. **Modernização da Gestão no Futebol Brasileiro**. Editora Porto Alegre, 2006.

CONDÉ, Eduardo Salomão. **Um mosaico ladrilhado: Instituições, Institucionalismos e Complementaridades**. In: Cultura e Instituições Sociais. Organizador Gilberto Salgado – Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2006, pp. 43-70.

DUARTE, Orlando. **A História dos Esportes**. 4ª ed. Editora Senac, SP, 2004.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, L., John. **Os Estabelecidos e Os Outsiders** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. 2000. Ed Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Ana Leticia Padeski. & MARCHI JUNIOR, Wanderley. **A Constituição da Sociologia do Esporte no Brasil: uma análise do campo acadêmico e científico**. 2011. Disponível em: <www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com> Acesso em: abril/2015.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

GASTALDO, Édison. **"O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil**. Sociologias n.22 Porto Alegre. jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-45222009000200013>> Acesso em: abril/2015.

GASTALDO, Édison. **A nação e o Anúncio: a representação do “brasileiro” na publicidade da copa do mundo**. Tese. UNICAMP: Campinas, SP. 2009.

_____ **A Recepção Coletiva do Futebol Mediatizado: apontamentos etnográficos**. Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação – COMPOS, XIV, Rio de Janeiro: Niterói, 2005.

GELLNER, Ernest. **Naciones e Nacionalismos**. 1984.

GUTERMAN, Marcos. **Médici e o futebol: a utilização do esporte mais popular do brasil pelo governo mais brutal do regime militar**. São Paulo, (29) tomo 1, p. 267-279, dez. 2004. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/9958/7397>> Acesso em: abril/2015.

_____ **O Futebol Explica o Brasil – Uma História da Maior Expressão Popular do País**. Editora Contexto, São Paulo, 2009.

HALL, Peter A. and TAYLOR, Rosemary C. R. **As três versões do neo-institucionalismo**. *Lua Nova* [online]. 2003, n.58, pp. 193-223.

HELAL, Ronaldo. **Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil**. 2011. Disponível em: <revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/345/224> Acesso em: abril/2015.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. **A crise no futebol brasileiro: perspectiva para o século XXI**. *ECO – PÓS* – V. 5, n. 1, 2002. p. 37 – 55.

HELAL, Ronaldo e MURAD, Mauricio. **Alegria do Povo e Don Diego: reflexão sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol**, Rio de Janeiro, 2001.

HELAL, Ronaldo; SOARES, A.; Lovisolo, H. **A Invenção do País do Futebol: Mídia, Raça e Idolatria**. Rio de Janeiro. Mauad. 2007.

HICKEN, Allen. **Clientelism**. *Annu. Rev. Polit. Sci.* 2011. 14:289–310.

HILGERS, Tina. **Clientelism and conceptual stretching: differentiating among concepts and among analytical levels**. *Theor Soc* (2011) 40:567–588.

HOBBSAWN, Eric. **A Era dos Impérios. 1875-1914.** Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2001.

_____ **Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre a história do operariado.** Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

HOBBSAWN, Eric e RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IMMERGUT, Elen. **As Regras do Jogo: A Lógica da Política de Saúde na França na Suíça e na Suécia.**

Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_30/rbcs30_13.htm>
Acesso em: abril/2015.

_____ **Institutions, Veto Points, and Policy Results.**

Disponível em: <http://sobek.colorado.edu/~bairdv/Immergut_vetopoints.pdf> Acesso em: abril/2015.

JAGUARIBE, Hélio. **Para Uma Política Nacional de Desenvolvimento.** Cadernos do Nosso Tempo, número 5/47-188, 1956.

_____ **Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Político.** Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1962.

KERSHES, Cristiane. **Processo Decisório no Brasil o Caso da Lei de Responsabilidade Fiscal.** Editora Hucitec, São Paulo, 2011.

MACHADO, Igor José de Renó. **Futebol, Clãs e Nação.** Dados, vol. 43 n.1, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0011-52582000000100006>> Acesso em: abril/2015.

MARQUES, Eduardo Cesar. **Estado e redes Sociais: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro**. Editora Revan, Rio de Janeiro, 2000.

MICELI, Sergio. **A Carne e o Osso da Elite Política Brasileira Pós-1930** in: História Geral da Civilização Brasileira III. O Brasil Republicano 3. Sociedade e Política (1930 a 1964). Editora Difel. São Paulo, 1986.

MILLIET FILHO, Mario. **Cenários e personagens de uma arte popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil**. 2009

Disponível em: <www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/.../RAUL_MILLIET_FILHO.pdf>

Acesso em: abril/2015.

MUNO, W. **Conceptualizing and Measuring Clientelism**. Paper to be presented at the workshop “Neopatrimonialism in Various World Regions” 23. August 2010, GIGA German Institute of Global and Area Studies, Hamburg. (p. 5-6).

NUNES, Edson de Olivera. **A gramática política do Brasil: clientelismo, corporativismos e insulamento burocrático**. Editora: Garamond, Rio de Janeiro, 2010

NUNES LEAL, Victor. **Coronelismo, Enxada e Voto**. 2012.

PIATTONI, Simona. **Clientelism in historical and comparative perspective**. In: Piattoni, Simona. Clientelism, Interests and Democratic Representation: the European experience in historical and comparative perspective. Cambridge University Press, 2001.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1996.

PONTE, William R. A. **Copa do Mundo à Luz das Políticas Públicas**. 2011.

Disponível em: <www6.ufrgs.br/snecp/4SNCP/GT_PolitPublicas/WilliamPonte.pdf> Acesso em: abril/2015.

_____ **Copa do Mundo no Brasil: Processo Decisório e seus Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos.** 8º Encontro da ABCP, Gramado/RS Área Temática: Política e Economia, 2012. Disponível em:

<http://www.starlinetecnologia.com.br/abcp2012/arquivos/26_6_2012_13_22_17.pdf>

Acesso em: abril/2015.

_____ **Futebol Brasileiro e CBF: o tradicional e o moderno em sua trajetória histórica.** ALAS. Santiago, Chile, 2013.

_____ **POLÍTICA E ESPORTE: A Copa do Mundo no Brasil.** Dissertação de mestrado. 2013

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro.** Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e política: a criação do Campeonato Nacional de Clubes de Futebol.** 2012.

Disponível em:

<<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%20e%20pol%C3%ADtica%20cria%C3%A7%C3%A3o%20do%20campeonato%20brasileiro%20de%20clubes%20de%20futebol.pdf?sequence=1>> Acesso em: abril/2015.

_____ **Urnas e nos gramados – as eleições e o Campeonato Brasileiro durante a Ditadura Civil – Militar.** 2011.

Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300668993_ARQUIVO_CampeonatoBrasileiroeDitaduraCivil.pdf> Acesso em: abril/2015.

SANTOS, Joel Rufino. **Na CBD até o papagaio bate continência.** *In:* Encontros com a Civilização Brasileira, número 5, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. SANTOS, Joel Rufino. **História Política do Futebol Brasileiro.** São Paulo, Brasiliense, 1981.

SANTOS, Mariângela. **O Futebol na Agenda do Governo Lula: Um salto de modernização (conservadora) rumo a Copa do Mundo FIFA 2014.** Brasília, 2011.

Disponível em:

<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9726/1/2011_MariangelaRibeiroSantos.pdf>

Acesso em: abril/2015

SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Futebol e Racismo no Brasil.** *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 169, nº 439, abr./jun. Rio de Janeiro, 2008. p. 131 – 147.

SILVA, Rafael. **Imprensa esportiva e o pensamento autoritário na obra de Thomaz Mazzoni.** 2012.

Disponível em:

<http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338510194_ARQUIVO_anpuh.pdf> Acesso em: abril/2015.

_____ **O esporte a serviço da pátria: por Thomaz Mazzoni.** 2010

Disponível em:

<http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276729863_ARQUIVO_CapituloIIIdefinitivo.pdf> Acesso em: abril/2015.

SCHERER-WARREN, Iilse. **Metodologia de Redes no Estudo das Ações Coletivas e Movimentos Sociais** in: Anais dos Encontros Nacionais da ANPUR, 2013,

Disponível em: <unu-hospedagem.com.br>

TAPIA, Jorge R. B. **Políticas Públicas, aprendizado social e direitos nas sociedades modernas: breves reflexões.** In: Teoria e Cultura: Revista do Mestrado em Ciências Sociais da UFJF. v.1, n.1, 2006, pp.9-34.

TAPIA, Jorge R. B. & GOMES, Eduardo R. **Idéias, interesses e mudanças institucionais.** 2000.

Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ts/v20n1/a12v20n1.pdf> Acesso em: abril/2015.

THÉRET, Bruno. As Instituições entre as Estruturas e as Ações.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n58/a11n58.pdf>> Acesso em: abril/2015.

TORRES, Sílvio. Comissão parlamentar de inquérito destinada a apurar a regularidade do contrato celebrado entre a CBF e a Nike. 2001.

Disponível em:

<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-temporarias/parlamentar-de-inquerito/51-legislatura/cpinike/notas/cpinike_250101.pdf>

Acesso em: abril/2015.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Pioneira. 2000

_____ **Ensaio de Sociologia.** (org. Gerth, H. e Mills, W.) Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1982.

DOCUMENTOS E RELATÓRIOS

Estatuto do Torcedor, 2003.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671.htm> Acesso em: abril/2015.

Lei Geral da Copa, 2012.

Disponível em:

<http://www.copa2014.gov.br/sites/default/files/publicas/sobre-a-copa/biblioteca/pl_lei-geral-da-copa.pdf> Acesso em: abril/2015.

Lei de Responsabilidade Fiscal do Esporte, 2015

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm

MP PROFUT, 2015

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Mpv/mpv671.htm

Money League, 2014.

Review of the European Football Players' Labour Market Elaborado por Professional Football Players Observatory

SITES:

www.afa.or.ar

www.bbc.co.uk/

<http://www.bbc.co.uk/portuguese/>

www.bdobrazil.com.br

www.brasil.gov.br

www.brasil.gov.br/esportes

www.bundesliga.com

www.camara.gov.br/

<https://www.cartacapital.com.br/>

www.cbf.com.br

www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/us.html

www.copa2014.gov.br/

www2.deloitte.com/uk

www.dfb.de

www.espn.com.br

www.exame.abril.com.br

www.fifa.com

www.figc.com

www.globoesporte.com

www.itau.com.br/itaubba-pt/

www.lancenet.com

www.nexojornal.com.br/

www.senado.gov.br/

www.sportv.com.br

www.pluriconsultoria.com.br

www.premierleague.com

www.trivela.com

www.uefa.com

www.uol.com.br/esportes

www.valor.com.br